

JOÃO HENRIQUE ZANELATTO

HOMENS DO BARRO

**EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES DA
CERÂMICA VERMELHA (OLARIAS) EM MORRO DA FUMAÇA**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em História da Universidade
Federal de Santa Catarina, para
obtenção do grau de Mestre.**

Florianópolis

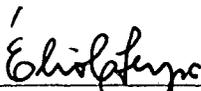
1998

**HOMENS DO BARRO
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES DA CERÂMICA
VERMELHA E (OLARIAS) EM MORRO DA FUMAÇA**

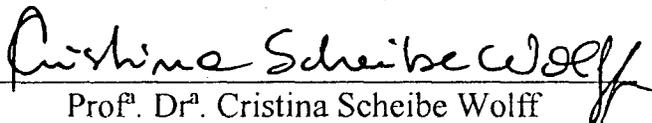
JOÃO HENRIQUE ZANELATTO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Elio Cantalicio Serpa (Orientador)



Prof.^a Dr.^a Cristina Scheibe Wolff



Prof.^a Dr.^a Loiva Otero Félix

Florianópolis, 26 de maio de 1998.

Agradecimentos

Aos trabalhadores em olarias que me receberam em suas casas e me permitiram compartilhar suas lembranças. Sem a sua presença essa pesquisa se esvaziaria, perderia o encanto.

Ao professor Nivaldo que me estimulou para entrar no mestrado.

Ao professor Élio pela orientação clara e precisa, pela liberdade e amizade estabelecida durante a pesquisa. Creio que foi a partir de suas críticas, e também entre o diálogo entre nossas experiências, que a pesquisa ganhou em qualidade.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em História da U.F.S.C. pelo acolhimento e dedicação.

Aos colegas do curso, pela amizade, carinho e as contribuições neste período de realização da pesquisa.

Aos meus pais que sempre me estimularam nesta busca de crescimento intelectual.

À minha esposa e aos meus filhos Bianca, Beatriz e Pedro Henrique que tiveram que aceitar minhas ausências em vários momentos da nossa relação.

SUMÁRIO

Resumo	_____	
Abstract	_____	
Sobre a Construção do Texto – A Trajetória de uma Pesquisa	_____	09
Parte I		
1. Constituição dos Trabalhadores do Barro	_____	24
1.1. Os Trabalhadores Rurais	_____	52
1.2. Pescadores, Mineiros e Outros	_____	57
Parte II		
2. Os Trabalhadores Frente as Olarias	_____	66
2.1. O Lazer	_____	80
2.2. A Escola	_____	86
2.3. Trabalho, Moradia, Salário – Teias da Submissão	_____	91
Parte III		
3. Formas de Resistência – Estratégias de Sobrevivência	_____	115
3.1. Os Trabalhadores em suas Famílias	_____	138
Últimas Palavras	_____	150

Anexos _____ **153**

Referências Bibliográficas e Fontes _____ **163**

ÍNDICE DE TABELAS

- 1 – TAB. I: População residente por migração no município de residência atual em Morro da Fumaça em 1980 _____ 35
- 2 – TAB. II: Classificação dos agricultores segundo a categoria de posse da terra da região de Criciúma e Tubarão _____ 36
- 3 – TAB. III: Relação das olarias filiadas ao Sindicato – SIOMF em 1992 _____ 107-108

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as experiências dos trabalhadores em olarias de Morro da Fumaça, no período compreendido entre 1970-1990. Optou-se pela utilização da história oral como instrumento de trabalho, sem no entanto menosprezar as demais fontes.

Assim na primeira parte da dissertação procuro acompanhar a trajetória das famílias que vieram a constituir-se na força de trabalho das olarias. Ao fazer isso apontamos para o crescimento do número de olarias, a utilização da mão-de-obra barata, o processo de migração ocorridos nas décadas 70 e 80 para Morro da Fumaça, bem como a sua procedência e antigas formas de trabalho. O segundo capítulo pretende compreender as transformações ocorridas nos modos de viver dos trabalhadores em olarias e os mecanismos e estratégias utilizadas pelos proprietários das olarias para submeter esses trabalhadores ao seu domínio. O último capítulo quer tratar das formas de resistência e estratégias de sobrevivência utilizadas pelos trabalhadores das olarias sejam elas organizadas nos moldes institucionalizados ou expressas sob diversas formas, dentro e fora do espaço fabril.

ABSTRACT

This research has by objective to understand the worker's experience in potteries of Morr da Fumaça, in the period between 1970 – 1990. Opted by the utility of the oral history as instrument of work, without look down upon others fountain.

In the first part of de dissertation look to keep up with the family's trajectory that came constitute strength potterie's work. This we point out to the growth number of potteries, the use of the cheap labour, the process of migration occurred in the decade 70 and 80 at Morro da Fumaça, as well as your origin and old form of work. The second chapter intend to understand the transformations that occurred modes of live potteries' workers, and the mechanism and strategies used by the owners of the pottiers for subject these workers in their dominion. The last chapter to want treat of form resistance and strategies of survival used by potteries' workers that were organized in the molds institucionals or express about several forms, in the factory space or out the factory space.

SOBRE A CONSTRUÇÃO DO TEXTO

A TRAJETÓRIA DE UMA PESQUISA

Era tempo do "Milagre" e em Morro da Fumaça, um pequeno município do Estado de Santa Catarina, situado entre as cidades de Criciúma e Tubarão, numa região conhecida tradicionalmente pela economia baseada na agricultura e a extração do carvão, começa a despontar como grande produtora de tijolos na região, passando a exportar para os estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Se estes foram tempo eufóricos para uns, foram tempos difíceis para outros. Assim, na medida que o número de olarias aumentava, havia uma necessidade de mão-de-obra. Desta forma, a força de trabalho das olarias foi se constituindo quase que na sua totalidade, por migrantes vindos dos vários municípios da região e até de outros estados. Uma diversidade de trabalhadores vai compor a força de trabalho das olarias: trabalhadores rurais despossuídos, pescadores, mineiros, entre outros. São homens e mulheres que experimentaram as mais diversas experiências na luta pela sobrevivência.

Esta trajetória não quer apenas apontar para a aridez das estatísticas, buscar os mecanismos coercitivos do Estado, as afirmações de dirigentes sindicais ou o crescimento econômico produzido pelas olarias na década de 70 e 80. No entanto, não cabe a nós esquecer-las, e sim, reinterpretá-las; trazendo à luz uma nova matéria-prima ou, para usar uma expressão de Henri Moniot, trazer à luz a

“história dos povos sem história”¹. É preciso salientar que até este momento a historiografia regional produziu poucos estudos na perspectiva que estou abordando. Por isso, acho importante fazer uma reflexão sobre algumas perspectivas de abordagem presentes na historiografia sobre movimentos sociais de Santa Catarina.

Assim, aponto para algumas obras que foram construídas pela historiografia sobre os movimentos sociais em Santa Catarina, dentre elas, citamos o artigo de Rufino Porfírio Almeida; O Movimento Operário em Santa Catarina: A Greve de 1917, em Joinville.² Neste artigo, o autor através de uma história econômica, demográfica e quantitativa faz uma descrição da greve de 1917 em Joinville, dando ênfase a conjuntura internacional, nacional como propulsoras daquele movimento e da criação de associações tanto de patrões e operários naquela cidade.

Samir Ribeiro de Jesus³ em sua dissertação de mestrado, trata do processo histórico de transformação do caboclo serrano do sul do Planalto de Santa Catarina, para o trabalho assalariado. O autor aponta para três fases nesse processo: a primeira, que se estende do século XVIII à segunda metade do século XX, aborda a formação do caboclo enquanto trabalhador peão, formado nas práticas extensiva e enquanto, trabalhador roceiro, vinculado a uma produção de subsistência. Na segunda, de 1950 - 1970, analisou o caboclo incorporado as serrarias ligado ao

¹ MONIOT, Henry. A história dos povos sem história. In: Le Goff J. e Nora P. (org.) **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. P.69 - 112.

² ALMEIDA, Rufino Porfírio. O Movimento Operário em Santa Catarina: A Greve de 1917, em Joinville. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. 3ª Fase, nº 4, 1982/83. P.130/173.

³ JESUS, Samir Ribeiro de. **Formação do Trabalhador Catarinense: o caso do caboclo do planalto serrano**. Florianópolis: UFSC. 1991. (Dissertação de Mestrado em História).

moderno processo de produção de madeira da região. Por último aponta a transferência dos caboclos do campo para a cidade, ou para trabalhar nos pomares de maçã na condição de trabalhador temporário.

A seguir apontaremos três pesquisas onde os trabalhadores de Santa Catarina são percebidos pela via do sindicato.

Da Sociologia temos o trabalho de Terezinha Gascho Volpato, “A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma”⁴, nele a autora faz uma descrição e análise dos trabalhadores das minas de carvão de Criciúma. Aborda, também, o processo de trabalho na indústria do carvão, bem como, a organização dos trabalhadores no sindicato.

Vindo da história, apontamos a dissertação de Maria de Fátima Sabino Dias. “Sindicalismo e Estado Cooperativista: o caso do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de fiação de Blumenau – 1941-1950”⁵. A autora, ao analisar a organização daquele sindicato, procura mostrar que o mesmo atuou dentro dos estreitos limites da lei, com base praticamente voltada para os serviços assistencialistas. Entretanto, ela também ressalta, em sua pesquisa, que o movimento operário mostrou-se organizado e combativo durante as greves de 1948 e 1950. Ainda sobre o mesmo sindicato, mas com outra periodização, encontramos a dissertação de Aparecida Beduschi Sehwb. “O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Blumenau – 1950-1988”⁶.

⁴ VOLPATO, Terezinha G. *A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

⁵ DIAS, Maria de Fátima Sabino. *Sindicalismo e Estado Cooperativista: o caso dos trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Blumenau – 1941-1950*. Florianópolis: UFSC, 1985. Dissertação de Mestrado.

⁶ SEHWAB, Aparecida Beduchi. *O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Blumenau – 1950-1988*. Florianópolis: UFSC, 1988. Dissertação de Mestrado.

Seguindo pela via do Sindicato, porém com um novo olhar, foi publicado recentemente sob a coordenação de Joana Maria Pedro e Maria Bernadete Ramos Flores o livro: “(Re)inventando a Cidadania: A História do Sindicato dos Eletrecitários de Florianópolis”.⁷ Este trabalho teve por objetivo refazer a trajetória do Sinergia criado em 1960. Nele, as autoras procuram perceber o perfil de atuação deste sindicato ao longo dos anos, o caráter de suas lutas, os dilemas e contradições. Ao refazer essa trajetória, que vai de (sindicato assistencialista, sindicato combativo, apontam para uma nova mudança nos rumos do Sindicato, designada como “Sindicato Cidadão”.

Para finalizar essa reflexão sobre as várias perspectivas de abordagens dos movimentos sociais de Santa Catarina, aponto a dissertação de Marlus Niebuhr, “Memória e Cotidiano do Operário têxtil na cidade de Brusque – Santa Catarina; A Greve de 1952”.⁸ Niebuhr ao buscar a memória dos operários têxteis da cidade de Brusque, procurou compor um quadro do cotidiano daqueles trabalhadores. É importante salientar, que o autor privilegiou a história oral como instrumento de trabalho.

Assim, aponte para essas abordagens sobre os movimentos sociais de Santa Catarina objetivando mostrar ao leitor, que esta pesquisa que hora vou lhes apresentar, está reagindo contra as interpretações marxistas que enfatizavam as

⁷ PEDRO, Joana Maria. FLORES, Maria Bernardete Ramos. **(Re)inventando a Cidadania: a história do sindicato dos eletricitários de Florianópolis**. Florianópolis: Sinergia, 1994.

⁸ NIEBUHR, Marlus. **Memória e Cotidiano do Operário Têxtil na Cidade de Brusque – SC: a greve de 1952**. Florianópolis. UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.

forças sócio-econômicas, como as principais determinantes da história, ou que mostravam os trabalhadores pela via do sindicato. Portanto, redobrei os cuidados, evitando explicações mecanicistas ou funcionalistas. Cabe explicitar que, nesta pesquisa, estou dando ênfase a uma abordagem cultural de história e, para explicar as formas de resistência, as lutas e as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores em olarias, recorreremos à experiência e aos hábitos de vida, para assim, compreender como estão se constituindo.

Por isso, ao colher a fala desses trabalhadores, buscamos compreender as suas experiências e assim trazer a vida para a história, ampliando a sua dimensão. Entretanto, compreender a singularidade que compõe a trama das relações e realizações dos trabalhadores em olarias, constitui uma tarefa árdua e não muito fácil, em decorrência das dificuldades de acesso as fontes, como documentos escritos e outros. É preciso ter clareza que a historiografia das últimas décadas tem favorecido a uma história social voltada para a memória de grupos marginalizados do poder. Novas abordagens e métodos de pesquisa estão libertando aos poucos os historiadores de preconceitos atávicos, abrindo espaço para uma história microssocial do cotidiano. No dizer de Maria Odila Leite da Silva Dias “a percepção de processos históricos diferentes, simultâneos, a relatividade das dimensões da história, do tempo linear, de noções como progresso e evolução, dos limites de conhecimento possível diversificam os focos de atenção dos historiadores, antes restritos ao processo de acumulação de riqueza, de poder e à história política institucional”.⁹

⁹ DIAS, Maria Odila L. da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995. P.14.

Esse alargamento das perspectivas de investigação no campo da história coloca para o historiador uma renovação de sua visão do passado e ao mesmo tempo que aponta para uma concepção de sociedade. Portanto, para compreender as experiências dos trabalhadores em olarias precisamos captar e problematizar o processo de sua constituição e analisar particularidades de sua articulação entre cotidiano, vida, educação, religião, lazer, família, dominação e exploração, trabalho, classe, sociedade, etc... E, como salienta Déa Ribeiro Fenelon:

...pensar estas formas de articulação assinaladas em termos da explicitação de um campo teórico, significa abranger todo o campo de luta de classes com toda a multiplicidade de formas e instâncias que ela comporta. Significa ver desde a luta política visível organizada e institucionalizadora destas classes, através de associações, sindicatos e partidos, até as lutas específicas de diferentes setores em vários momentos para incluir também as formas 'surdas' de resistência e as estratégias ocultas de subordinação e controle.¹⁰

Nesta pesquisa, o conceito de experiência é entendido como o processo de constituição do social, que se configura não somente nos sistemas econômicos, nos regimes políticos institucionais, como também, na maneira como os sujeitos sociais elaboram e reelaboram seus modos de viver. Desta maneira, a contribuição de Thompson foi de fundamental importância para a realização da pesquisa. A obra "A Formação da Classe Operária Inglesa"¹¹, nos permite perceber o fazer-se da

¹⁰ FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação**. Projeto Histórico. São Paulo, PUC, nº 4 - junho/85. P.28.

¹¹ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Volume I, II e III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

classe operária, num processo de constituição e de luta que se manifesta em todos os aspectos da vida. O fazer-se dos trabalhadores em olarias, tal como observou Thompson, "é um fato tanto da história política e cultural quanto da economia".¹²

Nesta perspectiva, Thompson ainda assinala que, "os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro desta idéia do termo - não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e antagonismos, e em seguida tratam esta experiência em sua consciência e sua cultura, das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre suas situações determinadas".¹³

Ao considerarmos o processo de constituição dos sujeitos sociais como um processo de auto construção política e cultural, tanto como econômica, vemos como fundamental dar conta, não só dos modos de viver desses sujeitos, como também, trabalhar os fatos acima de qualquer compartimentação. Se a dominação e a exploração se constituem não exclusivamente no espaço de trabalho, mas em todas as dimensões do social, cabe centrar as explicações dessa experiência nos mecanismos que asseguram a exploração e a dominação onde quer e como se expressa.

Grande parte do material da pesquisa levou-nos para o campo da metodologia, conhecida como história oral. Neste sentido, achamos importante fazer algumas reflexões acerca da questão.

¹² Idem. V. 2. P.17.

¹³ THOMPSON, E. P. **Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. P.182.

Segundo Lozano, “nos anos 90, falar da história oral, como método historiográfico já não representa um fato novo, com propostas sugestivas e procedimentos atraentes ou inéditos no ofício do historiador. Hoje a proposta metodológica da história oral é mais bem aceita e faz parte do arsenal técnico-metodológico geral de um número cada vez maior de profissionais de história e outras disciplinas afins”.¹⁴ Já é reconhecido a existência de uma tradição acadêmica em muitos lugares do mundo, mesmo em nosso país, em várias áreas se empreenderam modernos projetos de pesquisa tendo como ponto de partida e eixo principal, a história oral.

Considerando a história oral uma metodologia, nos permitimos levantar a seguinte questão: Qual seria o terreno da história oral? Para Janaina Amado e Marieta Moraes Ferreira, “a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece procedimentos de trabalho, tais como os diversos tipos de entrevistas e a implicação de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática”.¹⁵

Seguindo este raciocínio, podemos dizer que fazer história oral significa produzir conhecimentos históricos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e das experiências de “pessoas”. Como já foi comentado anteriormente, a dificuldade de acesso as fontes escritas, sobre os trabalhadores de olarias levou-nos para o campo da história oral.

¹⁴ LOZANO, Jorge E. Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.17.

¹⁵ AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.XVI.

Ao trabalhar a história oral como metodologia, deve-se atentar para o fato que entrevistador e entrevistado tornam-se atores de uma mesma experiência. Depoente e entrevistador ao se unirem no objetivo comum de recuperar caminhos percorridos, cruzam suas próprias experiências. No dizer de Khoury, "o testemunho oral significa,(...) a recuperação do vivido, transmitido por quem viveu, sendo impossível ignorar o elemento memória, ou seja, a atribuição de significados que o depoente acrescenta à sua experiência social, da mesma forma que o historiador faz, ao escutar a narrativa e ao sistematizá-la.¹⁶

Ainda sobre a relação entrevistador e entrevistado, Montenegro nos diz: "A postura de um entrevistador deve ser de um parceiro que não conhece a pressa e a impaciência e está disponível a ouvir as histórias do entrevistado com o mesmo cuidado, atenção, respeito, tenham estas significado ou não para a pesquisa em tela.¹⁷

Na realização das entrevistas procuramos atentar para a influência que as imagens e as idéias do presente exercem sobre a narração do sujeito. Conforme assinala Maurice Halbwachs¹⁸, o lembrar não é somente um reviver o passado ou recuperá-lo, mas reconstituí-lo, repensá-lo com imagens e idéias do presente. Com isso queremos dizer que o ato de lembrar tem sua própria seletividade; para Henry

¹⁶ KHOURY, Yara Aun. **Testemunho e Imagem nas Perspectivas de Investigação de Movimentos Sociais**. Programa de Pós-Graduação de História da PUC/SP. 1990. P.14.

¹⁷ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral Caminhos e Descaminhos**. In: **Revista Brasileira de História 25/26**. São Paulo: ANPUH. Marco Zero, 1992. P.57.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice, Editora dos Tribunais, 1990. Nesta obra o autor desenvolve a questão da influência da experiência presente na memória.

Rouso, a memória “é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”.¹⁹

É interessante notar que nesse processo de universos imbricados, o tempo cronológico é inexistente. “O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatava e condiciona quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira”.²⁰ Neste sentido, toda a memória é por definição “coletiva”, como apontou Maurice Halbwachs. No entanto, procurei ficar atento as representações que os trabalhadores faziam do passado. Penso que trabalhar com a memória significa trabalhar com representações e contradições, pois esta está consubstanciada por constantes mudanças e armadilhas. De certa forma, o historiador e o sujeito da memória constroem no presente uma perspectiva do que aconteceu num tempo que não existe mais.

Quanto aos procedimentos práticos das entrevistas, queremos destacar a opção inicial por depoimentos livres, ou apenas ligeiramente direcionados, deixando que aflore a narrativa dos depoentes em toda a sua intensidade, sem perguntas muito rígidas, procurando ter a sensibilidade de insistir ou explorar mais uma questão ou então, adia-la para um outro momento conforme a disponibilidade ou resistência do depoente. No dizer de Montenegro, “o respeito ao entrevistado supõe

¹⁹ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.94.

²⁰ MONTENEGRO, Antônio Torres. Op. cit. p.60.

possibilitar que este desenvolva suas observações, análises, pontos de vista, sentindo-se livre da obrigação de atender a qualquer expectativa”.²¹ Portanto, o historiador deve ter respeito pela fala do entrevistado como meio de obter uma narrativa natural e espontânea. Através de uma escrita atenta e aberta da narração do entrevistado, poderá levar a detalhes ricos e complexos da experiência social.

Há ainda que se destacar a questão da chamada história do tempo presente e suas relações com a história oral, na medida que esta pesquisa trata de um período bastante recente. Para um melhor entendimento desta questão é importante colocar, que a história do tempo presente “permite perceber com maior clareza e articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de outro, as determinações e interdependências que tecem os laços sociais. Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do Social pelos indivíduos de mesma formação social”.²² Logo, penso ser importante a contribuição da história oral para atingir esses objetivos.

Faz-se necessário ainda lembrar as dificuldades que muitos autores encontravam em trabalhar com a história do tempo presente; dentre eles, Eric Hobsbawn, “explicava suas dificuldades de trabalhar com os objetos contemporâneos, pois certamente teria que se insurgir contra certas orientações do

²¹ Idem, ibidem. P.55 - 56.

²² AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.XXIV.

partido comunista, ao qual estava vinculado”.²³ Entretanto, em “Mundos do Trabalho”, Hobsbawn aponta para a importância da história oral, para o conhecimento dos trabalhadores pobres, quando diz:

*“É importante recuperar o que pudermos sobre o mundo como os trabalhadores viviam, agiam e pensavam e, na medida em que agora está se produzindo uma grande quantidade de história oral; (...) há uma importante ampliação de nossa perspectiva”.*²⁴

No entanto, os anos 80 abriram novas possibilidades para o estudo da história do século XX, em função do aprofundamento das discussões acerca das relações entre passado e presente na história e o rompimento com a idéia que identificava objeto histórico ao passado, como ele “realmente” aconteceu. Para Roger Chartier, “o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja a história ele escreve”.²⁵

Assim, grande parte desta pesquisa fez-se com o auxílio da história oral na tentativa de recuperar as experiências desses homens e mulheres que se constituíram na força de trabalho das olarias. Realizei dez entrevistas. Essas entrevistas foram efetuadas em finais de semana onde não havia o olhar do patrão.

²³ HOBBSAWN, Eric. Citado por FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral e Tempo Presente. In: **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. P.15.

²⁴ HOBBSAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P.23.

²⁵ CHARTIER, Roger. A Visão do Historiador Modernista. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.216.

Procurei estabelecer uma relação de amizade com esses trabalhadores, para ganhar sua confiança. Quero destacar aqui, a amizade que estabeleci com a família Madeira, pois além das duas entrevistas que realizei, a primeira com o Beto e a segunda com o Zé, apresentaram-me os outros trabalhadores com o senhor Nilton e o senhor Manoel, mais conhecido como Bileca e já aposentado.

Destaco também, as caipirinhas, as cervejas, o almoço na casa da família Madeira, favorecendo a um “bate-papo”. Cabe lembrar o “bate-papo” que tive com o senhor Antônio e seus filhos bebendo uma cachaça muito forte; foi a partir deste que marcamos a entrevista. Acho importante lembrar também, o cafezinho que bebi na casa do senhor Nenem e o senhor Henrique, mesmo não gostando de café. O senhor Henrique conheci através de seu genro, que foi meu aluno no 1º e 2º grau no Colégio Estadual Princesa Isabel de Morro da Fumaça. Surpresa maior, tive quando visitei-o e percebi que uma de suas filhas fora também minha aluna. Este conhecimento facilitou o relacionamento e a realização da entrevista.

Há ainda que se ressaltar, os “bate-papo” coletivo nos campos de futebol e nos bares. Foi desta forma, que consegui penetrar no interior da vida desses sujeitos que não se encontram em nenhum documento escrito, pois como observou Maria de Lourdes Mônaco Janotti, “A História Oral rompe com silêncios provenientes do cotidiano, do fazer anônimo, revelando acontecimentos, experiências e mentalidade que não se encontram nos documentos escritos e nas versões oficiais da historiografia”.²⁶

²⁶ JANOTTI, Maria. L. M. Refletindo sobre a História Oral: Procedimentos e Possibilidades. In: **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. P.60.

Quanto as fontes escritas, recorri principalmente à AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, DRT - Delegacia Regional do Trabalho - Criciúma, SIOMF - Sindicato da Indústria de Olarias de Morro da Fumaça, jornais da região, fichas de pagamento dos trabalhadores.

A presente pesquisa foi estruturada em três capítulos.

O primeiro capítulo, "Constituição dos Trabalhadores do Barro"; tem como eixo central duas questões básicas: a primeira tem a intenção de acompanhar a trajetória das famílias que vieram a constituir-se na força de trabalho das olarias. Ao trabalhar esta questão apontamos para o crescimento do número de olarias, a utilização da mão-de-obra barata e o processo de migração ocorrido nas décadas de 70 e 80 para Morro da Fumaça. A segunda questão, quer mostrar a heterogeneidade de experiências desses trabalhadores, apontando para sua procedência e antigas formas de trabalho.

No segundo capítulo, "Os Trabalhadores Frente as Olarias", pretende compreender as transformações ocorridas nos modos de viver desses homens e mulheres ao trabalhar nas olarias. No sub-capítulo, "Trabalho, Moradia, Salário - Teias da Submissão", lançamos o olhar sobre os mecanismos e estratégias utilizados pelos proprietários de olarias para submeter esses trabalhadores a seu domínio.

Já no terceiro capítulo, "Formas de Resistência - Estratégias de Sobrevivência", privilegiamos a experiência cotidiana dos trabalhadores no espaço da indústria e fora dela. Queremos analisar as formas de resistência e as estratégias utilizadas por esses trabalhadores, sejam elas organizadas nos moldes institucionalizados ou expressos sob diversas formas, dentro e fora do ambiente

fabril. No sub-capítulo, “Os Trabalhadores em suas Famílias”, abordaremos esta questão divergindo do modelo tradicional de família. Queremos mostrar, que através da família foram criadas pequenas estratégias e formas de resistência, na luta pela sobrevivência.

Desta maneira, como argumenta Maria Stella Bresciane: “deixemos que a voz do trabalhador, ou seus ecos, fale da dolorosa sujeição ao infundável tempo do patrão da perda de auto determinação na atividade de produzir; que fale de sua resistência, de suas lutas... e de como foi insuportável para o ‘mundo civilizado’ conviver com os fragmentos de uma cultura sobre a qual não tinha alcance”.²⁷ E, só assim poderemos dar visibilidade a uma parte oculta e silenciada da história.

²⁷ BRECIANE, Maria Stella M. *Lógica e Dissonância - Sociedade de Trabalho: lei, ciência e resistência operária*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, 1986. V. 6, nº 11. P.9.

PARTE I

CONSTITUIÇÃO DOS TRABALHADORES DO BARRO

*Estas chaminés
me tiram a paz...*

*Estas chaminés
me deixam sem ar.
Estas chaminés
me fazem pensar...*

*Estas chaminés
me deixam doente.
Estas chaminés
escavam a terra.
Estas chaminés
tiram a semente da terra
Estas chaminés
empobrecem esta terra.
Estas chaminés
que constróem
destróem esta terra.*

*Estas chaminés
me entristecem.
Estas chaminés
me mandam embora.¹*

Nesta poesia, o senhor Gilberto aponta uma série de problemas trazidos pelo grande crescimento do número de olarias em Morro da Fumaça. Esse crescimento do número de olarias foi ocorrendo a partir do final da década de 60. Neste sentido, para compreender este crescimento do número de olarias, achamos importante explicitar alguns aspectos do processo de constituição da cidade.

¹ MADEIRA, Gilberto. Poesia: Morro da Fumaça.

Morro da Fumaça surge efetivamente como município em 1962, quando dá sua emancipação política. Até então, era um distrito pertencente ao município de Urussanga, distante 160 km de Florianópolis e localizado no extremo Sul Catarinense. Tem uma população constituída em sua maioria por descendentes de imigrantes italianos. Isso, nos remete a 1910, quando chegam os primeiros imigrantes italianos e iniciam a colonização. Esses imigrantes, como assinala Claudino Biff, “já estavam na região sul; eles eram de Rio América, Rio Carvão, Urussanga, Cocal e Rio Galo”²; compraram as terras que vieram a constituir o município de Morro da Fumaça. “Assim nasce a Fumaça com a face ainda bem italiana”.³ Esses imigrantes que se tornaram proprietários de terras, foram responsáveis pela construção das primeiras olarias e posteriormente seus filhos implantaram a maioria das olarias existentes na cidade.

Sua economia inicialmente era baseada na agricultura. As olarias que vêm surgindo a partir da década de 20, ainda não têm expressão na economia do município, sua produção era consumida pelos municípios vizinhos. Olívio Cechinel, proprietário de olaria, ao ser entrevistado por Claudino Biff, conta que “o que foi mais importante na minha vida passada, foi a de ser oleiro. Olaria tocada a boi(...). Fui um dia a Caxias do Sul e comprei um motor alemão, tocada a gasogênio(...). Com motor a gasogênio eu produzia dez mil tijolos maciços por dia (...). Fabriquei até tijolos

² BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e Sua Divina e Humana Comédia**. Tubarão: Coan, 1993. P.11.

³ Idem, *ibidem*, P.11.

refratários para Próspera usar nos fornos de Coque. A primeira olaria de Morro da Fumaça foi fundada por mim em 1932”⁴, entretanto, um outro entrevistado de Claudino Biff também proprietário de olaria, o senhor Teodoro Maccari conta que “as olarias que existiam no meu tempo foram de Gregório Espíndola, do Pedro Gabriel e a minha. Todas a boi. Só depois de dez anos de bois, chegou o motor”.⁵ Ao que parece, havia uma disputa pelo pioneirismo na introdução da primeira olaria em Morro da Fumaça.

No entanto, é só no final da década de 60 que ocorre um crescimento extraordinário do número de olarias, que passaram a produzir e vender para toda região e até para outros estados.

A economia do município não se resumia somente às olarias. Na década de 70, além das olarias, três mineradoras de fluorita, dois moinhos de beneficiamento de arroz e o cultivo de fumo, arroz e milho constituíram-se nas atividades mais expressivas na economia de Morro da Fumaça. Sua economia veio diversificar-se significativamente na década de 80.

As principais atividades empresariais se localizam, contudo nas fábricas de tijolos (60), 5 engenhos de arroz, 3 mineradoras, além de indústrias de lajes pré-moldadas, telhas, pisos e outros. Dentro da agricultura, tem destaque a plantação de fumo, industrializado por empresas multinacionais com sede no município, além das culturas de arroz, milho e feijão. Muitos jovens que usam jeans no país todo,

⁴ CECHINEL, Olívio. Citado por BIFF, Claudino. In: **Morro da Fumaça e Sua Divina e Humana Comédia**. Tubarão: Coan, 1993. P.23 e 24.

⁵ MACCARI, Teodoro. Citado por BIFF, Claudino. In: **Morro da Fumaça e Sua Divina e Humana Comédia**. Tubarão: Coan, 1993. P.68.

das marcas Staroup e Ellus podem estar vestindo confecções cortadas e costuradas pelas montadoras da cidade.⁶

Os indícios nos levam a crer, que boa parte desta diversificação tenha se consolidado com capitais provenientes das olarias.

Desta forma, para iniciar o estudo sobre as experiências dos trabalhadores em olarias, parece-nos importante historicizar um pouco o grande crescimento do número de olarias, ocorrido no final da década de 60 em Morro da Fumaça, para possibilitar ao leitor uma melhor compreensão destas experiências.

O diagnóstico de setor de cerâmica vermelha em Santa Catarina, publicado em julho de 1990, pela secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia das Minas e Energia do Estado de Santa Catarina, estimava a existência de 742 empresas no Estado.

Santa Catarina possui um parque de Cerâmica Vermelha que gera cerca de 11.000 empregos diretos e 30.000 indiretos, constituindo-se num setor importante no ponto de vista sócioeconômico, apresentando maior concentração na Região Norte com 51,9 %, seguido da Região Sul com 38,8 % e Região Oeste com 9,3 %.⁷

⁶ Jornal da Manhã, 19/05/88. P. 04.

⁷ Diagnóstico do Setor de Cerâmica Vermelha em Santa Catarina. Julho de 1990. Citado por SANTOS, Maurício Aurélio dos. P.135.

A indústria da cerâmica vermelha no Sul de Santa Catarina empregava “em 1990, aproximadamente 4.268 trabalhadores, gerando mais de 11.640 empregos diretos. São empresas de pequeno porte, empregando na sua maioria, de 11 à 20 empregados (60 %), sendo que apenas (9 %) oferecia mais de 20 vagas no mercado de trabalho. O restante (31%), empregava até 10 empregados”.⁸ Em Morro da Fumaça “são produzidos mensalmente aproximadamente 30 milhões de tijolos nas 75 olarias do município. Em toda a região existem cerca de 200 empresas do ramo”.⁹

Assim, podemos perceber que Morro da Fumaça participava com mais de 10% do setor da cerâmica vermelha, sendo conhecida como a “capital do tijolo” na região Sul do Estado, pelo grande número de olarias concentradas no município.

Segundo o Jornal do Correio do Sudeste de Maio de 1977, já existiam cerca de 100 cerâmicas em Morro da Fumaça. Em 1980 o IBGE registrava 74 indústria de transformação de minerais não metálicos na cidade, e no Sindicato das Indústrias de Olarias de Morro da Fumaça (SIOMF), em 1992, estavam filiadas 95 olarias, sendo que 62 estavam situadas no município.

A partir dos dados estatísticos do I.B.G.E., apesar de algumas controvérsias em relação aos dados encontrados no jornal e os fornecidos pelo sindicato, podemos perceber um crescimento extraordinário do número de olarias, cerâmicas vermelhas em Morro da Fumaça.

⁸ Idem, ibidem, P.135.

⁹ Jornal da Manhã. 07/07/97.

Na década de 1960 as olarias se multiplicam, para atender uma demanda crescente de tijolos, cujo mercado abrange de Florianópolis a Porto Alegre.¹⁰

Vários fatores vieram a contribuir para a expansão das olarias no final da década de 60: a expansão da energia elétrica com a criação da cooperativa (CERMOFUL), em 1967, o rio Urussanga é dragado, ocorrendo o enxugamento de uma grande extensão de várzea, possibilitando a exploração da matéria prima (argila), as marombas vindas do Rio Grande do Sul e São Paulo (maquinário para instalar as olarias) e conseqüentemente a instalação dessas fábricas no município, a conclusão da BR 101 facilitando o escoamento da produção, a criação do BNH que deu um grande impulso na construção civil. "O BNH oferecia créditos maciços aos construtores, permitindo-lhes acelerar as obras"¹¹, e posteriormente um aquecimento ainda maior com os financiamentos do S.F.H. (Sistema Financeiro de Habitação).

As condições estavam propícias para o desenvolvimento do setor cerâmico em Morro da Fumaça. A construção civil crescia em ritmo acelerado, a necessidade de tijolos era crescente. Os preços dos tijolos a cada dia ficavam mais altos e novas cerâmicas eram construídas.

Cada família de três ou quatro irmãos que possuíam terrenos com matéria prima (na sua maioria famílias descendentes de italianos que se estabeleceram em Morro da Fumaça e eram os proprietários das terras) abandonavam a lavoura e dedicavam-se exclusivamente ao ramo cerâmico.

¹⁰ AMREC. Associação dos Municípios da Região Carbonífera, 1987. Introdução.

¹¹ FILHO, Alcides Goularti. NETO, Roseli Genoveva. **A Indústria do Vestuário: Economia, estatística e tecnologia.** Letras Contemporâneas, 1997. P.41.

O crescimento foi tão intenso que para cada sociedade de três ou quatro irmãos, eram construídas novas olarias. Esse período de crescimento das cerâmicas em Morro da Fumaça, coincide com o extraordinário crescimento econômico ocorrido no Brasil na década de 70.

As palavras de Singer procuram exprimir o crescimento ocorrido:

Em períodos de extensa expansão da atividade econômica o mercado cresce tanto para as empresas capitalistas quanto para os trabalhadores autônomos. Isto faz com que a pequena burguesia se expanda em termos absolutos e relativos.(...) Foi o que aconteceu no Brasil entre 1970 e 1976, por ocasião do extraordinário crescimento conhecido por "milagre econômico".¹²

Cabe esclarecer, que o modelo econômico imposto ao país após o golpe de 1964 trouxe sérios reflexos à sociedade, sobretudo, para a classe trabalhadora: o aumento da população urbana e da pobreza, a concentração da renda, a inflação crescente, o arrocho salarial, altas taxas de juros, desemprego etc... É o Estado intervindo na economia, criando condições de funcionamento e expansão da empresa privada, nacional e estrangeira. Esse foi o preço econômico que os assalariados, em geral, e o proletariado, em particular, foram obrigados a pagar para o controle da inflação e em favor da concentração da renda; isto é, da reprodução do capital.

Seguindo este raciocínio Octávio Ianni nos diz:

¹² SINGER, Paul. *A Formação da Classe Operária*. 6ª ed. São Paulo: Atual, 1988. P.64.

É preciso considerar que a crescente participação do Estado na economia brasileira correspondeu à crescente socialização dos custos de instalação e ampliação da infra-estrutura econômica e político-administrativa indispensável ao funcionamento e à diversificação do setor privado, nacional e multinacional. Desde o uso dos impostos pagos pela população, até à política salarial, muitas são as formas das quais o Estado tem socializado uma parte substancial dos investimentos indispensáveis ao funcionamento, diversificação e prosperidade o setor privado.¹³

Com o crescimento das olarias, cresce também o número de mão-de-obra necessária à produção. A mão-de-obra existente no município já não supria o aumento do número de cerâmicas, pois eram poucas as pessoas que encontravam-se dispostas a trabalhar nas olarias, devido aos baixos salários e as duras condições de trabalho. Esta falta de mão-de-obra levou os proprietários das cerâmicas a procurarem trabalhadores nos municípios vizinhos, em várias regiões do Estado e até em outros estados.

Diante da situação exposta, achamos importante levantar algumas questões para a melhor compreensão do texto: 1) Quem são os trabalhadores em olarias? 2) De onde provêm esses trabalhadores? 3) No que trabalhavam? 4) Quais seus hábitos de vida? Para responder a essas questões faremos algumas considerações acerca da mão-de-obra utilizada pelas cerâmicas. Tudo leva a crer, que o processo de produção dentro das olarias de Morro da Fumaça sempre foi muito rudimentar. Conforme o Jornal da Manhã de Julho de 1997: "O processo de fabricação de tijolo ainda é praticamente de forma artesanal. A única mecanização está na máquina que

¹³ IANNI, Octávio. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5ª ed. 1991. P.279.

móe e molda o tijolo”.¹⁴ Para o articulista do Jornal da Manhã, os proprietários de olarias não investiam em tecnologia, e por conseguinte, não podiam baratear custos. Com o processo tecnológico arcaico, não havia necessidade de mão-de-obra especializada para trabalhar nas olarias.

Sobre a situação das Cerâmicas vermelhas de Santa Catarina, Maurício Aurélio dos Santos coloca:

*A mão-de-obra não apresenta qualificação profissional com formação técnica específica e a estrutura organizacional da maioria das empresas é familiar, ou seja, os conhecimentos e técnicas passam de geração para geração. Em função destes fatores, temos empresas com pouco desenvolvimento tecnológico e administrativo, levando o proprietário a assumir as mais diversas funções dentro da empresa, atuando hora como administrador, hora como técnico de produção, hora como vendedor.*¹⁵

Aliados a esses problemas estão a falta de planejamento, o desperdício de matéria-prima, energia, combustível, a inexistência de controle de qualidade etc... São esses os principais problemas enfrentados pelo setor.

Recentemente, o proprietário de olaria César Pagnan foi reconduzindo à presidência do Sindicato Patronal. Em entrevista ao Jornal da Manhã, aponta um dos principais objetivos de sua nova gestão, e ao mesmo tempo demonstra a precariedade em que se encontram as olarias frente ao processo de modernização que atravessa o capitalismo brasileiro.

¹⁴ Jornal da Manhã. 07/07/97.

¹⁵ Diagnóstico do Setor de Cerâmica Vermelha em Santa Catarina. Julho de 1990. Citado por SANTOS, Maurício Aurélio dos. P.135.

Um dos objetivos (...) em sua nova gestão é formar parceria com entidades como Senai, Sebrae e Centro de Tecnologia Cerâmica para promover cursos visando a preparação tanto do empresário do setor como dos funcionários das olarias da região.(...) as empresas do setor precisam se tornar competitivas, produzindo telhas e tijolos com mais qualidade. Para isso, (...) é necessário que os proprietários de olarias se conscientizem e se preparem.¹⁶

Assim, contrariando uma das prerrogativas básicas do capitalismo, que é a introdução de novas tecnologias e a especialização da mão-de-obra, as olarias de Morro da Fumaça desde sua expansão iniciada no final da década de 60 e adentrando pelas décadas de 70 e 80, praticamente continuaram com o processo de fabricação de tijolos de forma muito artesanal.

Diante do exposto, tudo nos leva a crer, que a exploração da mão-de-obra barata tornou-se condição básica para garantir o lucro dos proprietários de olarias. Claudino Biff, ao falar da procedência dos trabalhadores em olarias, nos diz: "Para os italianos, os ditos 'brasileiros', advindos de Santa Apolonia, Rua do Fogo, Esplanada, Beira-Mar, se tornaram a força-trabalho do italiano muito ambicioso.(...) As cem cerâmicas de Morro da Fumaça convocaram a mão-de-obra das zonas dos lusos-brasileiros".¹⁷ E para conseguir mão-de-obra barata criaram algumas condições atrativas. Essas condições atrativas são explicitadas pelo senhor

¹⁶ Jornal da Manhã. 03/11/97.

¹⁷ BIFF, Claudino. Op. cit. P.10.

Carlos Henrique, quando diz: *“a fama das olarias vai longe, esse negócio de dar casa, energia, água, traz muita gente”*.¹⁸

O crescimento extraordinário do número de olarias provocou uma migração bastante significativa nas décadas de 70 e 80 para a cidade de Morro da Fumaça. Em seus estudos sobre os trabalhadores na Inglaterra no século XVIII, Thompson já apontava para isso quando diz: “É notório que, nos primeiros estágios da industrialização, as cidades em crescimento atraíram mão-de-obra migrante e desarraigada, de todas as espécies; essa situação persiste ainda hoje(...)Mesmo os trabalhadores mais estáveis passam por uma sucessão de empregos”.¹⁹ Assim, através da AMREC (Associação do Municípios da Região Carbonífera), viemos a constatar que: “O movimento migratório, no período de 1970 - 1980, foi surpreendente, basta ver a participação de pessoas não naturais do município, que acusou em torno de 34%. Tal fato se consuma pela atração que exercem, as olarias/cerâmicas(...) pois o maior contingente é oriundo dos municípios vizinhos, que se sentiram atraídos pelo mercado de trabalho que estas indústrias proporcionavam”.²⁰

Houve um crescimento bastante significativo da população de Morro da Fumaça, nas décadas de 70 e 80. Em 1974, a população era de 4500 habitantes, passando para mais de 8500, em 1977.²¹ Essa população continuou a aumentar,

¹⁸ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça . 20/02/97.

¹⁹ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P.90.

²⁰ AMREC. Associação dos Municípios da Região Carbonífera. P.42.

²¹ Para o Contigente Populacional de 1974 e 1977, ver, Jornal Correio do Sudeste de 20/05/77.

chegando em 1988, com mais de 13000 habitantes.²²

Na AMREC encontramos também, quadro apontando a população residente, por migração no município de residência atual em Morro da Fumaça em 1980.²³

Migração no Município	1980	
	Número	% S/ total
Naturais do Município	9.071	66,22
Não Naturais do Município	4.627	33,78
Total	13.698	100,00

Conforme o quadro acima, podemos perceber uma migração bastante significativa para Morro da Fumaça na década de 70. Muitos desses migrantes vieram para trabalhar nas olarias.

Os motivos da migração desses homens e mulheres devem ser entendidos num contexto mais abrangente. Por isso, pretendemos ao longo do texto explicitar melhor o processo da migração. Portanto penso ser necessário conhecer um pouco da região sul.

Segundo Édio Nagel, "administrativamente o serviço de Extensão Rural de Santa Catarina está dividido em treze regiões. Ocupando a Região Sul do Estado, encontram-se as Regiões de Criciúma e Tubarão que eram formadas por 32

²² Jornal da Manhã. 19/05/88.

²³ AMREC. Associação dos Municípios da Região Carbonífera. P.42.

municípios".²⁴ A atividade básica desses municípios é a agricultura. A estrutura agrária predominante é a da pequena propriedade. Dentre os principais produtos agrícolas cultivados na Região Sul em importância econômica encontram-se o arroz irrigado, o milho, a mandioca e o fumo.

Nagel ainda aponta para a classificação dos agricultores, segundo a categoria de posse da terra da Região de Criciúma e Tubarão.²⁵

Categoria	Número	%
Proprietário	23.230	80,3
Arrendatário	1.394	4,8
Parceiro	2.415	8,4
Ocupante	1.889	6,5
Total	28.928	100,00

Como podemos perceber havia um número bastante significativo de famílias não proprietárias na Região Sul. Se somados os números de famílias arrendatárias, parceiras e ocupantes, chegamos a um total de 5.698 famílias de não proprietários na região sul. Neste sentido, se fizermos uma média encontraremos mais de 170 famílias não proprietárias por município nesta região. Por isso, entendemos que muitas dessas famílias estariam propensas a migrarem, devido as duras condições de existência.

²⁴ NAGEL, Édio. **Participação em Clubes 4-S e Migração Rural-Urbana no Sul de Santa Catarina – 1974/84**. Universidade Federal de Santa Maria. 1986. P.38. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural.

²⁵ Idem, ibidem, P.40.

Conforme Durham, “a migração não decorre, em geral, de uma situação anormal de fome ou miséria, desencadeada por calamidades naturais. Ao contrário, a migração aparece como resposta a condições normais de existência. O trabalhador abandona a zona rural, quando percebe que “não pode melhorar a vida”, isto é, que a miséria é uma condição permanente”.²⁶ Durham, não quer dizer com isto que calamidades naturais ou acidentes não sejam fatores que precipitem a migração. Há inúmeros fatores que podem influenciar na tomada de decisão: a perda da propriedade, a morte de um membro da família e, conseqüentemente, desorganização do grupo doméstico, a notícia de um parente que “está bem” em outro lugar. Neste sentido é diante de uma situação desfavorável e vista como permanente que a migração acontece.

Durham ressalta ainda que, “quando se tenta precisar as ‘dificuldades’ da vida rural, aparecem três tipos de respostas; a miséria e a falta de conforto; o trabalho ‘duro’; a incerteza da produção; a impossibilidade de melhoria(...). A esses aspectos negativos opõe-se a expectativa positiva das possibilidades que a vida urbana poderia propiciar: ‘esperava melhorar a vida’, ‘viver com mais conforto’, ‘ganhar mais’”.²⁷ Esta definição, da situação de existência em termos de nível de vida, vem indicar uma situação de mudança e a inclusão em sistemas sócio-culturais mais amplos. Durham explicita isto quando diz:

²⁶ DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984. P.113 – 114.

²⁷ *Idem*, *ibidem*, P.114.

A Migração rural-urbana também pode ser considerada como um fenômeno de mudança sócio-cultural que envolve a transformação dos padrões de comportamento vigentes nas comunidades rurais de onde provêm os migrantes. Esses padrões representam uma forma particular de ajustamento a um contexto geográfico-sócio-cultural determinado e precisam ser substituídas por outros, que permitem uma adaptação satisfatória as condições urbanas de vida.²⁸

Em Singer, a migração é vista como processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo, mas o grupo. Sendo a migração um processo social, deve-se supor que ela tenha causas estruturais que levam determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas, são quase sempre de fundo econômico. “Assim, se numa determinada área a mecanização da agricultura reduz a sua demanda por mão-de-obra, os desempregados têm que migrar para outra área em busca de meios de vida. Estes desempregados que migram, são, em sua grande maioria, ex-assalariados, diaristas, peões, isto é, constituem um grupo que não possui direitos de propriedades sobre o solo”.²⁹ Num primeiro momento, os proprietários e arrendatários não são forçados a migrar. Mas com a introdução de modernas técnicas pelos grandes proprietários, levou ao aumento da produção e à baixa dos preços, arruinando os pequenos estabelecimentos. É desta forma que os pequenos proprietários e arrendatários vão sendo induzidos a migrar por não possuírem os recursos necessários para acompanhar a mudança da técnica de produção.

A respeito da adaptação do migrante recém chegado, Singer nos diz:

²⁸ Idem, ibidem, P.11.

²⁹ SINGER, Paul. **Economia Política de Urbanização**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1981. P.51.

O modo como o migrante se insere na sociedade de destino tem sido explicado por meio de suas características individuais; assim a proletarização dos migrantes de origem rural soe ser atribuída à ausência de qualificação profissional, analfabetismo etc. Seria importante considerar que laços de solidariedade familiar, de origem comum etc., que refletem situações de classe social, desempenham um papel de suma importância na integração do migrante à economia e a sociedade do lugar de destino.³⁰

Assim, feitas algumas considerações sobre a questão da migração, tentaremos compreender os motivos que influenciaram a vinda desses trabalhadores para Morro da Fumaça. O senhor Edir Borges, natural de Jacinto Machado, há vinte e oito anos trabalhando nas olarias, relata a sua vinda para Morro da Fumaça quando diz:

Eu casei com esta que era daqui. Ela quis vir para cá com a gente dela. Eu garrei, me convidou, viemos embora, tocamos estufa de fumo dois anos, depois caímos na olaria. Ficou ruim rapaz! Depois aqui era notícia que tinha muita olaria, porque dava dinheiro. Ai foram me aconselhando, vim dar uma passeada aqui, fui até Tubarão nos tios dela que moram lá, aí me aconselharam pra mim vir, aí eu “deitei o cabelo”. Foi aonde nós acabamos de criar os filhos mais folgado foi aqui.³¹

Há diversos aspectos a ressaltar na fala do senhor Edir; ao casar-se, sua mulher passou a ter influência significativa nas tomadas de decisões de suas vidas. Vieram para Morro da Fumaça trabalhar como parceiros. Ao que parece havia uma propaganda estimulando o trabalho nas olarias (notícias que correm de boca em boca). As dificuldades com o plantio de fumo e a propaganda seriam os responsáveis pela sua transferência para as olarias.

³⁰ Idem, ibidem, P.55.

³¹ BORGES, Edir Rodrigues. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

Influenciados, também, pelos parentes, a família do senhor Nenem migrou de Jacinto Machado para Morro da Fumaça, há quinze anos. Sobre isso ele comenta: *“Primeiro disseram que era bom de trabalhar aqui. Os terrenos bons... garrei e vim pra cá. Os parentes vieram antes e ajeitaram pra mim. Vim como agregado. Eu vim pra olaria porque deu dois anos de safra ruim... não sobrava nada, eu vim pra trabalhar quinze dias e já faz dez anos, não sai mais”*.³²

Nas falas do senhor Edir e Nenem, a migração aconteceu por insistência dos parentes, mas elas apontam ainda para uma outra característica: a mobilidade espacial, que se apresenta como forma de resolver, tensões decorrentes da exploração intensiva da força de trabalho quando são escassas as possibilidades de ascensão social. A busca constante de melhores condições de vida vem se manifestar no deslocamento geográfico, que procura aproveitar as variações regionais numa situação em geral insatisfatória. Para Durham, “numa cultura de mínimos vitais, qualquer variação das condições de trabalho, expressa em diferenças climáticas ou de solo, ou mesmo em variantes de benevolência ou severidade do patrão, representa freqüentemente a diferença fundamental entre a subsistência e a fome. É este fator que torna a mobilidade uma característica tão generalizada da vida rural brasileira”.³³

Ao que parece, essa mobilidade de trabalhadores rurais, não proprietários, freqüentemente se restringe ao mesmo município ou município vizinho. Foi o que aconteceu com os senhores Edir e Nenem que vieram de Jacinto Machado para

³² BORGES, Edir Rodrigues. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

³³ DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984. P. 119 – 120.

Morro da Fumaça, trabalhar na agricultura como parceiros, plantando fumo. Nesta pesquisa encontramos trabalhadores vindos de outras regiões e até de outros Estados. Esta mobilidade, geralmente está associada a uma maior incorporação, à economia monetária, e paralelamente a ela se dá a destruição dos grupos de vizinhança, persistindo somente os agrupamentos de parentes e amigos. No dizer de Durham, “nenhuma migração pode ser compreendida exclusivamente como um deslocamento geográfico. As migrações representam também uma movimentação no universo social.(...) Mesmo porque, a própria definição do espaço e do ambiente geográfico é condicionada culturalmente.(...) É através da cultura tradicional, vivida na experiência pessoal, que o trabalhador rural concebe o mundo exterior”.³⁴

Os indícios nos levam a crer, que os trabalhadores rurais quando se deslocam, a procura de trabalho, seguem rotas e caminhos de parentes e amigos. Os migrantes vão orientados por relações, por notícias e informações de seus conhecidos. Assim, nesse movimento estabelecem novas relações, com novas pessoas e ao mesmo tempo conhecem outras fontes de informação e apoio.

Referindo-se sobre a migração para Morro da Fumaça, o senhor Manoel que morava na localidade da Esplanada, no município de Jaguaruna, relata desta maneira o episódio: “*Meus filhos... esse meu filho mais velho. Era doente, o Joelso, aí eu vim aqui no seu Antônio Maurício (Farmacêutico de Morro da Fumaça), vinha tratar toda vida né, vinha de já trazia nas costas, levava no coio. Aí lá não dava mais, porque criar filho numa vida daquela... de que jeito? Aí viemos pra cá pra vê se melhorava*”³⁵

³⁴ Idem, ibidem, P.136.

³⁵ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça. 27/03/97.

O senhor Luiz, natural de Jaguaruna, também comenta a vinda de sua família para Morro da Fumaça e diz: *“Faz vinte anos que estamos na Fumaça. Lá era um lugar muito ruim de serviço né, lavoura tu sabe como é que é, ainda o cara que é pobre não tem condições. Aí depois de um certo tempo o pai resolveu procurar uma maneira melhor né. Lá era muito difícil o pai ganhava pouco”*.³⁶

As palavras do senhor Gilberto vêm contribuir para compreender a migração de muitos trabalhadores para as olarias de Morro da Fumaça:

*Eu acho que é a... uma coisa o João é a informação né. Sabe que região...um lugar igual ao nosso tem muito serviço. E as pessoas vêm descobre Morro da Fumaça. Tipo nós viemos lá de Orleans. Morro da Fumaça vocês vão pra lá, que vocês ganham um salário. Tem o salário de vocês. É um salário bom, todo mundo vai ganhar. E vocês com uma família grande dessa bá... daqui a pouco um pega serviço de queimador, pega uma empreitada de forno, vão ganhar um dinheirão. Mas na verdade isso é tudo ilusão. É tudo ilusão João. Então esse pessoal como já tão com um problema muito sério lá... não Morro da Fumaça eles tão dando casa. Esse negócio de dar casa, isso aí atrai muita gente.*³⁷

Há uma enorme riqueza na narrativa do senhor Gilberto, pois em sua fala procura explicitar ao mesmo tempo os motivos da migração de sua família e de tantas outras famílias que vieram para Morro da Fumaça trabalhar nas olarias. 1) a informação e a propaganda sobre as olarias que apontamos anteriormente na fala do senhor Edir; 2) o trabalho para todos na família; 3) a possibilidade de ganhar muito dinheiro, principalmente para aqueles que conseguem trabalhar como queimador ou em empreitadas; 4) a casa que recebem para morar; 5) as próprias

³⁶ MARTINS, Luiz Pereira. Entrevistado. Morro da Fumaça. 03/04/97.

³⁷ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

dificuldades encontradas na luta pela sobrevivência anteriormente. Mesmo diante dessas condições que pareciam atrativas, o senhor Gilberto coloca que tudo não passou de ilusão. Ao que parece, a migração para Morro da Fumaça não alterou significativamente as condições de existência desses trabalhadores.

Ao refletir sobre o processo de migração e constituição dos trabalhadores em olarias, comecei a perceber a composição heterogênea desses trabalhadores, principalmente a heterogeneidade de experiências de trabalho e da proveniência da mão-de-obra; porém, para perceber estas heterogeneidades se faz necessário entender a trajetória de luta pela sobrevivência desses homens e mulheres.

Vários estudos apresentaram a heterogeneidade como um traço negativo para organização dos trabalhadores. Divergindo destes estudos, Sader e Paoli ao refletirem sobre os trabalhadores no pensamento sociológico brasileiro, analisaram os trabalhos de Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Alberto Torres, destacando alguns traços que perduraram na figura construída das camadas populares.

Primeiro, a heterogeneidade de sua composição, que impediria qualquer construção ordenada sobre sua identidade como povo único e singular; segundo, o efeito nefasto que esta heterogeneidade provocaria sobre a capacidade de ação política coletiva popular, exigindo uma intervenção de fora que incorporasse e organizasse este povo disperso; terceiro, a falta crônica de aptidão para a coletivização que este povo sofreria, pois os grupos que compõem seriam carentes de integração entre si e com o resto da sociedade, portanto sem vocação para a solidariedade e para a universalidade.³⁸

³⁸ SADER, Eder. PAOLI, Maria Célia. Sobre as "Classes Populares" no pensamento sociológico brasileiro. In: Cardoso, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica*. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.42.

Sader e Paoli mostram que para Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Alberto Torres a diversidade cultural regional, a mobilidade espacial, as migrações, a falta de homogeneidade étnica e de uniformidade cultural constituíram-se em obstáculos sociais e políticos, pois além de representarem dispersão e particularismo são dinâmicas culturais que não geravam políticas no sentido da organização dos trabalhadores. Isso porque para os autores citados a heterogeneidade tinha profundas conseqüências no plano de ação política, ou seja, impossibilitaria a participação social e política popular nos destinos da sociedade.

Sader e Paoli também assinalam que para esses autores o movimento operário deste período não era entusiasmado com a classe. Observam que tanto para os anarquistas, socialistas e comunistas “a ausência de tradição revolucionária, heterogeneidade social e a ignorância elementar das massas”³⁹ eram os três fatores que mais concorriam para dificultar a organização dos trabalhadores brasileiros.

Desta forma, Sader e Paoli ao fazerem uma análise detalhada da obra de Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Alberto Torres perceberam que foi em nome de uma homogeneização que se torna condição básica para a participação social e política, tentou-se apagar as diversas experiências de dominação, de práticas culturais e de processos de trabalhos vindos dos grupos sociais no espaço social brasileiro. Assim “a heterogeneidade aparece, então, como negatividade, como falta de alguma coisa ou de tudo”.⁴⁰

Neste sentido, Sader e Paoli ainda observam que a partir da década de 30, para o pensamento autoritário o Estado passou a ser poder simbólico, onde se homogenizaria a sociedade. O Estado se tornou lugar de identidade popular e ao

³⁹ Idem, *ibidem*, P.44.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, P.45.

mesmo tempo instância unificadora para a produção política, nesta sociedade desagregada por múltiplas práticas desencontradas. Desta forma, o Estado exercendo este poder simbólico passou a se tornar a própria realidade “e a questão da conotação negativa (econômica, cultural e política) da heterogeneidade de classes populares(...) iria adentrar pelos meandros do integralismo (anos 30), das reformulações do comunismo (anos 40 e 50), do pensamento nacionalista (ISEB, anos 50) e, finalmente, do aparato conceitual das ciências sociais, quando os pensadores acadêmicos tentaram produzir o seu próprio retrato das classes populares”.⁴¹

É somente na década de 70, influenciados pelos teóricos europeus e pela emergência concreta dos movimentos sociais e suas práticas, que ocorre uma importante descoberta: “a questão da visível heterogeneidade da sociedade brasileira”.⁴² A emergência desses movimentos sociais possibilitou dar visibilidade ao cotidiano das pessoas, pertencentes a grupos sociais diversos, que distinguiam-se pelas formas de representação e ação. No dizer de Maria Célia Paoli:

*Trata-se na verdade, de uma redescoberta das diferenças inter e interclasses sociais no Brasil, diferenças estas que não são mais pensadas, a partir de um paradigma unitário. Libertada deste paradigma, a heterogeneidade da sociedade brasileira aparece como diversidade de experiências vividas no interior de relações sociais historicamente constituídas, apontando para distintas formas de se viver situações concretas de dominação e exploração.*⁴³

⁴¹ Idem, ibidem, P.47.

⁴² PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na fala dos outros. In: Lopes, José Sérgio Leite. (Org.). **Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: UFRJ, Marco Zero, PROED, 1987. P.55.

⁴³ Idem, ibidem, P.56.

É nessa perspectiva que pretendemos dar visibilidade aos trabalhadores em olarias. No entanto, cabe ainda esclarecer, que as duras condições de vida desses homens e mulheres já se iniciara em um momento anterior. Não se pode esquecer que esses trabalhadores tinham uma história anterior e ao chegarem em Morro da Fumaça trouxeram hábitos, crenças e anseios próprios. Neste sentido é que buscamos conhecer e compreender esses sujeitos, ainda em sua origem, segundo os locais de sua proveniência e atividades a que estavam ligados, na tentativa de recuperá-los em sua totalidade histórica.

Todavia, para recuperar as experiências vividas por esses homens e mulheres que vieram a constituir-se na principal fonte de mão-de-obra das olarias, procuramos pensá-los em sua complexidade, diversidade e singularidade. “Buscar desvendar a singularidade desses sujeitos requer trabalho minucioso de pesquisa, na tentativa de se recuperar a textura da vida já experimentada(...). Requer a astúcia de se perceber o que é mais significativo nas problemáticas vividas por esses sujeitos(...) e, sobretudo as ambigüidades por eles experimentadas”.⁴⁴ Portanto, se considerarmos que a experiência do indivíduo está enraizada na realidade social, a trajetória individual dos sujeitos dá uma dimensão dos fatos coletivos e a experiência realiza-se a partir de escolhas racionais tanto quanto de emoções, valores, aspirações.

A partir dos relatos, busco um suporte teórico capaz de contribuir para explicitar as diferentes experiências de trabalho, a proveniência desses trabalhadores e assim, compreender como viviam esses homens e mulheres antes de migrarem para trabalhar nas olarias.

⁴⁴ KHOURY, Yara Ann. **Testemunho e Imagem nas Perspectivas de Investigação de Movimentos Sociais**. Programa de Pós-Graduação de História da PUC/SP. 1990. P.9.

Neste sentido, pretendo através de suas falas compreender a trajetória concreta desses trabalhadores neste processo, no interior do tempo em que criam e se relacionam em suas experiências de proletarização.

O Senhor Ivo contou-me que nasceu em Jacinto Machado, e até os 24 anos trabalhou na agricultura com seu pai. Lá, trabalhavam com o plantio de banana, milho, feijão e o corte de lenha. Ele lembra que o corte de lenha era feito a machado, pois não tinham motor-serra, e relata que de Jacinto Machado migrou para Morro da Fumaça, para trabalhar como parceiro, com estufas de fumo, só depois, é que vai para as olarias. Lembra que sua vida era muito melhor na lavoura, mesmo quando trabalhava como parceiro, principalmente, no que diz respeito à obtenção da alimentação. *“Na lavoura nós sabemos, é tudo natural, já vem desde a carne. Trabalha na roça, aqui não se pode ter uma vaca de leite. Na lavoura tu tem uma horta, tu planta uma verdura, planta um aipim, tem tempero, leite, milho, depois (da safra) do fumo faz uma safrinha de feijão... pra quem fez uma safra que quase não sobrou, tudo ajuda. Aqui é tudo no mercado, tudo tem que arrancar do dinheiro”*.⁴⁵

Percebemos na fala de seu Ivo, que além da heterogeneidade de experiências de trabalho, vai ocorrendo uma mudança na forma de se obter os alimentos, quando vem trabalhar nas olarias, que passa a ser medido exclusivamente por um outro valor: o dinheiro. A utilização do dinheiro veio alterar profundamente os hábitos de vida do senhor Ivo.

Já a experiência do senhor Carlos Henrique é de um trabalhador urbano, que há muito, havia experimentado a sua proletarização, pois morou grande parte de

⁴⁵ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

sua vida na cidade mais industrializada da região sul. Ele relata as dificuldades que sua família passou para criá-lo e diz: *“Antes de vir para Morro da Fumaça eu morei em Criciúma, no Bairro Pinheirinho, e me criei com meus avós. O meu trabalho de criança foi engraxate. Ali ajudava a família... a família era pobre né. A vida era muito dura, minha tia andava quatro quilômetros, do Pinheirinho a Criciúma (centro) e pegava roupa pra lavar. Trazia aquele saco de roupa nas costas... passou muito trabalho para criar a gente”*.⁴⁶

Sobre o seu trabalho, ele nos conta: *“a 1ª firma que trabalhei fichado foi a Minérios Catarinense, mexe com fluorita, com pedra, depois daquela trabalhei na mina. Depois passei pra pintura, casei e vim pra Morro da Fumaça com a família da mulher né e estou até hoje na Fumaça”*.⁴⁷

Um outro entrevistado, o senhor Nilton Goularti que morava no Torneiro, município de Içara, filho de uma família de pescadores relata sua experiência de trabalho: *“a nossa família era tudo pescador pobre, o serviço era aquele né, pescava com canoa, rede né, entrava pra dentro do mar pescava o dia todo as vezes nada ganhava, todo dia a nossa vida era aquela nos nunca arrumamos nada, sempre naquela sempre pobre. Depois eu vim ‘pra dentro’ né, dá muito pouco pescaria. Nós éramos em quatro irmãos, tudo pescava, todos quatro. Se criamos tudo lá foi tudo tudo pescador”*.⁴⁸

⁴⁶ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da fumaça. 20/02/97.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

Seu Nilton coloca que veio para Morro da Fumaça em 1962 e começa a trabalhar com corte de lenha, mas logo em seguida foi para as olarias. Lembra das dificuldades para conseguir o alimento, o vestuário e cuidar da saúde quando era pescador. Mas ressalta que tinha boa saúde. Ele coloca que a alimentação da sua família era basicamente peixe e pirão d'água referindo-se a miséria em que viviam, pois dinheiro conseguiam só quando vendiam algum peixe. *“Dinheiro era só quando vendia um peixinho, comprava as coisinhas que faltavam: cafezinho, açúcar, só... mais dinheiro prá dizer vou comprar um terninho, não dava. (risos). Uma roupa! É... naquele tempo... vou te dizer: prá botar um sapatinho no pé foi com quase vinte anos. E hoje não já nasce com o pé dentro do sapato né (risos)”*.⁴⁹

Sobre a alimentação e as roupas, seu Nilton conta que eram compradas em um armazém na Urussanga Velha, numa vila próxima do local onde viviam. *“Ali tinha uma vendinha, um buteco né, não é mercado. Vendia tudo em picadinho, comprava meio quilo, um quilo, 250 grama, naquele tempo era tudo pesadinho, não vinha tudo embalado, vinha em saco grande né; então ali a pessoa comprava o que queria o tanto que queria... meio quilo, 250 grama, 100 grama... era isso”*.⁵⁰

A respeito da saúde seu Nilton ressalta que como viviam a beira do mar eram mais saudáveis. E acrescenta que as olarias acabaram com a sua saúde. *“Naquele tempo era assim... passava muito frio, mas na beira do mar sempre a saúde era outra. Agora ‘pra cá pra dentro’ é um duro ê!... Comecei nessas olarias, aí me acabei a pau. Lá eu tinha saúde”*.⁵¹ Ainda com relação a saúde seu Nilton

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

explica: *“Só que era assim né, se um ficasse doente morria a míngua. Fazer o que? Não tinha um carro, não tinha nada, não tinha estrada”*.⁵² Sobre isso ele conta, que em uma ocasião, um de seus filhos ficou doente e foi obrigado a carregá-lo do Torneiro à Içara sobre as costas, por mais de vinte quilômetros.

É possível perceber nas palavras do senhor Nilton que ao falar da sua experiência como pescador, procura estabelecer algumas comparações com a vida antes e a que está vivendo agora. Ao falar da saúde denuncia as duras condições de trabalho enfrentadas nas olarias.

Os relatos do senhor José Madeira, também contribuem para melhor explicitar a heterogeneidade de experiências de trabalho, quando diz:

*A gente nasceu em Lauro Müller, numa cidadezinha ao sul do Estado, embaixo da serra, e desde que eu me lembro por gente, que eu me conheço, a gente vivia numa vida um pouco apertada né; afinal de contas, nós éramos em muitos irmãos... nós éramos em nove né e o pai era aposentado da mina. O salário que ele ganhava não dava pro sustento da família toda. Então foi uma vida assim um pouco difícil, até os doze anos quando agente saiu de Lauro Müller e foi morar em Orleans tocar estufa de fumo.*⁵³

Com o trabalho de parceiro com estufas de fumo, a família do senhor José Madeira conseguiu acumular recursos e comprar uma propriedade: *“depois o pai conseguiu comprar um terreno em Santa Clara, município de Orleans, onde a gente ficou mais dois anos, dois anos e pouco”*.⁵⁴ Um empréstimo no Banco obriga-os a

⁵² Idem.

⁵³ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

⁵⁴ Idem.

vender a terra: *“depois o pai fez um empréstimo no Banco... muito grande naquela época... os juros altos e a gente não conseguiu pagar o empréstimo. O empréstimo pra tocar estufa, é o custeio como eles chamam né, e no final a safra não deu muito boa, a gente não conseguiu pagar, foi onde o pai pensou em vender o terreno”*.⁵⁵

Diante da situação, a família do senhor José Madeira migrou para Morro da Fumaça: *“nós viemos pra cá na copa do mundo, em 82 que eu me lembro muito bem”*.⁵⁶

Assim, ao abordarmos esses trabalhadores em suas antigas formas de trabalho, ao trazer à tona a heterogeneidade de experiências por eles vivenciadas, ao mostrar a procedência desses trabalhadores estamos dando visibilidade aos seus hábitos de vida. Ao dar visibilidade aos hábitos de vida, queremos mostrar a diversidade de experiências vividas e o quanto os diferentes processos de politização foram moldados pelas condições de vida e pelas estratégias de sobrevivência, sociabilidade e vida comunitária desses grupos sociais heterogêneos.

As evidências nos levam a crer que, grande parte da mão-de-obra que têm garantido o funcionamento das olarias é constituída principalmente de trabalhadores rurais, pescadores, mineiros, entre outros, provenientes de vários municípios da região sul e até de outros estados. São homens e mulheres que passaram pelas mais diversas experiências de trabalho na luta pela sobrevivência. Neste sentido, achamos importante fazer algumas considerações, a respeito desses três grupos que vieram a constituir-se na principal fonte de mão-de-obra das olarias.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

Os Trabalhadores Rurais

Nas linhas que se seguem, vamos procurar compreender a trajetória desse grupo de trabalhadores, reconhecendo os elementos diretamente ligados à manutenção de suas vidas. Para dar seqüência a esse estudo temos que considerar algumas formas bem distintas de como estão divididos os trabalhadores rurais que migram para as olarias: em uma primeira categoria, encontramos os pequenos proprietários e arrendatários, famílias que possuíam um pequeno pedaço de terra, que já não era o suficiente para a sobrevivência do grupo. Então trabalhavam como arrendatários, garantindo o complemento da renda familiar.

Lá nós trabalhava assim... o pai tinha terra pouca às vezes nós plantava na terra dele, às vezes na terra do vizinho, pagava uma rendinha, o terreno dele era pouco não dava pra nós todos plantar.⁵⁷

Nas palavras de seu Neném, podemos perceber as dificuldades que os pequenos proprietários enfrentavam na medida que a família ia crescendo. Para Marx “um dos males específicos da pequena agricultura ligada a propriedade livre da terra decorre de o agricultor desembolsar capital para comprar terra”.⁵⁸ Isso acontecia com os filhos dos pequenos proprietários que não tinham acumulado o suficiente para comprar outras terras. Diante da impossibilidade de subdividir a

⁵⁷ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁵⁸ MARX, Karl. *O Capital*. 4ª ed. São Paulo. Difel, 1985. P.925.

propriedade, que já era pequena, sujeitavam-se a condição de arrendatários ou parceiros. Muitos, migraram para as cidades em busca de outras formas de sobrevivência. O enfraquecimento das terras provoca também o abandono das mesmas, é o que nos disse seu Ivo: “*lá a gente vivia de lavoura e as terras não eram tratadas, já não produzia quase mais nada*”.⁵⁹ Além disso, a própria mecanização da agricultura, leva ao processo de expropriação de muitos camponeses. Para explicitar melhor esta questão, tomo de empréstimo mais uma vez as palavras de Singer, que diz:

*A mecanização das lavouras leva à expulsão de muitos parceiros e agregados e à ruína de camponeses autônomos. Em zonas de ocupação antiga, cai a fertilidade da terra e a propriedade camponesa diminui por causa de sua subdivisão por herança. Os minifúndios que daí resultam não proporcionam mais o sustento da família camponesa, cujos membros migram para a cidade.*⁶⁰

Percebemos em nossas entrevistas, que ao perderem suas terras esses pequenos proprietários experimentam outras formas de trabalho, antes de migrarem para as olarias. Muitas dessas famílias permanecem ainda na agricultura trabalhando como parceiros, principalmente com estufas de fumo, que se desenvolveu muito na região sul, a partir da década de 50. A Souza Cruz financiava dinheiro para construção de estufas e fornecia todos os insumos, que eram entregues na casa do produtor. O financiamento da estufa tinha três anos para ser pago, enquanto que as mercadorias fornecidas eram pagas no fim da safra.

⁵⁹ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da fumaça. 22/08/96.

⁶⁰ SINGER, Paul. *A Formação da Classe Operária*. 6ª ed. São Paulo: Atual, 1988. P.62-63.

Segundo Maria Ignez Silveira Paulilo, essa relação do fumicultor com a empresa sofreu modificações. "Atualmente o compromisso do fumicultor é com o banco. Mesmo os juros sobre o empréstimo para investimentos é pago primeiro no banco pelo fumicultor e depois a firma ressarce".⁶¹

Ao refletir sobre o desenvolvimento da fumicultura na região Sul, quero me ater ao sistema de parceria. Conforme Marx "no sistema de parceria o agricultor (arrendatário) emprega, além de trabalho próprio ou alheio, parte do capital operante, e o proprietário fornece, além da terra, a outra parte do capital (gado, por exemplo), sendo o produto dividido entre ambos em determinadas proporções que variam segundo os países".⁶² Na região Sul, no sistema de parceria o patrão entra com metade das despesas e recebe a metade da produção. Podem entrar nas despesas do patrão a casa para o parceiro morar, o financiamento feito no banco para o custeio da safra e a terra lavrada. Dependendo das "vantagens" no final da colheita o patrão recebe a "meia" ou a terça. Como muitas famílias não possuem recursos para manter-se até a colheita, "o proprietário paga todas as despesas, adianta dinheiro para a manutenção de seus membros e, quando é feita a colheita, recebe, além da sua metade, mais uma porcentagem da parte que caberia ao agregado, porcentagem essa que corresponde a dívida que ele tem com o patrão".⁶³ Seu Neném, que pertencia a uma família de pequenos proprietários, contou-nos

⁶¹ PAULILO, Maria Ignez S. **Produtor e Agroindústria: consensos e dissensos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1990. P. 137.

⁶² MARX, Karl. **O Capital**. 4ª ed. São Paulo. Difel, 1985. P.920.

⁶³ PAULILO, Maria Ignez S. **Produtor...**, op. cit., p. 160.

as dificuldades enfrentadas por sua família ao trabalhar na condição de parceiro. E diz:

Ocê sabe o cara é pobre trabalha como arrendatário tudo financiado, pega dinheiro pra comer, dinheiro correndo juro e juro no final não sobra nada. Trabalha, trabalha e só dá pra pagar a despesa. Tocava o serviço só como braçal, o patrão financiava tudo pelo banco, o que o banco cobrava dele ele cobrava de nós, o juro ia multiplicando, chegava no fim da safra, sobrava nada, sobrava pouco, quando ia bem sobrava uma rendinha pouquinha e quando ia mal dava só pra despesinha.⁶⁴

Sobre esta situação seu Ivo também fala:

Mas o dele sempre saia limpo. Só o que ele pagava pra tocar duas estufas, no caso, era a metade da lenha. Ia seis caminhões de lenha, vinte metros cada caminhão, então ele pagava três, e o resto ficava correndo juro de tudo, pago no fim da safra e às vezes nem sobrava nada.⁶⁵

A situação dos parceiros que trabalhavam com o plantio do fumo era muito penosa. Maria Ignez Silveira Paulilo explicita muito bem as dificuldades das famílias que trabalhavam como parceiros. “A renda do fumo, se é considerada relativamente boa para o dono da terra, fica muito diminuída quando se tira a parte do proprietário e se paga, com o restante, as dívidas contraídas em função dos insumos comprados e das necessidades da família”.⁶⁶ Diante dessas dificuldades muitas famílias que trabalhavam como parceiras acabaram encontrando trabalho nas olarias.

⁶⁴ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁶⁵ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁶⁶ PAULILO, Maria Ignez S. *Produtor...*, op. cit., p. 161.

Uma outra situação que pode levar a perda da propriedade, são dívidas, enfermidades, a morte do chefe da família, provocando a venda da propriedade ou parte dela para o pagamento das dívidas, custeio de doenças. A morte do chefe da família causa muitas vezes a desestruturação dos laços familiares. Essa experiência é relatada por seu Edir Borges:

Antes nós tinha terra... naquele tempo era novo. O meu pai morreu. Aí a minha mãe desnor-teou por causa daquilo... mulher ainda meio nova, garrou companhia de um velho, um tal de Manoel. Eu tive que garrar vender tudo pra pagar o que ele devia. Ele era um homem que negociava muito, tinha muita dívida né. Aí garrei vendi tudo que tinha pra pagar as dívidas dele. Aí trabalhamos tudo pro outro. Eu trabalhava derrubando Capoeirão e plantando pra mim e pra ele. Mas nunca pudemos adquirir um pedaço de terra pra morar, nunca. Depois a família muito grande, a gente não queria deixar passar fome... nunca sobrou.⁶⁷

O senhor Manoel relata a grave enfermidade do pai. A família na tentativa de curá-lo foi desfazendo-se da propriedade para bancar os gastos com aquela enfermidade. Ele conta que foram vinte anos de sofrimento até a morte do pai. No final sobrou pouca terra, obrigando a família a trabalhar como assalariado.

Uma outra categoria de trabalhadores rurais são os trabalhadores sazonais ou casuais, que trabalham em épocas de plantio e colheita. São pagos por dia ou por empreitada. Trabalham também roçando mato, limpando terrenos, cortando lenha. Há aqueles que trabalham cuidando de sítios.

As experiências no trabalho de seu Antônio Dias, retratam as diversas situações que acabamos de colocar:

⁶⁷ BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

Ah! Quando eu saí do Estado de Minas, foi em 1939, 25 de setembro de 1939... eu saí de lá, saí e vim pra linha mojiana. Fiquei pra lá, depois vim pra linha sorocabana. Tinha mais irmão lá na linha sorocabana e quando foi em quarenta e dois eu entrei no Paraná, fui pra Jacarezinho, trabalhei uns tempos, depois fui pra Maringá. Aí fui pra lá, cheguei lá, peguei empreitada de mão pra roçar... derrubar, plantar café. Só da companhia do Garcia eu ajudei derrubar... eu fiz 150 alqueires de mato, rocei, derrubei, queimei, alinhei, plantei café, maderei tudo.⁶⁸

Pescadores, Mineiros e Outros

Como podemos perceber, as olarias atraíram uma diversidade muito grande de trabalhadores. Neste grupo bastante diverso, encontram-se também muitos pescadores, vindos de vários municípios da região litorânea como: Imaruí, Laguna, Jaguaruna, Içara, Araranguá etc...

O cotidiano das famílias de pescadores era de resistência contra a miséria que os assolava na luta pela sobrevivência. Ao considerarmos que o cotidiano das pessoas é marcado pela convivência com outras: sua família, seus vizinhos, seus companheiros de trabalho, estudo ou lazer, seus patrões ou empregados, entendemos que é neste espaço das relações quotidianas que se articulam de maneira concreta aquilo que chamamos relações de classe e de gênero, através das múltiplas e heterogêneas experiências, individuais e coletivas das mulheres e

⁶⁸ COSTA, Antônio Dias da. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/03/97.

homens. É nesse espaço do cotidiano, também, que a cultura aparece em sua concretude, nos hábitos, valores, objetos e relações pessoais.

As palavras de seu Nilton vêm explicitar muito bem o cotidiano de muitas famílias de pescadores:

A pesca era assim... um dia dá, um dia não dá. Botava a rede no mar, às vezes pescava o dia todo e nada pegava e voltava no outro dia e não dava também, e assim ia passando né. Mas passamos muito trabalho... frio no inverno né, a pescaria melhor dá no inverno né. No tempo da tainha então nós passávamos muito frio. Embarcávamos na canoa em cinco seis homens e íamos pra dentro do mar botar rede, tinha uma canoa, não é barco é uma canoa tocada a remo... quando o mar era bom pescava o dia todo. Passei muito sacrifício.⁶⁹

O senhor Nilton conta que o peixe era vendido para os agricultores, e quando pegavam muito peixe, não tinham para quem vender. O transporte era feito a cavalo, caminhão era muito difícil transportar o peixe. Ele relata que “escalavam” e salgavam a tainha, depois saíam vendendo: “*Pra se safar um pouco, senão era brabo*”.⁷⁰

Outro problema enfrentado pelas famílias de pescadores, principalmente na década de 80, é a concorrência com os navios de empresas e supermercados. Esses navios pegam os peixes em alto mar dificultando o trabalho dos pescadores que só possuem canoas. Assim, muitas dessas famílias abandonaram a pesca e acabaram encontrando trabalho nas olarias.

⁶⁹ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

⁷⁰ Idem.

Até este momento estávamos analisando algumas das experiências dos trabalhadores rurais e pescadores que migraram para trabalhar nas olarias. Esses trabalhadores estavam vivenciando um processo de proletarização, tornando-se mão-de-obra assalariada. Passaremos agora, a analisar outros grupos de trabalhadores, que haviam há muito, passado pelo processo de proletarização. Já haviam experimentado a experiência de trabalhar como mão-de-obra assalariada.

Para conhecermos a trajetória e as experiências desses trabalhadores que migram para trabalhar nas olarias, temos que conhecer um pouco do processo de industrialização da região sul.

Segundo Alcides Goularti Filho, "a região sul tem um parque industrial significativo, alimentado por inúmeras pequenas e médias empresas e grupos de pequeno e médio porte. São procedentes do capital comercial, numa região em que a base do processo de industrialização foi acompanhado pela presença da pequena produção mercantil e atividades ligadas ao carvão e à cerâmica".⁷¹

Estes dois setores, o carbonífero e o cerâmico, foram de grande importância para fomentar o afloramento de outras atividades industriais, por exemplo, as metalúrgicas na fabricação de máquinas, equipamentos e peças de reposição. Além do metalúrgico, outras atividades despontaram ao lado destes setores: fábrica de esmaltes, casa de ferragens, embalagens de papelão para pisos e azulejos, laboratórios de análise química e outros.

⁷¹ FILHO, Alcides Goularti. **A Inserção da Indústria do Vestuário na Economia do Sul de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1995. P.52.

Alcides Goularti Filho, ainda ressalta que “uma região que na sua origem já era pulverizada por pequenos capitais teve facilidade nos anos 70 para diversificação do parque industrial, não apenas atrelado ao carbonífero e cerâmico. A indústria calçadista, química (sobretudo os descartáveis plásticos), molduras e o vestuário, desenvolveram significativamente em vários municípios da região”.⁷²

Atendo-se especialmente a região carbonífera e a crise porque passou o setor de mineração, vamos conhecer a trajetória dos mineiros que vieram trabalhar nas olarias.

Conforme Maurício Aurélio dos Santos, na década de 1970, 23.440 pessoas eram dependentes da atividade da mineração de carvão. Em 1989, a indústria carbonífera estava oferecendo 13.735 empregos diretos. É importante ressaltar, que a partir de 1989, a indústria carbonífera foi perdendo vaga no mercado de trabalho, chegando a apenas 3.210 empregos diretos em fevereiro de 1995, significando uma redução da oferta de trabalho para 77% em relação à 1989.⁷³ Com a perda de emprego, mulheres e filhos de mineiros são obrigados a ingressar no mercado de trabalho. A mulher entra no mercado de trabalho, principalmente, pela dificuldade de recolocação do mineiro em outros setores da atividade econômica.

A recolocação do mineiro no mercado de trabalho tem se tornado difícil: primeiro, porque a atividade não consegue superar suas dificuldades; segundo,

⁷² Idem, ibidem, P.66.

⁷³ SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC. 1995. P.153.

porque o trabalho nas minas era a única formação profissional da grande maioria; e por último, as condições de saúde do mineiro nem sempre permitem o acesso em outra atividade.

Diante do exposto, fica claro que a situação do trabalhador mineiro é das mais delicadas, pois ele não consegue ser absorvido no mercado de trabalho, e muitas vezes sem condições de saúde para buscar outra atividade.

Além das recentes dificuldades enfrentadas pelos mineiros, percebemos nos municípios pequenos que tinham na mineração a sua principal fonte de renda, o desemprego torna-se ainda muito maior. Isso, porque após a aposentadoria os mineiros, (quinze anos de trabalho embaixo da mina) com famílias numerosas, se vêem obrigadas a migrarem para outros municípios a procura de trabalho. Muitas dessas famílias de mineiros procuram trabalho na agricultura, como relatou um filho de mineiro aposentado, hoje trabalhando em olarias.

Aí de Lauro Müller, e guri ainda saímos e fomos pra Pindotiba que pertence a Pedras Grandes. Fomos trabalhar, porque lá em Lauro Müller era só carvão. Então a gurisada estava crescendo e pra gente ficar lá era muito difícil, porque o pai sozinho, mesmo ganhando um dinheirinho, claro hoje não é mais nada, mas naquela época ganhava uns trocos bons. Mas mesmo assim tava difícil, porque era muito filho né. E lá era um lugar que só vivia de carvão a gurisada lá com 16 e 17 anos não trabalhava, ficavam andando de um lado pro outro, às vezes até fazendo coisa que não deviam. Aí saímos de lá viemos pra Pindotiba, começamos a trabalhar com estufa de fumo... como agregado.⁷⁴

⁷⁴ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

Essa situação, como já comentamos, provocou a migração de muitas famílias de mineiros para as cidades da região sul, que não possuíam atividades de mineração; cidades onde a maioria das atividades primárias da economia ainda têm importante papel, ou para cidades, onde as empresas não exigem mão-de-obra especializada.

Sobre a situação do mineiro aposentado, Teresinha Gascho Volpato nos diz: “Eles formam, junto com os agricultores sem-terra, com os sub-empregados, com os ocupados em economias marginais, a grande porção da população pobre. Pertencem justamente a essas camadas sociais que vivem a margem da economia de mercado em relação ao sistema produtivo da sociedade”.⁷⁵

É importante lembrar, que muitos mineiros aposentavam-se precocemente (aposentadoria por invalidez), devido aos problemas de saúde provocados pelo trabalho insalubre. Volpato, ainda nos diz que, quando era do conhecimento da empresa que a doença do mineiro era grave “esta colocava os operários como ‘candidatos’ às primeiras demissões que a empresa efetuar”.⁷⁶ Ao serem despedidos dificilmente encontravam trabalho com a mesma remuneração obtidas na mineração. Diante dessas dificuldades, eram obrigados a aceitar qualquer trabalho, “pois nos exames de admissão em outras indústrias, identificada a doença, o candidato é recusado pelas mesmas”.⁷⁷

Podemos constatar, que os mineiros, tanto os aposentados, como aqueles

*⁷⁵ VOLPATO, Teresinha Gascho. **Os Trabalhadores do Carvão**. A Vida e a Luta dos Mineiros de Criciúma. USP. 1989, Tese de Doutorado. p. 308.

⁷⁶ VOLPATO, Teresinha Gascho. **A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC / Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. p. 98.

⁷⁷ VOLPATO, Teresinha Gascho. **A Pirita...** p. 98.

que perderam o emprego, passam por diversas experiências, e muitas dessas famílias acabam encontrando trabalho nas olarias de Morro da Fumaça.

A recessão que assola o Brasil nos anos 80 castigou a região carbonífera, atingindo não só o setor de mineração de carvão, como também outros setores industrializados da região. Além da recessão, tem início o processo de modernização de muitas empresas na região. Esses dois fatores causaram um grande número de desempregados. Dessa forma, muitos desses trabalhadores acabaram encontrando trabalho nas olarias, onde o processo de produção permanecia de forma muito artesanal, exigindo maior número de mão-de-obra.

Para esses trabalhadores rurais e pescadores, o trabalho na olaria representou o momento histórico decisivo que definiria, de uma maneira geral, a sua inserção no mundo do trabalho assalariado.

Frente às condições de trabalho e de vida existentes anteriormente, seja como pequeno proprietário, parceiro ou pescador a quase meio caminho de uma economia de subsistência, as olarias ofereciam algumas vantagens a esses sujeitos, tais como: salário fixo mensal e remunerado em "dinheiro", casa de moradia as vezes melhores que aquelas que moravam, vale mercado, escola e assistência médica mais próximas, assistência religiosa constante, e alguns conseguiam até carteira assinada.

É dessa forma, que os proprietários de olarias encontraram grande parte da sua mão-de-obra entre esses trabalhadores rurais e pescadores já despossuídos dos meios de produção, ou então, entre trabalhadores urbanos sem teto e desempregados. Para esses trabalhadores restava apenas a capacidade de sua força de trabalho para ser comercializada na luta pela sobrevivência. Aliás, essa é uma condição vinculada ao modo de produção capitalista, que pressupõe, segundo

Marx, “a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho”⁷⁸.

Assim, nas olarias, os trabalhadores eram rigorosamente enquadrados nos hábitos e nas disciplinas exigidas no trabalho metódico, no trabalho regular, organizado e controlado de acordo com os interesses e as necessidades reais dos proprietários das olarias, empenhados na aquisição de maior produtividade e, conseqüentemente, do maior lucro possível.

Neste capítulo, como em toda pesquisa, procuramos não tomar esses trabalhadores como um grupo homogêneo, pois nessa perspectiva não sobrariam brechas para as suas individualidades e particularidades. Ao estudar esses trabalhadores, apontando para a sua heterogeneidade, ampliamos a nossa perspectiva de investigação, pois essa resultou em uma cultura mais rica. Cabe salientar também, que a própria constituição dos trabalhadores das olarias apontavam para a heterogeneidade na medida que esses homens e mulheres eram procedentes de outros municípios, e até de outros estados; vinham de várias experiências de trabalho.

Desta maneira, o estudo da heterogeneidade possibilitou-me perceber a riqueza da cultura desses trabalhadores: seus hábitos, valores, crenças, suas formas de luta e resistência e as estratégias de sobrevivência experimentadas por esses homens e mulheres. Penso que as condições culturais foram responsáveis pelas diferentes práticas e resistência implementadas pelos trabalhadores nas olarias.

⁷⁸ MARX, Karl. **O Capital**. V. II, 1987, P.830.

Ao privilegiar o estudo da heterogeneidade neste capítulo, abri um leque de possibilidades para esta pesquisa, que pretende no segundo capítulo, dar visibilidade aos valores culturais dos trabalhadores e evidenciar as duras condições de trabalho e vida frente as olarias.

PARTE II

OS TRABALHADORES FRENTE AS OLARIAS

...nunca houve um só tipo de 'transição'. A tensão desta recai sobre a totalidade da cultura: a resistência à mudança e o ascenso à mesma surge da cultura inteira... O que necessita dizer-se não é que uma forma de vida é melhor que outra, mas sim que é um ponto de um problema muito mais profundo; que o testemunho histórico não é simplesmente um de mudança tecnológica neutra e inevitável, mas também de exploração e resistência à exploração; e que os valores são suscetíveis de serem perdidos e encontrados.¹

E. P. Thompson

Como podemos perceber, no 1º capítulo, grande parte dos trabalhadores em olarias eram procedentes de outros municípios da região sul e de outros estados que migraram para Morro da Fumaça. Neste sentido, pretendemos fazer algumas reflexões sobre os elementos que possivelmente tenham contribuído para mudanças nos hábitos de vida desses trabalhadores, e assim, dar visibilidade aos seus valores culturais.

Para entendermos o que acontece com esses homens e mulheres, faz-se necessário compreender a transformação em seus modos de viver. Queremos perceber se os trabalhadores rurais, pescadores, encontram soluções para substituir a horta, as frutas, o peixe, a criação de animais e aves; já que nas olarias, essa produção doméstica que garantia a subsistência, praticamente não é mais viável. Em todas as esferas da vida vão sendo necessários reajustes, mudanças

¹ THOMPSON, E. P. Tiempo, Disciplina de Trabajo Y Capitalismo Industrial. In: Tradición, Revuelta Y Consciencia de Classe. 2ª ed. Barcelona, Crítica, 1984. P. 271 – 289.

para a sobrevivência (lazer, crenças, escola, poderes, etc.). Esses reajustes e mudanças são percebidos nas comparações feitas pelos trabalhadores, em relação a situações, comportamentos e valores da vida onde viviam, e a de agora, nas olarias. Enquanto para os trabalhadores rurais e pescadores, a alimentação era extraída da natureza, agora, depende exclusivamente do dinheiro.

Pra mim é melhor viver lá do que aqui. Se é pra viver como a gente vive aqui, eu prefiro lá. Mesmo que sobre bem pouquinho. Mas lá ainda é melhor. É difícil trabalhar de arrendatário e não ter um pedaço de terra pra fazer uma horta. Tem cana pra chupar, as crianças gostam. Aqui não tem nada. Aqui se tiver dinheiro come, se não tiver não come. Lá se tu não tiver uma fruta, uma verdura e outro vizinho tem, é só ir lá e pedir pro vizinho. Posso apanhar uma fruta aí? 'Pode não tem problema'.²

As comparações feitas pelo senhor Ivo sobre a vida lá e a de agora, quanto aos alimentos, já contém a consciência das diferenças entre a cultura de subsistência e o modo de vida urbano. Além disso, esta fala está mostrando a tensão provocada pela mudança no modo de vida. O trabalho nas olarias foi impondo transformações em seu modo de viver. Thompson explicita isso ao falar da mudança de vida dos trabalhadores na Revolução Industrial. “O processo de industrialização precisa impor o sofrimento e a destruição de modos de vida estimados e mais antigos, em qualquer contexto social concebível.”³ A transição de

² CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

³ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. 2, P. 29.

trabalhadores rurais e pescadores não foi apenas uma transformação de formas e locais de trabalho. A questão fundamental colocada foi, sobretudo, a mudança na forma de existência social de trabalho, isto é, a transformação definitiva desses sujeitos em força de trabalho assalariada. A troca da força de trabalho por dinheiro, o assalariamento, torna-se o fator determinante do trabalho e da vida dos trabalhadores em olarias. Diante da olaria, não se tornaram apenas trabalhadores, como também, consumidores em grau mais elevado, com uma renda sob a forma de salário em dinheiro, com o qual precisavam comprar bens que antes não faziam parte do seu universo cultural. A dependência exclusivamente do dinheiro para a obtenção dos bens necessários a sobrevivência vai provocando mudanças nos hábitos de vida desses homens e mulheres.

Simone Weil aponta vários motivos para acontecer mudanças nos hábitos de vida operário. Considera o dinheiro um dos principais venenos que propagam esta doença.

O dinheiro destrói as raízes por onde vai penetrando, substituindo todos os outros motivos pelo desejo de ganhar. Vence sem dificuldade os outros motivos porque pede um esforço de atenção muito menor. Nada mais claro e simples que uma cifra.⁴

⁴ WEIL, Simone. **A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão**. Org. de Ecléa Bosi. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. P. 412.

A mudança nos hábitos de vida pode levar, também, a uma situação limite. Esta situação percebemos na fala de seu Edir Borges, quando relata as dificuldades que passou ao trabalhar nas olarias.

Aí como eu estava te contando eu me casei com ela. E agora viemos pra Morro da Fumaça, faz 28 anos. Então aqui começamos, tinha meus guris mais ou menos grandes. Começamos a trabalhar lá no seu Flávio Salvan. Do seu Flávio Salvan passei pro Cristiano. Vou te contar as olaria que nós passamos: do Cristiano passamos ali para os Maragno, trabalhamos com o Sila Salvan no Vargedo, trabalhamos no Plínio Salvan, trabalhamos com o velho Jak Bortolon. Olha o que é olaria aqui no Morro da Fumaça eu passei quase tudo. Mas comemos o pão que o diabo amassou. Essa mulher inventou de tomar uma soda aí. Veneno. Se envenenou. Ficamos aí tratando dela só com leite. Ela pensando a gente pobre não tinha jeito que fosse pra frente. Trabalhava a morrer... pedir nós era inimigo de pedir alimento.⁵

Como nos colocou seu Edir, esta situação limite foi experimentada principalmente por sua esposa, tendo a morte se apresentado como solução definitiva para livrar-se da rudeza imposta pelas condições de vida.

Ana Maria Quiroga Fausto Neto, aponta que são principalmente as mulheres operárias que sentem na carne as duras condições de vida da família, quando diz: "O lar operário enfrenta, mesmo dentro de suas quatro paredes, toda uma série de contradições, a partir da posição estrutural que vivem seus membros integrantes. É dentro do próprio lar que ela vivencia 'na carne' a contradição do trabalho e do esgotamento do marido, dos filhos e de si própria. É lá que ela experimenta a

⁵ BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

falência do salário de cada um, isoladamente, e do conjunto em relação ao nível de necessidades da família".⁶ É dentro do próprio lar que a mulher enfrenta concretamente a posição de desigualdade e de desvantagem em que estão ela e sua família, no acesso a determinados bens e serviços 'oferecidos' socialmente. São elas que vão ao mercado e fazem as compras, são elas que pegam as filas no posto de saúde ou hospital etc.... Poderíamos apontar ainda, uma série de experiências da situação de classe que, mesmo dentro do lar, a mulher operária experimenta.

Em Morro da Fumaça, a maioria das famílias vindas para trabalhar nas olarias, diante das enormes dificuldades econômicas, passam a morar em casas fornecidas pela empresa, acontecendo a exploração da mão-de-obra pela proletarização da família inteira, direta ou indiretamente. Na reflexão de Antoine Prost, "a totalidade da existência do trabalhador e de sua família é organizada em função do trabalho a ponto de se confundirem trabalho e família numa mesma identidade".⁷

Desta forma, os trabalhadores que vieram para Morro da Fumaça, dos mais variados municípios da região sul e do Estado, todos os membros da família que atuavam na produção, também foram absorvidos nas cerâmicas de forma diversa. Todos os indivíduos com capacidade produtiva são absorvidos pelas cerâmicas, sejam mulheres ou crianças menores. A mulher casada, em geral, desenvolve

⁶ FAUSTO NETO, A. M. Quiroga. **Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho**. Petrópolis, Vozes, 1982. P. 84.

⁷ PROST, Antoine. O Trabalho. In: **História da Vida Privada**. Vol. V. São Paulo, Schwarcz, 1992. P. 61.

serviços domésticos e os serviços de reprodução da força de trabalho, produzindo condições materiais de sobrevivência na forma de alimentação, limpeza da casa etc... Além dos serviços domésticos, não é pequeno o número de mulheres casadas que atuavam nas olarias fazendo os mesmos trabalhos realizados pelos homens.

Em entrevista ao Jornal da Manhã, Dona Eva de Sá, 50 anos, diz já sentir os reflexos do trabalho insalubre. Após a morte do marido, ela teve que trabalhar como queimadora de tijolos no forno de uma olaria. Aos 43 anos teve que largar por causa de problemas na coluna, nos rins e reumatismo. "*Queimador não tem fim de semana, feriado nem dia santo. Se tem produção tem que trabalhar*".⁸ Dona Eva diz que hoje o que mais lhe causa arrependimento é ter vendido a terra que tinha em Orleans para trabalhar na cidade. "*Hoje não tenho nem um teto pra morar, moro de favor na casa que a firma dá*".⁹ Ao que parece, Dona Eva ao dizer que "mora de favor", não tem consciência de que seu trabalho é quem paga a casa onde mora.

Reportando-me as palavras do senhor Ivo, quando diz que era melhor viver lá do que aqui e a narrativa de dona Eva, que diz estar arrependida de ter vendido a terra para trabalhar na cidade, me levam a crer que o trauma provocado pela mudança no modo de vida não foi superado. Isso é um sinal de que abortou o projeto de sua integração à nova realidade. Essa situação, evidentemente existe, mas não é única.

A leitura faz crer que, mesmo nos casos em que os migrantes são afetados por mecanismos de exclusão e privação, na maior parte, o lamento, ou a revolta, já é feito através de valores que indicam a assimilação de padrões do mundo urbano.

⁸ SÁ, Eva de. Entrevistada pelo Jornal da Manhã, em 07/07/97, P. 3.

⁹ Idem. P. 3.

A narrativa do senhor Ivo e dona Eva ainda nos faz refletir sobre a importância da terra em suas vidas. Por isso, permitimo-nos levantar a seguinte questão: O que significa simbolicamente a terra para esses sujeitos? Os indícios apontam que a terra significa muito mais do que o simples valor da colheita. Ela significa “independência”, como salienta Thompson: “A terra carrega sempre outras conotações de status, segurança e direitos”.¹⁰ A terra também garante a reprodução da economia familiar tradicional.

Percebemos nas narrativas, que a mudança nos hábitos de vida vai ocorrendo devido a vários motivos: a perda da terra e da casa, a impossibilidade de reproduzir a economia de subsistência, a perda da independência, reproduzindo a total dependência da empresa, a desvalorização dos conhecimentos adquiridos, a extrema pobreza e o preconceito da cidade, por conta de que ser trabalhador das olarias é visto de forma pejorativa. Esses elementos contribuíram também para um “certo isolamento” desses sujeitos, que sem amparo, marginalizados, têm que se adequar a esse sistema.

O senhor Nenem narra com indignação a situação de “quase isolamento” em que está submetido: “*esse salário vagabundo não dá pra viver né. Dá só pra comer mairi mali. O cara nem pode sair de casa, porque não tem uma roupa boa, um tênis... nada*”.¹¹ Os poucos salários não permitem a seu Nenem e sua família uma maior aproximação a comunidade ao qual está inserido agora. Esse novo ambiente, desconhecido e diverso, ao qual não estavam habituados, obriga-os inicialmente

¹⁰ THOMPSON, E. P. *A Formação da...* Op. cit. P. 64.

¹¹ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

a um “quase isolamento”. Ao que parece, os lugares públicos freqüentados por esses trabalhadores desde a chegada, se restringem ao supermercado para fazer suas compras, ao posto de saúde, ao hospital quando acontece alguma enfermidade e à escola dos filhos. Não é preciso ser muito bom observador para perceber que nos finais de semana, esses trabalhadores ficam em frente das olarias como se estivessem esperando o dia terminar para recomeçar mais uma semana de labuta.

A fala do senhor Nenem se confunde com a do senhor Edir, quando este estabelece comparações entre sua vida antes e agora nas olarias e diz: *“lá naquela época, a gente, roupa não comprava roupa feita que nem agora. Comprava fazenda nos armazéns de fazenda, comprava as peças e fazia em casa. Uma maquinazinha dessa tocada a mão. Fazia as camisas de algodão... de algodão mesmo. Era a roupa que nós vestia, feita em casa. Tecido feito em casa. Trabalhava com aquiio, era obrigado, tinha que se vestir. E aquilo ali era fáci, a gente mesmo fazia né. (risos) Se tocar de comprar já era diferente”*.¹² Seu Nenem e seu Edir, tanto como os outros trabalhadores rurais e pescadores, ao migrarem para trabalhar nas olarias entram no mundo por excelência do dinheiro e, portanto, da mercadoria, do comércio, da aparência onde o apelo ao consumo é veemente. Esses sujeitos passam a enfrentar diariamente o constraste da sua condição de “pobres” com o modo de viver dos abastados. A pobreza absoluta quase sem contrastes, ficou para trás.

Além disso, o trabalho nas olarias vai gerando outras necessidades, outros hábitos, sendo de grande importância na configuração da mudança de cultura, pois esta se apresenta, sob certos aspectos, como restrição, ampliação ou redefinição de

¹² BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

necessidades. As mudanças e o aumento do ritmo de trabalho empreendidos nas olarias vêm contribuir para alterações nas necessidades dos trabalhadores. No dizer de Antônio Candido, “o aumento das horas de trabalho leva à queda da indústria e manipulação domésticas e, conseqüentemente, à necessidade de comprar o que antes se produzia”.¹³ Isso quer dizer, que frente as olarias esses trabalhadores estão se desprendendo das técnicas e conhecimentos que constituíam seu universo cultural anterior.

Nas narrativas desses trabalhadores, as lembranças da economia familiar tradicional são uma constante. Lembram-se dos animais que criavam: o cavalo, a vaca que dava o leite e o porco que dava a banha. As galinhas, o peixe, a farinha e o açúcar que faziam nos engenhos, a horta, as frutas, o milho, o feijão, o aipim, o arroz, a cachaça, tudo era plantado e criado. A vestimenta, calças, camisas eram também feitas em casa na máquina de costura, acolchoados eram de palha ou de pena de ganso, os travesseiros eram de marcela galega. O sabão também era feito em casa, a luz era a querosene, os fogões a lenha etc... Praticamente tudo era produzido, pois dinheiro só se via no final da colheita. As poucas “coisas” compradas eram pagas no final da safra. Mesmo para aqueles que não possuíam mais terras e trabalhavam como arrendatários essas práticas eram viáveis.

O trabalho nas olarias praticamente estabelece uma ruptura com esta cultura material, mesmo assim, percebemos que alguns trabalhadores tentaram desenvolver algumas práticas do modo de vida anterior, como o senhor Manoel, que tentou criar uma vaca no terreno do patrão, mas foi proibido, tendo que se desfazer do animal.

¹³ CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 1ª ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1964. P.180.

Seu Ivo também tentou fazer uma horta “*eu preparei a terra com 35 cm de esterco, mas a pirita matou a verdura*”.¹⁴ Creio que grande parte dos trabalhadores rurais, quando chegaram em Morro da Fumaça tentaram recriar algumas das antigas práticas como a horta, a criação de uma vaca de leite ou de aves, mas praticamente acabaram sendo inviabilizados, sejam elas, pela falta de terras, pelo patrão não ter permitido, pelo esgotamento físico devido as duras condições de trabalho ou pela conseqüente assimilação dos novos valores onde o dinheiro passa a ser o elemento fundamental para satisfazer as necessidades que a cada dia estão se multiplicando. “Esta multiplicação das necessidades é tanto mais poderosa quanto, conforme sugeri, envolve uma dimensão psíquica que a enraíza no terreno dos hábitos”.¹⁵ Quando o seu Nenem diz que não sai de casa porque não tem uma roupa boa para vestir, cremos que já tenha incorporado os valores urbanos. Ao que parece há uma preocupação com a aparência, mesmo que não exista a possibilidade material de adquirir as roupas, instaura-se em sua consciência a diferença entre os que têm e os que não têm.

Antônio Candido aponta para “a importância do prestígio associado às práticas e usos de caráter urbano; a tal ponto que a pessoa se sente diminuída quando é obrigada a manter os que se vão tornando, comparativamente, desprezados”.¹⁶ Desta forma, Antônio Candido está querendo mostrar que ao mudarem de vida as pessoas começam a achar insuportável e diminuídas quando são obrigadas a executar tarefas que antes eram realizadas sem discussão,

¹⁴ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

¹⁵ CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros...**, op. cit., p. 181.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.181.

visto que não haviam outras alternativas. Além disso, como já dissemos, o apelo ao consumo é veemente. A posse de um bem material (relógio, televisão, geladeira, roupas, etc) são elementos de realce da posição individual ou da família.

Este “quase isolamento” não só acontece com trabalhadores rurais e pescadores. O senhor Gilberto Madeira, filho de mineiro, ao narrar as duras condições de trabalho nas olarias aponta alguns elementos que contribuíram para um “quase isolamento” desses trabalhadores quando dá sua chegada. *“Chega em casa morto, moído, não tem condições de de repente é... procurar um direito desse, tipo sindicato. Conversar, procurar se informar mais. A falta de estudo, a falta de conhecimento, transforma... deixa essa gente isoiado né. De tudo, principalmente escola”*.¹⁷ Na narrativa de Gilberto Madeira, percebemos que tem claramente a consciência de que é explorado. Essa consciência, percebemos também nas falas dos outros trabalhadores. Como é filho de mineiro que já havia sido presidente do Sindicato dos Mineiros de Lauro Müller, o senhor Gilberto Madeira acredita na organização dos trabalhadores, nos moldes institucionalizados, como: o sindicato e o partido; pois participou duas vezes em chapas para a disputa do Sindicato dos Trabalhadores em Olarias e foi candidato a vereador em 1988, pelo partido dos trabalhadores, sendo derrotado. Em sua narrativa ele aponta a falta de informações, conhecimento, e principalmente da escola, como elementos que provocavam o “isolamento” e dificultavam a organização desses trabalhadores nos moldes institucionalizados. Os indícios nos levam a crer que as duras condições de trabalho

¹⁷ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

levavam ao cansaço do corpo e da mente, o contraste diário com o mundo onde o dinheiro é o passaporte para a sobrevivência, a mudança nos hábitos que experimentaram com o trabalho nas olarias, fez esses homens e mulheres “isolarem-se” em uma vida privada voltada para questões domésticas.

Percebemos também, que a mudança nos hábitos de vida é sentida principalmente pelos trabalhadores mais velhos. Já os seus filhos e os mais novos conseguem se adaptar mais facilmente as mudanças, principalmente a partir da constituição de sua família e das relações que estabelecem na comunidade, sejam elas através da escola, da religião, do lazer etc...

Para a família de José Madeira, a Igreja foi de fundamental importância para superar esse quase isolamento na cidade.

Uma coisa importante que aconteceu na vida da gente, foi a igreja, uma das coisa que mais, quer dizer, ela pelo menos deu uma assim... não deixou a gente, a gente vê hoje tantas pessoa que perdem os pais e se dispersam né. A gente começou a ingressar com a igreja né, pastoral da juventude, grupo de jovens, onde os irmão que começaram, pararam e os outros estão até hoje, no caso né. Agora larguei a coordenação, mais vou retornar, a assessoria da pastoral da juventude. Então pra mim a igreja, a pastoral da juventude, grupo de jovens, abriu muito espaço, muito, abriu um espaço muito grande pra mim, onde a gente conseguiu dar a volta por cima, tantos problemas, tantas dificuldades que a gente enfrentava e hoje a gente, hoje a gente encara aquilo que aconteceu, que hoje eu pelo menos encaro isso com... com naturalidade, não um fato terrível da vida, mas um fato que depois de muito trabalho, esforço, perdi uma coisa, perdi outra, mais sempre existe, eu acredito que existe a recompensa. A recompensa é a gente tá aí hoje, graças a Deus trabalhando.¹⁸

¹⁸ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

A fala do senhor José Madeira nos leva a crer que a igreja teve um papel fundamental na manutenção da unidade da sua família, pois logo que chegam em Morro da Fumaça, em 1982, perdem seus pais e ficam sozinhos. A partir da morte do pai, a luta pela sobrevivência tornou-se mais difícil. É neste sentido que a igreja contribuiu para a unidade da família, pois eram em nove irmãos e alguns ainda com idade de seis, sete anos. Os irmãos mais velhos tiveram que garantir a criação dos menores. A Igreja, com a Pastoral da Juventude e o Grupo de Jovens, passou a ser um ponto de apoio da família do senhor José Madeira, onde todos os seus irmãos de uma forma ou de outra participavam.

A leitura nos faz crer que a igreja, enquanto ponto de apoio, uniu a família do senhor José Madeira e possibilitou a superação das adversidades encontradas na luta pela sobrevivência. A busca de justiça pode ser observada em quase todas as práticas de muitas religiões populares, no Brasil. No dizer de Chauí: "Essas religiões se oferecem não só como paliativos para as desgraças reais de um cotidiano percebido como sem saída (o famoso "ópio do povo"), mas também como elaboração realista e consciente das adversidades do cotidiano, funcionando como pólo de resistência numa sociedade onde a cidadania foi recusada para a maioria e onde a opressão é regra da existência social das camadas populares".¹⁹ A fala do senhor José Madeira, também nos permite dizer que já se considera um vencedor, pois conseguiu construir uma casinha em 1995, que ainda falta o acabamento, mas não dependendo de morar na casa fornecida pelo proprietário da olaria. Além disso, seus irmãos mais novos já cresceram, estão adultos, quase todos já constituíram,

¹⁹ CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo. Brasiliense, 2ª ed. 1987. P.81.

sua família, como fizeram seus irmãos mais velhos. Ao que parece, a recompensa de que fala em sua narrativa, é estarem vivos para continuarem lutando pela sobrevivência.

A narrativa ainda sugere que é a partir da igreja, com a participação desses trabalhadores, principalmente os mais jovens, criou-se um espaço de sociabilidade. É através da participação no grupo de jovens do bairro Napolini (bairro onde existe uma concentração bastante significativa de olarias), seja na sua coordenação, organização ou no desenvolvimento de suas atividades é que outros valores vão sendo encontrados.

A experiência religiosa desses sujeitos não é homogênea. A vinda para Morro da Fumaça teria introduzido mudanças nas crenças desses homens e mulheres. O senhor Manoel José dos Santos nos diz: *“a minha religião é católica. A mulher é crente, faz doze anos. (Evangélica da Assembléia de Deus). Eu sou católico, toda vida fui”*.²⁰ Mas ressalta que só veio aprender a rezar em Morro da Fumaça. *“Lá não tinha igreja, não tinha nada”*.²¹

Já o senhor Henrique Luz, ao narrar a sua experiência religiosa diz: *“quando eu era criança, eu era católico até debaixo d’água, e fiz a primeira comunhão... tudo. Meus avós também eram católicos, minha mãe, a parentagem toda. E depois que fiquei adulto virei católico relaxado”*²²; contudo, quando fala da religião de sua família, aqui em Morro da Fumaça (mulher, filhos, genro), diz: *“apesar de não ir muito a missa continuo católico. A família já é tudo testemunha de Jeová”*.²³

²⁰ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/03/97.

²¹ Idem.

²² LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

²³ Idem.

Penso que as duras condições de trabalho e de existência tenham se transformado em um campo fértil para muitas religiões. Cremos que muitos trabalhadores tenham encontrado nelas, esperança e forças para continuarem a luta pela sobrevivência. Tomo de empréstimo, mais uma vez, as palavras de Chauí, quando diz: “a religiosidade se realiza como uma forma de conhecimento do real, como uma prática que ao mesmo tempo reforça e nega esse real, combina fatalismo (conformismo) e o desejo de mudança (inconformismo) (...)”.²⁴

O lazer

A historiografia que discute as formas de lazer da classe trabalhadora, ao nosso ver, aponta para duas vertentes. Uma primeira tem refletido sobre as estratégias utilizadas pelos donos do capital, no sentido de controlar os trabalhadores fora do ambiente de trabalho. Nesta perspectiva, apontamos para dois trabalhos de Maria Auxiliadora de Decca: “A Vida Fora das Fábricas”²⁵ e “Cotidiano dos Trabalhadores na República”,²⁶ nos quais a autora faz algumas reflexões sobre a questão. Na segunda vertente, aponto para as obras de Silvia Leser de Mello: “Trabalho e Sobrevivência”²⁷ e Eunice Ribeiro Durham: “A Caminho da Cidade”.²⁸

²⁴ CHAUI, Marilena. Op. cit. P.84.

²⁵ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas: o cotidiano operário em São Paulo – 1920-1934**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. P.49-95.

²⁶ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **Cotidiano dos...** P.57-74.

²⁷ MELLO, Silvia Leser de. **Trabalho e Sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo**. São Paulo. Ática, 1988.

²⁸ DURHAM, Eunice R. **A Caminho da Cidade**. São Paulo. Perspectiva, 1984.

Nelas, as autoras trabalham o processo de integração de trabalhadores rurais ao sistema urbano industrial, apontam para o confronto do antigo e do novo modo de vida num contexto de transição.

Neste sentido, abordaremos o lazer dos trabalhadores em olarias sob essas duas vertentes. Em suas narrativas os trabalhadores alinhavam algumas formas de lazer praticadas em Morro da Fumaça: a referência ao bar, ao futebol, à pescaria, às discotecas (Imbira Som e Fura Bucho) e à televisão são as práticas mais destacadas. Estas, também mostram que os trabalhadores percebem que houve mudanças em suas formas de lazer quando vêm trabalhar nas olarias.

Os trabalhadores mais antigos, como documentos vivos da história, nos dão uma dimensão da mudança. As entrevistas apontam para mudanças culturais ocorridas neste processo. O senhor Nenem, ao falar do seu lazer e de sua família, diz: *“diversão aqui é pouca. No domingo eu corto lenha pra queimar a semana inteira, porque a mulher não têm os dedos, é aleijada. Não pode trabalhar. (É importante ressaltar que a mulher do senhor Nenem perdeu os dedos na máquina da olaria). E o sábado de tarde eu sempre vou fazer um rancho. (compras) Os filhos nos domingo vão pro ‘Bira’. Eu não saíu, nem nos bar eu não vou. É meio difícil”*.²⁹ E continua dizendo: *“ah! Mas quando eu era solteiro eu gostava de me divertir. Lá era bailão gaúcho. Dançava a noite inteira. Era no sábado à noite”*.³⁰

Percebemos que presente e passado compõem a narrativa do senhor Nenem. No dizer de Maria Bernardete Ramos Flores: “a história viva e oral pode nos

²⁹ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

³⁰ Idem.

mostrar que não há uma linearidade espacial e temporal na história.(...) Muitas pessoas têm estilo de vida, maneiras de pensar, sentir, falar, que são testemunhos do passado, como também podem ser vivências vigorosas do presente”.³¹

Ao que parece, as narrativas sobre o lazer desses trabalhadores são muito parecidas, principalmente a dos trabalhadores rurais e pescadores mais antigos, mesmo que tenham vindo de localidades diferentes. Em suas lembranças os bailes aparecem como diversão que foi praticada na juventude por todos, tocados por gaita de boca, gaita de ponto, cavaquinho, violão, rebeca. Estes eram lembrados por eles de diferentes formas. O senhor Edir conta que o salão de baile era de chão batido. Os bailes eram no sábado à noite e aos domingos a tarde era domingueira. A luz era de lampião com querosene colocados nos cantos do salão, e continua dizendo: “*volta e mela a turma apagava o lampião e o pau pegava. Naquele tempo não havia justiça. Todo mundo armado aí... Cada um com um trinta e oito na cintura, outro com uma adaga, espada, punhal*”.³² Para o senhor Nilton, o que dificultava a sua ida aos bailes ou a festa de 20 de Janeiro em Urussanga Velha era a distância. Ele conta que tinham que andar mais de 10 km para ir a um baile. “*Naquele tempo não tinha asfalto, não tinha estrada, não tinha nada. Era só carro de boi*”.³³ Ele diz que o trajeto até o salão era feito descalço, os sapatos eram calçados quando estavam próximos ao salão.

Estes protagonistas da história percebem o movimento e têm compreensão

³¹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Teatros da Vida, Cenários da História**. A farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina. PUC/SP, 1991. Tese de Doutorado. P.189.

³² BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

³³ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

das coisas que afetam diretamente as suas vidas e que implicam em mudanças. As inovações no transporte, na saúde, no trabalho, no acesso a determinados bens podem ser sinais de que os “tempos mudaram”. As palavras do senhor Edir explicitam muito bem as mudanças ocorridas.

Hoje em dia às vezes termina a energia (falta) aqui, nós temos sempre velinha guardada em casa. A gente acende uma, duas, três vela... barbaridade a mulher fica quase loca. Ventilador naquele tempo não existia. Hoje em dia a gente não dorme sem ventilador ligado, inverno e verão. Tenho quatro ventilador, dois funcionando e dois parado. As vezes, chega uma visita... muito mosquito né. Naquele tempo mosquito a gente espantava ele era com fumaça. Na boca da noite a gente fazia aquela fumaça de cisco e esterco de gado... então em roda de casa tu via só aquele fumero, por causa do mosquito. De madrugada o bicho lanhava a gente né. Hoje em dia os caras têm tudo o que é recurso. Por isso eu digo, a gente... foi o lugar de mais descanso que nós tivemos na nossa vida foi aqui.³⁴

Observo que o senhor Edir, ao fazer comparações, tenha incorporado à sua vida padrões dominantes. Possivelmente, muitos trabalhadores tenham incorporado esses padrões dominantes; todavia, é importante perceber que através da absorção de padrões dominantes eles expressam algo de suas vontades. Para Sader “as famílias operárias procuraram assimilar (com resultados variados) os padrões de consumo difundidos pela indústria cultural e que os aparentaria ‘à classe média’. Isso significa uma absorção de padrões dominantes. Mas significa também uma reivindicação de participação no consumo dos bens produzidos com a

³⁴ BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

industrialização”.³⁵ Os indícios nos levam a crer que o mais importante, na aquisição desses bens se expressou na importância atribuída pelas famílias operárias à casa própria. Para os trabalhadores, como os senhores Edir, Nilton e Manoel, que depois de anos de um esforço coletivo conseguiram ter sua casa própria, entendem que suas vidas melhoraram. Na visão de Nabil Bonduki, a casa própria é: “símbolo da consolidação e da estruturação da família, expressão de seu sucesso, da sua união, arcabouço que guarda, protege e garante o resultado do trabalho e esforço da família na luta cotidiana pela vida”.³⁶ Neste sentido, a luta pela casa própria expressa um valor profundamente arraigado nesses trabalhadores. Ela representa a segurança para a coesão familiar, o poder de organizar seu próprio espaço, livres de ter que morar em casas da empresa possibilitando a luta por melhores salários ou procurar um outro trabalho que não seja as olarias.

É preciso ver mais de perto como o capital se apropria do tempo livre da força de trabalho, apresentado sob a forma de lazer. O trabalhador, usurpado em seu tempo livre, só tem condições, no tempo que lhe resta, de repor parcialmente sua força física. Como a reposição de sua força de trabalho lhe toma todo o tempo livre de que dispõe, o seu lazer, se resume basicamente ao descanso. Mesmo assim, o capital vai ocupar também esse pequeno período de descanso. É neste sentido que os meios de comunicação, especialmente a televisão, contribuiu para mudanças nos hábitos de vida dos trabalhadores em olarias.

³⁵ SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2ª ed., 1988. P.110.

³⁶ BONDUKI, Nabil. **Construindo Território de Utopia**. Tese de Doutorado, USP, 1987.

A televisão é hoje uma grande indústria de vendas. Ao lado dessa função que é uma função econômica, a televisão, por fazer parte da indústria cultural, exerce a função de difundir, reproduzir e legitimar as idéias da cultura dominante. Dificilmente não se encontra uma televisão, mesmo que seja preto e branco ou de segunda mão nas casas dos trabalhadores em olarias. Conforme Fernando Barros e Silva: “é muito provável que essa hegemonia cultural da ‘telinha’ tenha alcance planetário, mas o impacto de seus efeitos é maior em sociedades como a brasileira, onde o enraizamento de formas urbanas de convivência e o surgimento da TV são fenômenos quase simultâneos”.³⁷ Contudo, não podemos generalizar ao falar dos meios de comunicação como elementos de enraizamento dos trabalhadores em olarias. É preciso entender, que não é possível homogenizar esses trabalhadores, pois muitos vieram em momentos e de contextos diferentes.

As narrativas me leva a crer que a televisão passou a fazer parte do universo cultural desses trabalhadores a partir da década de 80; por isso, entendemos que a influência da televisão na vida desses homens e mulheres é algo bastante recente. É impossível não perceber a influência que os meios de comunicação passaram a exercer na vida desses sujeitos que vivendo na miséria e na pobreza, voltam-se para uma vida privada, em que a “ligação com o mundo”, permanente passou a ser dada pela televisão, que fornece os temas das conversações. Para Moacir Gadotti, “a grande massa dos trabalhadores está ausente desse debate e freqüenta docilmente a ‘universidade’ que a classe

³⁷ SILVA, Fernando de Barros. In: Folha de São Paulo. TV Folha, 10/08/97, P.2.

dominante lhe reservou: a 'educação permanente' da televisão".³⁸ Tudo leva a crer que a televisão tornou-se um dos instrumentos mais sutis de inculcação dos valores dominantes, e controle do lazer dos trabalhadores. Esse controle atinge também os trabalhadores de olarias. O senhor Henrique aponta a televisão como um instrumento do seu lazer. Já o senhor Edir ao falar das dificuldades enfrentadas na luta pela sobrevivência, diz: "*é rapaz do céu foi um programa essa nossa vida*".³⁹ É interessante notar o uso da palavra "programa" em relação a uma vida de trabalho e sofrimento. Vê-se aqui, a influência dos meios de comunicação, acentuadamente a televisão. Essa influência e controle da televisão parece ser questionada pelo senhor Gilberto, quando diz: "*as vezes vê uma televisãozinha né. Que é o único meio de comunicação, que não é de grande ajuda também né. Grande benefício, a televisão, porque mostra aquiio que não têm importância, não ajuda nada no crescimento da gente*".⁴⁰

A escola

Falar da escolaridade desses homens e mulheres antes e agora é registrar o pouco tempo que passaram nos bancos escolares. Conforme a Delegacia Regional do Trabalho, 74% dos filhos dos trabalhadores das olarias estão fora dos bancos

³⁸ GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**: um estudo introdutório, 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1990. P.132-133.

³⁹ BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

⁴⁰ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

escolares. Em suas narrativas, os trabalhadores colocam que freqüentaram a escola muito pouco tempo; a conclusão da 4ª série primária teria sido o ponto máximo de permanência na escola. A mesma situação tem acontecido com seus filhos. A partir desses dados da DRT e das narrativas dos trabalhadores levantamos uma questão: Por que esses trabalhadores permanecem pouco tempo nas escolas? A fala do senhor Nenem pode contribuir para uma primeira resposta a questão. Ele aponta a distância que dificultou o seu acesso e o de seus filhos à escola lá em Jacinto Machado. E continua, *“quando eu era pequeno até o tempo de aula eu ajudava o pai. Eu ia pra avia de manhã e trabalhava de tarde. Depois já fiquei maior, o pai disse: ‘Eu vou tirar ozeis da aula, porque aprenderam um pouquinho, que chega. Já aprenderam o nome, já tá bom. E vamos trabalhar pra ajudar a família’. Eu acho que o pai tava certo né. Porque só ele trabalhar pra sustentar dez filho é ruim né”*.⁴¹

Ao que parece a situação experimentada pelo senhor Nenem veio a acontecer com muitos outros trabalhadores; as distâncias e as dificuldades econômicas teriam contribuído para o abandono da escola.

Os dados da DRT e as narrativas dos trabalhadores demonstram que a situação não mudou com a vinda para Morro da Fumaça. Mesmo com escolas próximas ao local de trabalho e transporte gratuito fornecido pela prefeitura não tem garantido a permanência das crianças na escola. O senhor Gilberto conta que *“a maiorla das crianças que trabalham nas olaria não têm escola. Com o Profas (Programa Fumacense de Ação Social) deu uma melhorada. É porque os ônibus começaram ir até as portas das olarias. Porque tá passando ônibus do Profas então*

⁴¹ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

deu uma melhorada. Mas ainda lá a falta de educação, condições de ir pra escola é muito difícil".⁴² As dificuldades referidas pelo senhor Gilberto, são as econômicas. Suas três irmãs foram obrigadas a sair da escola porque não tinham condições de comprar o uniforme exigido pela escola. Saíram da escola e foram trabalhar na olaria. *"Começaram a trabalhar uma tinha nove anos, a outra tinha dez e a outra tinha onze, eram meninas ainda"*.⁴³

Os indícios nos levam a crer que não só as distâncias e as dificuldades econômicas teriam levado esses trabalhadores a abandonar a escola. As narrativas mostram que os trabalhadores não gostavam de estudar. O senhor Manoel conta que *"eu tive seis anos na escola. Entrei na cartilha e saí na cartilha. Era burro a cagá. (Risos). Mas sabe o que eu fazia? De manhã eu ia pra aula e ia pro brejo, pro mato e os outros pra aula. Só negociava a hora que os outros vinham da aula. Eu queimava o trecho e vinha embora"*.⁴⁴ Seu Manoel ressalta que fugia da escola porque tinha medo da professora, que lhe batia pois não sabia ler. E continua dizendo *"tive seis anos, não aprendi nada. Só sei fazer o meu nome. Ainda aprendi o meu nome depois que vim pra Morro da Fumaça"*.⁴⁵

O senhor Luiz, que começou a estudar em Morro da Fumaça, conta que concluiu a quarta série, porém lembra que foi reprovado três vezes na primeira série.

⁴² MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

⁴³ Idem.

⁴⁴ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

⁴⁵ Idem.

Ele diz: “*olha eu não gostava muito de estudar não. O cara ia porque o pai obrigava*”.⁴⁶

Para Márcio Medeiros de doze anos, que deixou a escola na quarta série sem nunca ter reprovado, considera “*a escola é muito chata*”.⁴⁷ Por que esses trabalhadores não gostavam da escola? Magda Soares responde a questão quando diz:

*A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como ‘certos’, enquanto que os próprios padrões são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como ‘errados’. Seu comportamento é avaliado em relação a um ‘modelo’, que é o comportamento das classes dominantes; os testes e provas a que é submetido são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de pressupostos etnocêntricos, que supõem familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes.*⁴⁸

Pode-se dizer então, que a responsabilidade da evasão e do fracasso escolar dos trabalhadores cabe à escola, que trata de forma discriminativa a sua diversidade cultural.

Por outro lado, esses trabalhadores reconhecem a importância da escola como caminho para conseguirem um melhor trabalho. A escola é entendida por eles como forma de ter acesso a um trabalho mais leve, mais fácil, mais limpo. No entanto, eles têm clareza que o pouco tempo de escola não lhes dará oportunidade de um trabalho mais fácil, mais leve. E o senhor Nilton explica “*meus filhos, todos*

⁴⁶ MARTINS, Luiz Pereira. Entrevistado. Morro da Fumaça. 03/04/97.

⁴⁷ Jornal da Manhã, 08/07/97. P.3.

⁴⁸ SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. São Paulo, 13ª ed. Ática, 1995. P.15.

eles estudaram aqui. Todos eles. Quer dizer, que pra estudar muito, não estudaro. Porque, só sabe um pouquinho mesmo. Nome uma coisinha eles sempre sabe. Mais pra estudo assim, pra trabalhar em firma, não. Tudo no pesado".⁴⁹

Em suas narrativas, os trabalhadores dizem estar arrependidos de ter abandonado a escola, sem ter a consciência que grande parte do seu fracasso escolar está na própria escola. Muitos, têm voltado a estudar, como as irmãs de Gilberto, que estão cursando o supletivo de 1º grau.

Achamos importante, também, fazer algumas reflexões sobre a saúde dos trabalhadores em olarias; todavia, as reflexões sobre a saúde aparecem em todo corpo do trabalho, nas narrativas dos trabalhadores.

Uma certa naturalidade ao falarem da morte e de como tratavam da saúde antes de vir para Morro da Fumaça. A ausência de recursos econômicos para obter tratamento médico, além das longas distâncias que tinham que percorrer para chegar a uma farmácia, conjugavam-se para aquele modo de pensar. Em todas narrativas, os entrevistados colocam que tinham uma saúde muito melhor. Seu Ivo coloca que "*a saúde lá na colônia era muito melhor que aqui. Para as crianças e nós mesmo que trabalhamos no pesado*".⁵⁰ Ao falar da saúde lá, lembram das dificuldades de ter acesso a ela ou da forma natural de tratá-la. O senhor Edir conta que usavam ervas e raízes nos cuidados com a saúde "*nós cozinhava raiz de assa peixe, carqueja, dessa carqueja miudinha, cipó milhão, cipó sungo. Nós fazia aquelas garrafada tomava né*".⁵¹ Entretanto, eles contam que aqui em Morro da Fumaça ficou

⁴⁹ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

⁵⁰ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁵¹ BORGES, Edir. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

mais “fácil” cuidar da saúde na medida que o hospital, a farmácia e o posto de saúde estão mais próximos. Os trabalhadores em olarias, ao falar de sua saúde explicitam as duras condições de trabalho e de vida que estão submetidos. O trabalho insalubre e pesado, as péssimas condições de moradia, contribuem para agravar a saúde desses trabalhadores e suas famílias. Conforme o Dr. Rudy Jonny Rosenstengel Júnior, médico do hospital São Roque de Morro da Fumaça e também, o bioquímico Dr. César Prêve, as doenças mais comuns nos trabalhadores de olarias são *“verminose, problemas respiratórios, muita chia, pneumonia, desidratação, resfriados, gripes, infecção renal, infecção intestinal”*.⁵² Para eles, as causas dessa doenças estão no *“excesso de trabalho, nas péssimas condições de saneamento básico, poder aquisitivo baixo, subnutrição e poluição”*.⁵³

Trabalho, moradia, salário - Teias da submissão

O controle social numa sociedade capitalista procura abarcar todas as esferas da vida, todas as situações possíveis do cotidiano. Esse controle, se exerce desde a tentativa do estabelecimento da disciplina rígida, do espaço, do tempo de trabalho até a tentativa de normatizar ou regular as relações estabelecidas pelos

⁵² JÚNIOR, Rudy Jonny Rosenstengel. PRÊVE, César. Citado por ZANELATTO, João Henrique. In: **Condições de Vida dos Trabalhadores em Olarias de Morro da Fumaça**. Criciúma: UNESC, 1993. Monografia. p. 21.

⁵³ Idem, ibidem, p. 21-22.

trabalhadores fora dos locais de trabalho. O empreendimento do controle social no mundo capitalista, diz respeito a totalidade das relações sociais. Em todas as esferas da vida, o que se tem é a explicitação de um mesmo tipo de controle, ou seja, aquele necessário a reprodução e perpetuação de relações capitalistas de produção, expressas de diversas formas.

Déa Ribeiro Fenelon explica a questão quando diz:

investigar,(...), o todo social para compreender a necessidade de organizar, regular e controlar o mercado de trabalho para o capital sobretudo industrial e urbano não pode se restringir a estudos que visem apenas os aspectos técnicos dos componentes deste mercado, pensando em termos econômicos de agregado de dados, ou exclusivamente determinações estruturais, mas deve passar necessariamente pela investigação da crescente necessidade de reorganizar, para controlar todos os aspectos da existência do trabalhador, principalmente aqueles que dizem respeito às condições de vida fora da fábrica, a família, a alimentação, a saúde, a educação, o transporte, a habitação, o lazer, etc... Absorver o controle, nestas condições significa o reorganizar dos próprios saberes sobre estas condições em que se realizam concretamente estas experiências de vida para racionalizá-las e submetê-las ao domínio do capital.⁵⁴

As reflexões a seguir pretendem perceber através das experiências desses homens e mulheres, os mecanismos e estratégias utilizados pelos proprietários de olarias para submetê-los ao seu domínio. Domínio este, que permeia todos os poros da sociedade; partindo desde a coerção física e moral, até as relações familiares, a relações de trabalho, a esfera pública, as manifestações políticas e culturais. Para dar conta desta questão, temos que conhecer as relações que os proprietários de

⁵⁴ FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social: perspectiva de investigação.** Projeto História. São Paulo, PUC, nº 4 – Junho/85. P.30.

olarias estabelecem na sociedade de Morro da Fumaça.

Freqüentemente, os estudos e produções sobre a questão da migração trazem em seu bojo uma série de dificuldades encontradas pelos migrantes, quando da sua chegada. É preciso encontrar trabalho para comer e alimentar os mais velhos e os menores; é preciso encontrar abrigo para a família. É na partida e na chegada que as famílias de migrantes experimentam o processo de ruptura com o mundo onde viviam e tinham suas raízes. Conforme Silvia Leser de Mello: “Em maior ou menor grau, a partida e a chegada são, sempre, uma violência, e o mundo urbano, onde são atirados, vem só confirmar a violência com o seu modo original de viver”.⁵⁵

Percebemos, que para os trabalhadores em olarias, a maior violência é o trabalho. O Senhor José Madeira comenta as dificuldades de trabalhar na olaria.

Que tu pega sem experiência, nunca trabalhou com esse tipo de coisa, com tijolo, pegava aqueles fornos quentes das olarias ali. Aquela época, olha, o forno era quente, me lembro que na primeira semana, ia acontecer um jogo da Copa do Mundo, bem, o pessoal todo queria ver esse jogo né, daí o forno tava acabando de queimar, fui lá então... “vocês vão ver o jogo, que depois vocês voltam a trabalhar. Trabalham até mais tarde” Parece que nós não tínhamos ido ver o jogo, chegamos lá, pegamos o forno quente. No outro dia o Beto, o pessoal, eu não porque eu trabalhava mais na questão da máquina, mais o pessoal aqui assim na mão, era só bolha de... de, d’água, do tijolo quente. Foram um dos primeiros, o primeiro mês, é um mês praticamente pra gente, só pra gente ter uma idéia do que a gente tava pegando. Foi um dos meses, o mês mais difícil que a gente passou na nossa vida, eu acho que foi aquele mês ali. Trabalhava naqueles fornos quentes, naquelas coisas ali, coisa que a gente não conhecia, não tinha nem noção do que era. Olha, foi... virava carrinho. A gente era obrigado a fazer aquilo, né cara, tinha que sustentar família.⁵⁶

⁵⁵ MELLO, Silvia Leser de. Op. cit. P.60.

⁵⁶ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

Podemos aqui afirmar, que grande parte dos trabalhadores que vieram para Morro da Fumaça para trabalhar em olarias, já acertavam com os proprietários das olarias, o trabalho e o local para morar, sendo que os pertences de muitas dessas famílias já eram trazidos pelo patrão.

Como podemos constatar, a maioria das famílias que vieram trabalhar nas olarias de Morro da Fumaça moravam em casas fornecidas pelas empresas. Isso acontecia, pois os proprietários construía casas para seus funcionários. Segundo informação do Sindicato dos Trabalhadores, cerca de 90% dos operários das olarias moram em casas da empresa.

Quanto ao número de casas construídas, variavam de no mínimo quatro e no máximo vinte casas; isso, de acordo com o tamanho da olaria, não se tratando aqui de um modelo de fábrica-vila-operária.

Neste sentido, achamos importante fazer uma reflexão sobre a questão da habitação e a moradia operária. O fenômeno da industrialização, com o conseqüente aumento da população urbana e o crescimento das cidades, levou a configuração de um quadro de vida urbana no qual ganhou especial atenção a situação da moradia, tornando-se objeto de denúncias políticas e de debates, sempre associados às condições de existência das classes trabalhadoras, desde o século XIX; portanto, a literatura especializada sobre o tema da habitação já não é recente.

Engels foi um dos primeiros autores a realizar um estudo mais sistemático da questão da habitação. Em sua obra, A Situação da Classe Operária na Inglaterra – 1845,⁵⁷ há um capítulo (As Grandes Cidades) em que descreve as condições de

⁵⁷ ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Operária na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Frota. São Paulo: Global. 1985.

moradia dos trabalhadores em Londres e Manchester; porém é na Questão da Habitação⁵⁸ que o assunto é tratado com maior profundidade.

Embora Engels tenha feito um estudo sobre a questão da habitação, é necessário dizer, que seu interesse ao desenvolver a temática foi, em primeiro lugar, fazer uma crítica às condições de vida dos trabalhadores gerados pela sociedade industrial, no caso, a da Inglaterra e, em segundo, expor seu pensamento e o de Marx sobre a questão do alojamento.

Ao considerar a possibilidade de o problema da moradia vir a se tornar um entrave ao pleno desenvolvimento de seus negócios, é que a burguesia se interessou pela questão. Nesse sentido, a moradia passou a ser vista como um investimento complementar, necessário às condições de produção, ainda que seja parte das condições de reprodução da força de trabalho.

Percebemos isso em Morro da Fumaça, quando os proprietários de olarias decidem pela construção de casas para os operários, que são feitas junto às fábricas, tendo por objetivo garantir a disponibilidade de mão-de-obra necessária, o que representou mais uma forma de exploração e domínio sobre os trabalhadores.

Berenice Martins Guimarães, citando Engels coloca: "De um lado, há uma tentativa de fixar os trabalhadores em um lugar, impedindo-lhes a liberdade por eles adquirida de ofertarem a sua mão-de-obra onde melhor lhes convier. De outro, quando a solução da moradia está vinculada ao contrato de trabalho, significa o rebaixamento de seus salários, ao mesmo tempo que torna-os mais vulneráveis ao

⁵⁸ ENGELS, Friedrich. **A Questão da Habitação**. Belo Horizonte. Aldeia Global. Coleção Fundamentos, nº 10, 1979.

domínio dos patrões”.⁵⁹ Assim o patrão descontava a parte correspondente ao pagamento do aluguel no seu custo de reprodução, o que equivaleria a rebaixar seus salários.

Se tratando da literatura brasileira sobre a análise deste tipo de habitação proletária, consideramos aqui os estudos de Blay⁶⁰ e Lopes.⁶¹ Várias são as interpretações que partem de uma visão idealizada, apresentando de um lado as vilas operárias, harmoniosamente integradas e sem contradições, de outro, os moradores, são tidos como companheiros sem rivalidades ou submissão, e os patrões, como capitalistas-empresários, benemerentes e humanistas.

Já na perspectiva de Blay as vilas operárias são estudadas como “uma das primeiras soluções coletivas, encontradas pelos patrões para resolver o problema da moradia da força de trabalho assalariada urbana empregada pela emergente indústria capitalista”⁶²; inserindo-a no quadro mais geral de estudo da moradia operária, evidencia que “a habitação foi um meio na relação patrões-empregados, que permitiu uma atuação em dois níveis: serviu para pressionar o comportamento

⁵⁹ GUIMARÃES, Berenice Martins. **A Questão da Habitação** – Algumas Perspectivas de Análise do Problema na Inglaterra, Estados Unidos e França. Textos: Sociologia e Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais. P.9.

⁶⁰ BLAY, Eva Alterman. **Eu Não Tenho Onde Morar**: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo – Nobel, 1985. A autora examina as relações que se estabelecem, ao longo do processo de industrialização, entre o operariado, os empresários e o estado. E, neste conjunto a casa na vila operária. O fio condutor é a história de vida do trabalhador contada por ele mesmo.

⁶¹ LOPES, José Sérgio Leite. **O Vapor do Diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

⁶² BLAY, Eva Alterman. In: VALLADARES, Lúcia do Prado. **Habitação em Questão**. Ed. Zahar. 2ª ed. 1981. P.143.

social do emergente operariado urbano e atuou no processo de acumulação de capital a ser investido na indústria e na reprodução ampliada do capital(...)"⁶³ A fala do senhor Nenen explicita a perspectiva de Blay, evidenciando o comportamento submisso por morar em uma casa fornecida pelo patrão e ao mesmo tempo que acumulam mais capital, pois pagam salários mais baixos aos operários.

O salário aqui ele paga mais de um salário. Paga cento e cinquenta pra mim. Pra negócio de mulher e guri, ele paga cento e trinta. E pra alguns ele paga duzentos pila. Aqui o patrão dá a casa, não cobra a energia, não cobra a água, não cobra nada. Ele paga pouco, mais no final, ele paga bastante. Porque se o cara for pagar o aluguel da casa, ia o salário né. Por isso, que já eu digo assim pra ocê, eu nem peço muito aumento pra ele. Porque a gente mais ou menos pensa na cabeça da gente, se for pagar aluguel de uma casa, água, energia no final, sai mais caro. O que eu ganhava não dava pra pagar.⁶⁴

Seu Nenem percebe claramente que ganha menos que outros trabalhadores, porém soma a esta perda, o preço do aluguel e conclui que na verdade está ganhando um pouco mais do que de fato ganha. Este cálculo é equivalente ao feito pela empresa, que por sua vez, também reduz o salário dos trabalhadores que moram em suas casas. O raciocínio é puramente econômico.

Dissemos inicialmente, ao falar da questão da habitação, que a moradia dos trabalhadores em olarias não se tratava de um modelo fábrica-vila-operária. Isso, porque o número de casas construídas pelos proprietários de olarias é muito

⁶³ Idem, ibidem, P.143.

⁶⁴ BORBA, Zeferino João do. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

pequeno. São raros os casos de olarias em que o número de casas ultrapassem a dez. Por este motivo, evitamos chamá-las de vilas-operárias, mas podemos estabelecer algumas relações entre o modelo fábrica-vila-operária e a moradia dos operários das olarias.

Percebemos que no modelo fábrica-vila-operária, a exploração da mão-de-obra acontece pela proletarização da família inteira, direta ou indiretamente. Esta situação acontece também, com os trabalhadores das olarias que recebem a casa para morar.

Este modelo fábrica-vila-operária em que ocorre a proletarização da família inteira, impõe a redefinição dos papéis familiares. Maria Célia Paoli explicita isto quando diz:

A prática das fábricas que se implantaram em pontos pouco urbanizados do país e que proletarizaram seus trabalhadores pela mediação da família, isto é, aliciando a mão-de-obra do campo pela contratação da família inteira, fazendo esta submeter-se ao ritmo do trabalho industrial e tendo para isto que redefinir os papéis familiares.⁶⁵

Essa redefinição de papéis familiares se fez necessário também para os operários de olarias, pois ao transferirem-se para Morro da Fumaça, esses migrantes que chegam sem posses materiais (e que constituem-se na maioria) sofrem ainda aquilo que Lúcio Kowarik chamou “perdas de propriedades

⁶⁵ PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos nas falas dos outros. In: LOPES, José Sérgio Leite. (Org.). **Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura da classe operária**. Rio de Janeiro: UFRJ / Marco Zero / PROED, 1987. P.79.

cognitivas”⁶⁶ (no sentido de que o estoque de conhecimentos que tinham, principalmente os trabalhadores rurais e pescadores, não lhes serve mais, dadas as características do trabalho nas olarias). Assim podemos dizer que essa redefinição dos papéis familiares vai indicar que a integração dos trabalhadores ao assalariamento ocorreu por meio de um processo social com lutas, resistências e estratégias de sobrevivência; nem sempre facilmente perceptíveis, pois encontram-se fragmentadas nas diferentes práticas dos trabalhadores rurais, pescadores, mineiros e outros, agora operário das olarias. Esse processo levou a configuração de novas relações sociais e de poder no espaço a que nos referimos.

Voltando a questão da moradia dos operários das olarias, levantamos a seguinte questão. Como são as casas em que moram esses homens e mulheres? Essas casas são construídas ao lado das olarias em lugares baixos e com muita umidade, constituídas de quatro a cinco cômodos. Não são forradas e dificilmente encontra-se casas com assoalho de madeira. Sendo que a maioria está só no contrapiso. Na década de 70 e 80 grande parte das casas não possuíam banheiro no seu interior, os banheiros eram coletivos. Eram constituídos de dois a três banheiros ao lado das casas e usados por todas as famílias que trabalhavam na olaria. Esses banheiros eram só para tomar banho, pois as necessidades fisiológicas eram feitas em privadas construídas atrás das casas. Só nos últimos anos é que banheiros foram construídos no interior da casa. Alguns, por pressão dos operários, outros, por consciência do patrão. Nessas casas havia água encanada, no entanto, saneamento básico não existia. Era a céu aberto.

⁶⁶ KOWARIK, Lúcio. As Metamorfoses do Trabalho. In: **A Espoliação Urbana**, Paz e Terra, 1980. P.179.

Aqui na casa não tem porta, não tem janela, é só encostadinho. Pedi um forro pra ele, nessa casa, pra forrar a casa porque entra uma poeirada, nunca deu forro. Até uma horinha que tiver um dinheiro eu quero comprar um plástico e forrar com plástico. Todo ano nós varremos a parede. Agora nós nem varremos porque entra uma poeirada. Não adianta. Passa um caminhão aqui, entra uma poeirada. Nós comemos a metade.⁶⁷

Já o Senhor Henrique conta que das quatro olarias em que trabalhou, a casa que mais gostou é a que vive hoje.

As casinhas eram muito ruins, mais apertadas né. As vezes muito perto de barreira né. Já aquele mau cheiro tudo. As vezes a água apodrece, uma barreira que leva tempo pra esgotar né. Seca né. E a única que eu mais gostei foi essa.⁶⁸

O Senhor Gilberto Madeira aponta as dificuldades de se viver em uma casa de olaria:

E eles vem pra cá e acabam caindo na armadilha né. É tipo um 'mundel'. Sai de lá... tu vem pra cá... na verdade não é casa, é barraco. Não tem condições é... a gente não vive bem numa casa daquela, as crianças tão direto chupadas pelos mosquitos. Tu pode ver qualquer criança, qualquer criança de olaria. Tu pode ir numa olaria hoje e pede pra ver uma criança daquelas, se elas não tão toda picadinha de mosquito né. Por isso as causas de doença né. Tudo mais, micróbios direto, a falta de higiene. Dá uma chuva aquilo transborda de água, tudo quanto é canto. Lamera na frente de casa, a dificuldade de andar, passar, aquela água podre.⁶⁹

⁶⁷ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁶⁸ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

⁶⁹ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/02/97.

O Senhor Nilton Goulart também ao referir-se da casa de olaria que morou nos diz: *“Era muito ruim. Dava uma tormenta molhava tudo dentro. Chuva né. Passava muito trabalho, as casas muito ruins. Depois eles não forram uma casa. Já morava na olaria, poeira do forno tudo. Não são capazes de fazer uma casa um pouco alta da terra. Quando dava chuva com vento molhava tudo dentro”*.⁷⁰

As narrativas dos trabalhadores em olarias, sobre suas condições de moradia se confundem com aquelas descritas por Engels, na Inglaterra, no século XIX.

Percebemos, que esta relação na produção mediatizada pela casa, passa a representar um fator que pesa no poder de dominação dos proprietários das olarias e no instrumental de reivindicação dos operários. Além da casa, os proprietários das olarias asseguram o abastecimento de água, a energia elétrica, a lenha para os fogões, numa forma de dominação que controla diretamente as condições materiais de reprodução da força de trabalho desses operários. Lopes, em seus estudos sobre vilas operárias no nordeste, nos diz que “os operários passam então necessariamente a depender de toda uma teia de ‘favores’ por parte dos empregadores para se verem atendidos nos detalhes mínimos de sua vida cotidiana doméstica(...)”.⁷¹

Além disso, as concessões extramonetárias recebidas pelos operários, que gira em torno da casa da olaria, trazem importantes repercussões sobre a mobilidades dos operários no mercado de trabalho que não seja o de olarias.

⁷⁰ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/02/97.

⁷¹ LOPES, José Sérgio Leite. Op. cit. P. 179.

Qualquer ameaça de demissão ou qualquer projeto de procurar um novo emprego esbarram em dois obstáculos que se completam, e que no dizer de Lopes “praticamente imobilizam o operário”.⁷² Além de estar desempregado por demitir-se ou ser demitido o operário vê-se na condição de despejado.

O lugar de moradia, que constitui a base onde se realiza a reprodução da força de trabalho, apresenta-se em nosso entender sob dois aspectos: da lógica do capital, pois, o lugar de moradia é base para um tempo de recomposição, necessário em função da produção capitalista, e na perspectiva do trabalhador, onde seu trabalho foi apenas um sacrifício necessário para a obtenção de um salário com o qual pudesse viver. Por isso, o tempo fora da esfera de produção é que constitui o tempo de vida. No dizer de Sader:

*Esse lugar de moradia, suporte da sua reprodução para o capital como da sua vida para si mesmo, constitui um espaço coletivo, onde habita uma unidade doméstica, quase sempre uma família. E, de resto, é no seio desta unidade doméstica, quase sempre uma família, que se efetuam as decisões mais importantes tanto a respeito do engajamento de cada um no mercado de trabalho quanto sobre o uso a ser feito dos rendimentos aí obtidos.*⁷³

A exploração dos operários das olarias não se restringem apenas a questão da moradia. Mas é visível que a dependência da moradia proporcionou um aumento ainda maior da exploração, seja nas duras condições de trabalho ou nos salários aviltantes. Os relatos dos operários explicitam muito bem a situação em que encontram-se:

⁷² Idem, ibidem. P.182.

⁷³ SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. P.100.

É um serviço muito pesado, a olaria é um serviço pesado. É assim ó, hoje tu bota em média 120 a 130 tijolo num carrinho, esse tijolo, ele seco, ele tá pesando na média de um quilo e meio. Ele verde, tu coloca ele na base de dois quilos, vamos colocar dois quilos ele verde. 130, 120, 130 tijolo, a dois quilo, vai dar quanto? 260, 280 quilos. Um corpo pra aguentar das 4 horas da manhã como nós pegavamos até as vezes 8, 9 horas da noite pra dar conta de um forno carregado. Olha, não é fácil. Tinha que ralar muito.⁷⁴

O Senhor Nilton, que há trinta e cinco anos trabalha em olaria, lembra das dificuldades do trabalho, principalmente nos primeiros tempos, onde ainda não eram utilizados caminhões e retro-escavadeiras para a extração e o transporte da argila. *“Naquele tempo era brabo né. Puchado barro a braço, arrancado a braço. Tudo na pá né. Botava no trole, puxava pra dentro do barraco. Depois era assim: tinha que as vezes queimar de noite e de dia ia pra barreira cavar barro”⁷⁵* Seu Nilton ainda ressalta, que o trabalho insalubre prejudicava sua saúde e de seus companheiros. *“Aqui tem muita poluição, muita poeira. Lá não. Aqui, depois que vim pra cá mudou muito a saúde. Muita gripe, lá não. Essas olarias aí rapaz... pega forno quente. Aí sai neste frio, como nós trabalhava, Deus o livre. Forno, de largar água, pra esfriar, pra nós tirar o tijolo. A poeira que esses coitados pegaram, e eu peguei... poeirada caloria”⁷⁶*

O Senhor Antônio Dias, também comenta as dificuldades enfrentadas por sua família ao trabalhar nas bocas dos fornos das olarias:

⁷⁴ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

⁷⁵ GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

⁷⁶ Idem.

Esse meu rapaz que tem aqui, entrava no forno, pegando tijolo assim, lá com pauzinho. Pegando aqui e entregando pro velho "Dino" (Patrão), pra ele jogar o tijolo lá fora. Não era empilhado. Era jogado lá no chão pra esfriar. O tijolo tava... tava... o senhor guspia nele assim envermelha tudo. Tava vermelho ainda de fogo. Aí eu peguei, falei, ah não dá. O menino saía de lá com a roupa molhada. Pega um tijolo pra sair... dia de frio, o tijolo quente. Entrar dentro do forno é a mesma coisa que tá dentro do fogo. Sai... saía com a roupa colada dentro do corpo. Eu falei não, isso não é vida pra ganhar um prato de comida, não precisa se matar.⁷⁷

O Senhor Ivo narra as dificuldades de trabalhar como empreiteiro e do excesso de trabalho para conseguir aumentar um pouco o seu salário.

É uma micharia o que ele paga pra carregar um caminhão do forno. Forno quente, que rapaz... tem muito que até precisa, tem muito que não tem o que comer em casa, são obrigado. Eu não faço isso. Eu preciso trabalhar. Jogar a minha saúde assim... aí pára né. Eu não preciso trabalhar só hoje. Eu já tirei tijolo de pauzinho do forno (Por que?) porque tá quente não dá pra botar a mão que queima. Aqui não muda nada.(...) O que ganha mais um pouquinho é o empreiteiro e o queimador. O queimador ele tá pagando quatrocentos real, pra queimar, sem feriado, sem domingo, sem nada é direto não tem folga nenhuma. E pra descarregar o forno ele paga duzentos e cinquenta real. Eu tiro mais. As vezes eu vou até duzentos e oitenta, trezentos quando dá boa. Dá um mês bom. Mas eu tenho que tu sabe... não pode perder um minuto. Tem dia que eu levanto da cama torto e quando deito na cama, tô torto de novo, (risos) obrigado né.⁷⁸

As narrativas do senhor Antônio e do senhor Ivo, além de denunciarem as duras condições de trabalho que estão submetidos, mostram também as micro resistências desses trabalhadores.

⁷⁷ COSTA, Antônio Dias da. Entrevistado. Morro da Fumaça. 02/03/97.

⁷⁸ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

O Senhor Henrique fala das dificuldades de trabalhar na olaria, principalmente, quando são obrigados a descarregar o forno quente: *“as vezes pega um forno quente descarrega. É difícil a olaria que não descarrega forno quente. Tem fornalha que eles usam até luva pra tirar os primeiros tijolos de cima”*.⁷⁹ Ele ainda ressalta uma das estratégias utilizadas por algumas empresas, em que a mão-de-obra é explorada ao máximo e diz: *“uma cerâmica pra tirar umas três, quatro fornada que seja, tem que ser em média dez, onze pessoa. Só trabalha em sete, em seis. O trabalho já dobra né. Se torna mais correria né. Mais trabalhoso. Assim se esforça mais. É onde muitos as vezes... tem muitos que aguentam um tempinho, tem muitos que já não aguentam, já puiam pra outra”*.⁸⁰

Podemos perceber nas narrativas as duras condições de trabalho impostas a esses homens e mulheres, contudo a exploração desses operários vai se aprofundando ainda mais. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores, cerca de 50% não são fichados e nem possuem qualquer contrato de trabalho. Além disso o trabalho infantil vem agravar a exploração desses sujeitos. Conforme a Comissão da Criança e do Adolescente da Delegacia Regional do Trabalho, 12% dos trabalhadores das olarias são menores. Destes, apenas 48% possuem registro em carteira e 65% tem uma jornada de trabalho superior a 8 horas. Em relação a educação, a Delegacia Regional do Trabalho aponta que 74% dos filhos dos trabalhadores das olarias estão fora dos bancos escolares.

A exploração do trabalho infantil e das mulheres é ainda muito maior na

⁷⁹ LUZ, Carlos Henrique. Entrevista. Morro da Fumaça. 20/02/97.

⁸⁰ Idem.

medida que estão expostas as mesmas condições de trabalho dos homens, mas com salários reduzidos. O Jornal da Manhã, em matéria editada sobre a questão do trabalho infantil e feminino nas olarias, nos diz: “mesmo trabalhando as mesmas oito horas diárias e seis dias por semana, as mulheres recebem em média R\$ 20,00 a menos que os homens, enquanto os salários dos jovens e crianças tem um decréscimo de R\$ 50,00”.⁸¹

Podemos perceber nas narrativas dos trabalhadores, nas informações colhidas na Delegacia Regional do Trabalho e no Jornal da Manhã, que o trabalho nas olarias vêm causando, ao longo dos anos, sérios danos a saúde destes homens e mulheres. O trabalho é insalubre, principalmente o de retirar os tijolos do forno quente e transferi-los para a rua. Dona Dilma Souza Medeiros, 24 anos, casada mãe de um filho de 12 anos, que também já trabalha na olaria, ao ser entrevistada pelo Jornal da Manhã, fala do seu problema de saúde: “*Desde que eu me entendo por gente trabalho em olaria. Sinto muito reumatismo nos braços e nas pernas, por causa do forno*”.⁸²

A dimensão da exploração experimentada por esses trabalhadores é ainda mais grave, na medida em que a grande maioria dos proprietários das olarias sempre pagaram uma parcela ou quase todo o salário de seus operários em “vale”. Neste sentido, para compreendermos a questão, nos permitimos fazer algumas indagações: Por que os empresários utilizam-se desta prática? O que vem a ser esse “vale”? Como funciona? Para responder a essas questões temos que nos remeter ao início da colonização. Morro da Fumaça foi colonizada por imigrantes

⁸¹ Jornal da Manhã, 07/07/97. P.3.

⁸² MEDEIROS, Dilma de Souza. Entrevistada pelo Jornal da Manhã. 08/07/97. P.3.

italianos que aqui estabeleceram-se. Grande parte da população da cidade é constituída por descendentes desses imigrantes. Assim, percebemos uma relação de parentesco muito grande entre essas famílias; percebemos também, que a grande maioria das olarias do município pertencem a descendentes de famílias italianas, conforme se pode observar pelos nomes dos proprietários de olarias constante na tabela seguinte.

Relação das olarias filiadas ao Sindicato

SiOMF em 1992.

Cerâmicas/Olarias
Cerâmica Moacyr Santos Maccari
Cerâmica Susano L.T.D.A.
Cerâmica Flávio Salvan
Cerâmica Coral
Cesal Cerâmica Salvan
Cerâmica Clésio
Cerâmica Albino
Cerâmica Central
Cerâmica Josandra
Cerâmica MT
Cerâmica União ZRD
Intelcon – Ind. e Com. de Tijolos
Cerâmica Maccari
Cerâmica Coral & Coral
Cerâmica Renascença
Cerâmica Tijolésio
OTIL – Olaria de Tijolos
Cerâmica Zaccaron
Ind. e Com. De Tijolos Recertan
Cerâmica Guglielmi
Cerâmica de Tijolos Júnior
Cerâmica Irmãos Cechinel
Cerâmica Irmãos Cechinel
Cerâmica Cechinel

Cerâmica Irmãos Frasson
Cerâmica Octávio Sartor
Cerâmica Nunes Rodrigues
Cerâmica São Marcos
Cerâmica Jorge Maragno
Cerâmica Pagnan
Cerâmica Irmãos Guollo
Cerâmica Leonardo & Vasconcelos
Cerâmica Polia
Incotinal – Ind. e Com. de Tij. Maragno
Cerâmil – Cerâmica Mari
Cerâmica Maragno & Padoin
Cerâmica Campo Verde
Ind. e Com. De Tijolos Saviato
Cerâmica Matiola
Ind. e Com. De Tijolos Frasson
Cerâmica Fátima
Cerâmica Alcibiades Patrício

Fonte – SIOMF⁸³

Muitos desses proprietários de olarias que acabamos de citar tinham seus negócios diversificados ao comércio e outros ramos industriais, que ia de lojas, moinhos de arroz, mercados e supermercados, postos de gasolina, prédios, rádios etc..., por isso, a existência do “vale” facilitava para os proprietários das olarias, o pagamento de seus operários que eram obrigados a comprar também em seu comércio, ou então, eram obrigados a comprar no local onde o patrão indicasse.

Melhor explicitando, o “vale” é uma “ordem” por escrito “dada” pelo patrão ao operário, para que este faça suas compras. Frequentemente as olarias usam carnês de mercados e supermercados da cidade. O proprietário da olaria vai destacando as folhas do carnê com seus valores fixos e “dá” a seus operários para que esses façam suas compras em determinado comércio.

⁸³ SIOMF. Sindicato das Indústrias de Olarias de Morro da Fumaça, 1992.

Essa prática do “vale” é usada basicamente para a alimentação, porém ocorre também em farmácias. Esta prática aumenta a exploração desses trabalhadores que dificilmente recebem seus salários em dinheiro, perdendo a liberdade de escolher onde querem fazer suas compras.

Os trabalhadores narram as dificuldades ao usarem o “vale” para a compra de sua alimentação:

É uma ordenzinha assim. Tu pega uma ordem pra comprar no mercado, e vai no mercado comprar... digo isso porque perguntei pro gerente do mercado Casagrande. Tu não tem troco. Tu é obrigado, deixar aquela ordem e trazer tudo em mercadoria. Tu não tem troco. Nem vale grande. Nem vale grande se tu quer! Tu não traz troco. Se tu compra uma carne e leva uma ordem daquelas, deles, aí de oitenta o cem real, tu pode preparar pra trazer mercadoria. Tudo mercadoria, porque eles não dão troco.⁸⁴

O Senhor Nenem reforça as palavras do Senhor Ivo: “*Se leva cem real de vale tem que gastar o cem. Eles não dão nenhum valezinho pro cara voltar lá e comprar outro dia. Tem que gastar tudo*”.⁸⁵

O Senhor José Madeira explicita muito bem a dependência do “vale” quando diz:

O vale é assim, vamos supor, eles vão lá fazer um acerto com mercado né, aí ao invés de eles te dar dinheiro, eles vão lá, pegam um papel do mercado e, vamos supor, tu vai precisar de 100, 50, 100 reais ali, descontado no... descontado na ficha, no caso né. Como não tem folha de pagamento é descontado na ficha. Aí chega no final do mês, tu vai precisar do dinheiro pra comprar roupa, não tem mais, porque praticamente tu... tu já comeu tudo. Tu vai precisar de um remédio tu não tem, quando eles ti dão cheque, dá... dá um

⁸⁴ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁸⁵ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

*cheque pré-datado. Então não é fácil. Sempre vale, só vale. No mercado que eles quisessem né, não é o mercado que tu queria. Vamos supor, se tu gostava de comprar no Salvan e tivesse vale do Pellegrin, não podia comprar no Salvan tinha que comprar no Pellegrin, ou se tu quisesse comprar no Maccari e tivesse vale do Salvan, não podia comprar no Maccari, porque o vale era só pro Salvan.*⁸⁶

Essas narrativas vêm evidenciar a profunda dependência a que estão submetidos esses trabalhadores. Ao mostrarem as formas e locais, onde são obrigados a fazer suas compras denunciam também os laços que ligam as elites de Morro da Fumaça. Essas elites utilizam-se dessas práticas para aumentar seus lucros, levando esses trabalhadores a condição de “servidão”.

Um outro elemento que possibilitou o aumento da exploração da força de trabalho foram as relações paternalistas existentes nas olarias. Por muito tempo, o senhor Henrique, que veio para Morro da Fumaça em 1979, trabalhava de queimador, cuidava dos fornos da olaria e então, estabeleceu uma relação paternalista com o seu patrão. Ele conta que gostava de ajudar a firma que trabalhava. Depois de colocar fogo no forno, desenvolvia outras atividades dentro da olaria. Ele diz que foi “*ficando mais íntimo, deles... assim né, empregado mais velho né. Dava uma mãozinha como empregado né. Ajudava infornar, as vezes estava um só infornando. E assim arrumava as bocas de forno quando quebrava. As vezes chegava um barro, as vezes precisava fazer alguma entrega até lá em cima, eu ia na caçamba na hora*”⁸⁷ Ao desenvolver essas atividades, o senhor Henrique usava o caminhão da empresa para ir à praia ou pescar. E continua: “*chegava um tempo*

⁸⁶ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

⁸⁷ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

que ele mesmo dizia (O Patrão): 'se precisar do caminhão pode usar'".⁸⁸

Outra situação envolvendo relações paternalistas foram descritas pelo senhor Antônio e Gilberto. Eles falam de sua insubordinação em relação a autoridade do encarregado da olaria. Insubordinação, que levava a insultos com frases ofensivas, brigas e ameaças. Esses conflitos eram resolvidos no escritório pelo patrão, que mediava e amenizava as desavenças entre os dois empregados. Possivelmente, os patrões procuravam contornar a situação, mandando o empregado voltar ao trabalho, pois se tomasse uma atitude mais drástica como despedi-lo, poderia representar a perda de uma família de trabalhadores.

As evidências nos levam a crer que um outro indicador do teor paternalista da relação patrão-empregado, já se estabelece na própria chegada do trabalhador que muitas vezes tem sua mudança trazida pelo próprio patrão, seja do seu lugar de origem ou de uma outra olaria. Além disso, como já foi mencionado anteriormente, recebem a casa para morar, a energia, a água e a lenha fornecidos pela empresa, reforçando este tipo de dominação.

Tudo sugere que as relações de dominação paternalista tendem a aumentar nas pequenas olarias onde patrões e empregados fazem o mesmo trabalho. No dizer de Chalhoub: "quando estão ausentes as mediações da hierarquia de comando, é menor a distância social entre patrão e empregado, o que tende a despertar menores contradições entre ambos".⁸⁹ Neste sentido é que compreendemos o senhor Nilton quando diz ter dois patrões que são seus compadres.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1996. P.84.

Mas frente a esta exploração e dependência que estão submetidos, esses operários não faltaram a resistência expressa de forma surda, anônima.

PARTE III

FORMAS DE RESISTÊNCIA

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Incorporar à história tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder e, às vezes, do próprio processo produtivo.¹

Maria Odila Leite da Silva Dias

Como vimos anteriormente, a trajetória dos trabalhadores em olarias é de luta pela sobrevivência. As estratégias utilizadas por esses trabalhadores nos remetem aos conceitos de dominação e resistência. Esses conceitos aparecem como questão central na relação entre classes, a sujeição de uma e a dominação de outra, porém, esta relação vem recortada por práticas de recusa por parte das classes dominadas. Assim, a resistência passou a ser uma dimensão importante no estudo das classes trabalhadoras ou dos grupos e minorias subjugados por preconceitos; tem sido elaborada em seu contexto histórico. Verificou-se que a cada caso de opressão correspondem reações específicas dos dominados, cujo o objetivo é libertar-se das condições de humilhação, exploração, miséria, injustiça ou de outra situação opressora.

Observamos ainda que a historiografia social vem-se enriquecendo com um redimensionamento do "político" que se enraizou aos poucos no estudo das

¹ DIAS, Maria Odila L. da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. 2ª ed. Rev. São Paulo: Brasiliense, 1995. P.15.

condições de vida e tomou um sentido novo nas obras de Eric J. Hobsbawm² e E. P. Thompson.³

O dia-a-dia dos trabalhadores vem sendo estudado do ponto de vista de uma “cultura de resistência”, que toma uma coloração política ao nível do cotidiano. A luta pela sobrevivência e as estratégias utilizadas pelos trabalhadores tomam feições de atitudes políticas e de formas de conscientização, abrindo perspectivas mais amplas e flexíveis para análise das potencialidades de arregimentação para luta social. São manifestações espontâneas de resistência política à dominação e à pauperização.

Neste sentido, queremos analisar as formas de resistência e as estratégias utilizadas pelos trabalhadores em olarias, sejam elas organizadas nos moldes institucionalizados, ou expressos em diversas formas, dentro ou fora do espaço fabril. Queremos trazer à tona os becos sem saída, as causas perdidas⁴(...) as resistências surdas e anônimas experimentadas por esses trabalhadores na sua luta pela sobrevivência.

A noção de sobrevivência, tal como é desenvolvida pelos trabalhadores em olarias e apresentada neste trabalho, pode ser melhor compreendida em Antônio Candido: “há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-las e garantir a regularidade das relações

² HOBBSAWM, Eric J. **Os Trabalhadores: Estudos Sobre a História do Operariado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Os três volumes.

⁴ Idem, *ibidem*. P.13.

humanas.(...) Nestes termos, o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital".⁵ As narrativas dos trabalhadores apontam sempre para um limite: o limite da simples existência e da possibilidade de produção e reprodução da vida no interior desse limite. Entretanto, se na noção de sobrevivência estão contidos os conceitos de mínimo vital e social, acrescenta-se ainda, que o mínimo só é obtido com o máximo de trabalho.

É importante ressaltar, que esses trabalhadores em suas narrativas procuram dar visibilidade, tornar pública as duras condições de trabalho e de existência frente as olarias. Ao denunciarem as duras condições de trabalho e existência, contrapõem-se a um discurso de positividade de trabalho expressas em jornais.

Morro da Fumaça atinge hoje um papel de destaque na economia catarinense. Muitos de seus resultados obtidos em vários setores da atividade humana fazem inveja a tantos municípios já que espelha um alto grau de positivismo, oriundo do trabalho e da disposição dos que conhecem a vantagem de se instalar em área tão fecunda.(...) Morro da Fumaça gaba-se de não ter em seu território, um dos maiores problemas que aflige quase a totalidade dos municípios brasileiros e que trazem preocupações das mais graves: o desemprego. A operosidade, o dinamismo e a presteza como são encarados os assuntos atinentes ao trabalho, dão a comuna um elevado grau de progresso. Eis porque desfruta a coletividade de um padrão excepcional, refletindo na distribuição de bens, chegando - como exemplo - a se verificar que um em cada doze habitantes desfrutam do uso e do prazer de um veículo.(...)

Morro da Fumaça é um município que caminha a passos largos em direção a sua implantação ideal. Mas, sem cupidez, sem pressa, sem competição, sem incúria. Seu destino está adredemente traçado e dele não se afastará, eis que todo seu labor é endereçado ao conforto e harmonia de sua população e à paz de toda a comunidade.⁶

⁵ CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 1ª ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1964. P.25

⁶ Jornal Correio do Sudeste. Criciúma. 22/05/1977.

Percebemos que o discurso vem enaltecer aspectos positivos do trabalho, sem se preocupar com uma série de componentes negativos a eles associados pelas heranças do passado e pela vida cotidiana. Além disso, procura ressaltar que o “progresso” da cidade está voltado para toda sociedade, que vive harmoniosamente, escamoteando a perversidade das relações capitalistas existentes na cidade, principalmente nas olarias.

É preciso entender que as transformações sócio-econômicas-culturais, evidenciando a industrialização e o surgimento da burguesia, a sociedade passa a ser concebida como uma sociedade do trabalho. A partir de então, a comercialização de produtos, a separação do espaço de trabalho, do espaço doméstico e o assalariamento, darão visibilidade ao trabalho como pleno de significação social. Para Hannah Arendt, “a era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade de trabalho”.⁷

Os trabalhadores em olarias vêm dando visibilidade as suas condições de trabalho, em outros espaços, contrapondo o discurso de positividade do trabalho. Dona Eva e dona Dilma, em entrevista ao Jornal da Manhã,⁸ relataram as duras condições de trabalho, suas e das famílias nas olarias.

O senhor Gilberto Madeira em suas poucas horas de lazer, à noite ou nos finais de semana, quando estava inspirado, escrevia poesias. Muitas dessas poesias retratavam as duras condições de trabalho e existência que se encontravam esses homens e mulheres.

⁷ ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro, 1989. P.12.

⁸ Jornal da Manhã. Criciúma. 07 e 08/07/1997. P.3.

Terra de grande riqueza
Povo de grande pobreza.
Terra de lindos riachos
Podres águas poluídas.
Terra de poucas crianças calçadas e vestidas
Terra de muitas crianças pobres esquecidas.
Terra de esperança, abundância e muito trabalho.
Eu me arrebento e me exploram
Mas como viver com esse salário?
Terra de poucos privilegiados de mesa farta.
Terra de muitos trabalhadores massacrados com mesa parca.
Terra de políticos que enganaram que tantos votos compraram.
Povo iludido, pobres indivíduos na sarjeta jogados.
Terra de alegria e sorriso.
Terra de choro e tristeza.
Terra vivida sem vida.
Terra nunca unida outrora
Terra ativa amiga.
Povo que grita vida “aqui e agora.”⁹

A poesia de Gilberto vem fazer uma série de denúncias: primeiro a poluição dos rios Urussanga, Cocal e Linha Torrens, sendo que os dois primeiros foram poluídos pelos insumos das minas de carvão de Urussanga. O último nasce nas zonas agrícolas de Morro da Fumaça, corta todo o centro da cidade e passa pelo bairro Naspoline onde está concentrado um grande número de olarias. Esse rio, por muito tempo, foi fonte de lazer e de alimentação para muitos trabalhadores que ali pescavam. A cidade cresce e despeja todo o esgoto no rio, cada dia mais poluído. Sobre a poluição dos rios, Claudino Biff coloca com muita indignação: “Os insumos mortais e mortíferos das minas de carvão de Urussanga mataram o peixe, os pássaros, os animais selvagens, os ipês e as orquídeas. Eu vi a morte dos meus rios. Milhões de peixes morreram. (...) Os pobres não matam os rios. Eles sabem

⁹ MADEIRA, Gilberto. Poesia: Terra.

que os rios são filhos de Deus”.¹⁰

Ainda na poesia Gilberto explicita também as duras condições de trabalho que experimentou nas olarias. Ao dizer: *“eu me arrebento e me exploram”*, está ao mesmo tempo denunciando com veemência as suas duras condições de trabalho, e de outros trabalhadores, frente às olarias. Todavia, a exploração dos trabalhadores em olarias fica melhor explicitada na poesia de Gilberto quando esse diz: *“Terra de poucos privilegiados de mesa farta. Terra de muitos trabalhadores massacrados com mesa parca”*. Assim o poeta demonstra a perversidade das relações capitalistas existentes nas olarias. É importante salientar, que a poesia do senhor Gilberto denuncia os políticos da cidade e a forma que os mesmos utilizaram para chegar ao poder.

Um outro discurso de positividade do trabalho encontramos na entrevista do Jornal da Manhã feita com o Prefeito Augusto César Cancelier, do PMDB, 1982 - 1988 (proprietário de olaria) que dizia: “a grande maioria das indústrias que compõem nosso parque industrial é formado por micro e pequenos empresários.(...) eles garantem emprego para grande parte da comunidade, que desde o mais humilde ao mais graduado contribuem com o seu trabalho para o crescimento do nosso município”.¹¹

Mais uma vez utilizo da poesia do senhor Gilberto que contrapõe os discursos de positividade do trabalho.

¹⁰ BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e Sua Divina e Humana Comédia**. Tubarão: Coan, 1993. P.7.

¹¹ Jornal da Manhã. 19/05/88. P.4.

*Que cidade é essa?
 Que cidade é essa, que anda para trás,
 que me tira a paz, que me deixa doente!
 Que cidade é essa?
 Sem árvore, sem cor, sem classe!
 Que cidade é essa?
 Sem saúde, sorriso sem graça!
 Que cidade é essa?
 Que o povo vegeta, trabalha, se caleja por nada!
 Que cidade é essa?
 Que muitos imploram e muitos exploram, poluem e matam.
 Que cidade é essa?
 Sem projeto, sem decreto, sem lei, sem rumo...
 Pobres, miséria, fome.
 Que cidade é essa?
 Escavada, poluída, dopada, abessa.
 Que cidade é essa?
 Senhores políticos do passado, do presente, do futuro.
 Por favor me respondam agora
 Antes que eu chore, que chegue o bonde e eu vá embora.
 Que cidade é essa???*²

Desse modo, a poesia do senhor Gilberto denuncia mais uma vez as duras condições de trabalho nas olarias, contrapondo os discursos de positividade do trabalho. Observamos também, que esta poesia aponta para outras nuances da condição de existência dos trabalhadores em olarias. Na visão do poeta, as diferenças sociais, as péssimas condições de saúde e a poluição têm agravado a organização da sobrevivência dos trabalhadores em olarias. Ao que parece, o poeta ao falar das péssimas condições de saúde e da poluição está se referindo à falta de saneamento básico, ao trabalho insalubre, a exploração do trabalho infantil e a poluição provocada pela fumaça das chaminés. A poesia ainda questiona o poder público, talvez por perceber que este nunca tenha se preocupado com as condições

¹² MADEIRA, Gilberto. Poesia: Minha Cidade Sem Identidade.

de existência daqueles homens e mulheres.

Convém destacar, que a grande preocupação e a maior reivindicação de várias gestões municipais, das décadas de 70 e 80, junto ao governo do Estado, foi a pavimentação do asfalto de Morro da Fumaça à BR.101, Morro da Fumaça à Urussanga e Morro da Fumaça à Criciúma. Sobre isso, penso que o poder público municipal tenha incorporado o slogan do governo do estado: "Santa Catarina: governar é encurtar distâncias".

Acreditamos que esses trabalhadores ao dar visibilidade, ao tornar públicas suas condições de trabalho e existência estão constituindo uma forma de resistência e de luta contra a dominação.

Percebemos nas narrativas, que a década de 80 foi bastante significativa para a experiência e luta de muitos trabalhadores em olaria. Em 1981 é criada a primeira associação dos trabalhadores, que em 1983 constituiu-se em sindicato com o nome de Sindicato do Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Morro da Fumaça. É preciso ressaltar, que este sindicato, como o próprio nome indica "representa" outras categorias de trabalhadores: trabalhadores nas indústrias de cimento, cal e gesso; de serrarias, carpintarias, aglomerados; de mármore e granitos; de artefatos de cimento armado, entre outros.

Este Sindicato, desde que foi criado, teve duas diretorias. O senhor Valoir presidiu o sindicato em dois mandatos de 1981 a 1990, quando perdeu as eleições para o senhor José Pacheco que continua no cargo até os dias atuais. As narrativas dos trabalhadores demonstram que essas duas diretorias não representavam os seus interesses. O senhor Henrique conta que *"o sindicato que defende os trabalhadores aí, são mais pelos empresários do que pelos trabalhadores. Que hoje em dia se vai um empregado fazer uma conta, eles já não querem fazer a conta sem*

o patrão estar junto. Então eu acho que o sindicato aí eles enrolam um pouco. No fundo, acho que são todos comprados pelos patrões".¹³ Este, refere-se ao sindicato desta forma, porque as duas vezes que procurou para obter informação sobre seu trabalho e de seu filho não foi bem atendido. Ele diz que seu filho saiu da olaria que trabalhava e foi no sindicato saber quanto daria sua saída; chegando lá, o presidente do sindicato, o senhor José Pacheco, exigiu a presença do patrão para fazer a conta. O senhor Henrique explica porque esta situação acontece: "*Se eles dão com um empregado, que é... quase não entende de lei, eles dão um chutizinho*".¹⁴

Uma outra situação em que o senhor Henrique se sentiu enganado pelo sindicato, foi quando procurou obter informação sobre o tempo de aposentadoria e a insalubridade, já que trabalha como queimador na olaria. No sindicato, a resposta que obteve foi que o tempo para a aposentadoria era de vinte e cinco anos e a insalubridade não existia. Assim, seu Henrique procurou a informação em outro sindicato e ficou sabendo que a insalubridade para quem trabalha na função de queimador é de 40%. Por isso, ele acha que o sindicato já foi comprado pelo patrão. O senhor Manoel pensa como seu Henrique quando diz que "*o patrão é amigo do sindicato, que o sindicato ali é dos oleiros, não é do empregado*".¹⁵

Em algumas narrativas dos trabalhadores, o sindicato aparece como uma instituição que lhes tem servido. O senhor Neném referiu-se ao sindicato da seguinte

¹³ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

¹⁴ Idem.

¹⁵ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça. 27/03/97.

forma: *“Eu, assim... pra te falar a verdade Joãozinho, esse cara do sindicato pra mim é um cara bom. Sempre me serviu, sempre me ajudou quando precisei”*.¹⁶ A expressão utilizada pelo senhor Neném: *“sempre me serviu, sempre me ajudou”*, nos remete ao caráter assistencialista prestado pelo sindicato. Os trabalhadores têm procurado a instituição para usufruírem dos serviços médicos e odontológicos. *“Quando você precisa de uma consulta, sempre dá um jeito, dava ordem pra tirar dente e se precisar de uma corrida em qualquer lugar ele leva”*.¹⁷

Não percebemos nenhuma referência nas narrativas sobre alguma atividade desenvolvida pelo sindicato, no sentido de melhorar as condições de trabalho e de salários dos trabalhadores.

A Constituição do Sindicato dos Trabalhadores em Olarias de Morro da Fumaça se enquadra em um movimento histórico em que o sindicalismo brasileiro estava passando por um processo de mudanças. Essas mudanças vieram a fortalecer e ampliar o movimento sindical. Ao longo dos anos 80, o sindicalismo expandiu-se, diversificou-se e se manteve ativo. No entanto, para compreender essas mudanças que estão ocorrendo no sindicalismo brasileiro, temos que entender como estavam organizados os sindicatos nas décadas de 60 e 70, principalmente durante o período mais duro da ditadura militar.

Para Armando Boito Júnior, “o sindicalismo brasileiro funcionou, ao longo do período de estabilidade da ditadura militar (1968 - 1978) como um sindicalismo de governo. Isto é, sobre o controle direto dos sucessivos governos militares. A

¹⁶ BORBA, Zeferino João de. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

¹⁷ Idem.

grande maioria das diretorias dos sindicatos era pelega, isto é, governista. Toda vida interna dos sindicatos oficiais era rigidamente controlada".¹⁸ Havia um estatuto padrão detalhado e impositivo, regulando até os mínimos detalhes da vida de cada sindicato, as eleições eram controladas pelo Ministério do Trabalho e as receitas dos sindicatos eram controladas pelo governo.

Desta forma, todas as ações reivindicativas dos sindicatos oficiais inexistiam. Os salários e as condições de trabalho eram estabelecidas através dos decretos governamentais. A principal e praticamente única atividade de milhares de sindicatos oficiais do período 1968 - 1978 restringiu-se ao assistencialismo: serviços médicos, odontológicos, laboratoriais, jurídico etc...

A década de 80 é marcada por mudanças significativas no modo de funcionamento dos sindicatos oficiais. Houve um certo afrouxamento do controle do governo sobre a vida interna dos sindicatos. Além disso, diversas correntes sindicais mais progressistas emergiram no interior da estrutura dos sindicatos oficiais, passando a organizar a luta dos trabalhadores. Neste processo de mudanças, Armando Boito Júnior aponta para alguns marcos importantes: em primeiro lugar, o ressurgimento das grandes greves de 1978 - 1980; em segundo, a criação, em 1983, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e em terceiro, a política liberalizante iniciada por Almir Pazzianoto, em 1985, ministro do trabalho do governo José Sarney. Pazzianoto aboliu o estatuto padrão, suspendeu o controle direto das Delegacias Regionais do Trabalho (DRTs) sobre eleições sindicais, e, abandonou a prática de punir exemplarmente as diretorias sindicais que se opuseram a política econômica. Por último ainda, a promulgação da constituição de 1988 coroou este

¹⁸ BOITO, Júnior. **O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. P.46.

processo de liberalização ao obstaculizar, a despeito das contradições existente entre os diversos dispositivos constitucionais que tratam da questão sindical, a ingerência direta e pormenorizada do governo na gestão dos Sindicatos oficiais.¹⁹

O Sindicato do Trabalhadores em Olarias de Morro da Fumaça se constitui num contexto de grandes mudanças que estão ocorrendo no sindicalismo brasileiro. As narrativas dos trabalhadores em olarias vêm demonstrar que as diretorias que dirigiam o sindicato desses trabalhadores eram “pelegas”. Mas, frente a essas diretorias, um grupo de trabalhadores articulou-se e participaram de dois processos eleitorais na tentativa de mudar a direção do sindicato.

O senhor José Madeira narra o processo de constituição da chapa de oposição ao sindicato, quando diz que o primeiro presidente: *“Dava mais assistência ao patrão que ao empregado né. Então um dia o pai, antes dele morrer, ele assim..., isso foi em 86, 87, foi em 87, começo de 87. Disse: ‘Zé, vamos formar uma chapa do sindicato?’ ‘Pai, vamos mais...,’ porque o pai já tinha sido presidente do Sindicato dos Mineiros de Lauro Müller né, ‘vamos, mais eu não tenho experiência nenhuma’, ele, ‘não Zé, a gente forma a chapa, tu entra como cabeça e eu vou te assessorando, até tu pegar o ritmo da coisa’”*.²⁰

Desta forma, organizaram a chapa da oposição apesar das dificuldades encontradas, pois as eleições já estavam para acontecer; formada a chapa, procuraram o sindicato para saber como se daria o processo das eleições. E, a surpresa foi grande, como narra o senhor José Madeira, que foi o candidato a presidente na chapa de oposição.

¹⁹ Idem, ibidem. P.47.

²⁰ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

Ah, não existia associados né. Então como é que nós íamos fazer? Conversar com as pessoas que estavam fichadas, bem poucas pessoas eram fichadas naquela época. Então daí como é que nós vamos fazer? Se não tiver pessoas qualificadas pra votarem. Como é que nós vamos fazer essa eleição se não têm pessoas registradas? Então, daí foi aberto pra quem quisesse votar, no caso, quem trabalhasse na olaria, no caso.²¹

As palavras do senhor José Madeira nos levam a crer que o sindicato dos trabalhadores era muito desorganizado. É neste contexto que transcorrem as eleições com duas chapas: a primeira, encabeçada pelo senhor Valoir que já era presidente, e a Segunda, encabeçada por José Madeira. Participaram também, na chapa de oposição “o Aldo, Luiz, João Coco, Geraldo Farias, o Má, nós éramos em doze”.²²

A eleição ocorreu no mês de março de 87. Duas urnas foram colocadas para a votação, sendo que uma, na sede do sindicato e, a outra, era itinerante, passava pelas olarias, para os trabalhadores votarem. Terminada a votação, foram apurados os votos com derrota da chapa de oposição por oitenta votos de diferença. Para o senhor Gilberto, essas eleições teriam sido fraudadas na calada da noite, pois as urnas foram deixadas na sede do sindicato para serem escrutinadas no dia seguinte. Ele acredita que a chapa da situação trocou as cédulas das urnas, modificando o resultado das eleições.

As narrativas nos levam a crer que esta luta para conquistar o sindicato se constitui na primeira experiência de resistência articulada, experimentada por esse grupo de trabalhadores. Mesmo que as eleições tenham sido fraudadas, ou que a chapa da situação tenha recebido apoio de alguns patrões que teriam pressionado

²¹ Idem.

²² MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

os seus empregados a votar na chapa do senhor Valoir, como supõe algumas narrativas, entendemos que esta tenha sido a primeira tentativa de organização no campo institucional experimentada por esses sujeitos.

Além da luta para conquistar o sindicato, ao longo dos anos 80 foi se constituindo também o grupo de jovens do Bairro Naspoline. Esse grupo de jovens era constituído em sua maioria por trabalhadores em olarias. O grupo de jovens criou um espaço de sociabilidade entre esses trabalhadores, refletidos em estratégias de luta e resistência contra a dominação.

O senhor José Madeira conta que, mesmo derrotado nas eleições do sindicato, a luta continuou, mas agora, em outros espaços. *“Só que a gente não parou por ali não. A gente começou a batalhar com o grupo de jovens. A gente teve um bom trabalho com a Pastoral da Saúde. E a gente tentou fazer um trabalho de saneamento básico, né”*.²³

Neste sentido, percebemos que muitos trabalhadores de olarias articularam sua luta e resistência em outros espaços. Este processo de reorganização da luta em outros espaços é experimentado pelos trabalhadores brasileiros a partir da década de 70. São manifestações gestadas em âmbito não institucionalizados, surgiram paralelamente às transformações em nível institucional, ou seja, nos sindicatos e partidos políticos. “Essas manifestações de dissidência, iniciadas em meados dos anos 70, tiveram de lidar com a realidade de, no passado imediato, a sociedade brasileira haver presenciado a completa destruição de toda forma de expressão popular organizada, com cujo apoio eles pudessem contar”.²⁴

²³ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

²⁴ MACHADO, Leda Viera. **Atores Sociais: Movimentos Urbanos Continuidade e Gênero**. São Paulo: Annablume, 1995. P.129.

Há dois aspectos importantes para se ressaltar, que contribuíram para o processo de reorganização da população brasileira. Primeiramente, a política de concentração de renda adotada pelo regime militar em 64, excluindo a maioria do povo brasileiro dos benefícios e do crescimento econômico, sem precedentes que o país presenciou no período. O segundo aspecto, foi a estratégia repressiva adotada pelo novo regime para impor seu programa econômico ao povo e eliminar qualquer oposição. "Isso levou as pessoas a procurarem novos canais de expressão para o seu descontentamento".²⁵ Os trabalhadores buscaram novos pontos de apoio para contestar a ordem vigente.

Refletindo sobre o período, Eder Sader aponta para três instituições que experimentaram a crise, e a partir dela, reelaboraram suas experiências. "Da igreja católica, sofrendo a perda da influência junto ao povo, surgem as comunidades de base. De grupos de esquerda desarticulados por uma derrota política, surge uma busca de novas formas de integração com os trabalhadores. Da estrutura sindical esvaziada por falta de função, surge um novo sindicalismo".²⁶

É importante ressaltar, que no Brasil a partir da década de 70 ocorre um crescimento do interesse acadêmico pela investigação do cotidiano operário. No dizer de Grossi e Dutra, "isso aconteceu por duas razões. De um lado, a influência de estudos europeus iniciados nos anos 60, por outro, a situação do país no pós-64".²⁷ O cotidiano passou a ser visto como um lugar de luta, onde se produz a

²⁵ Idem, *ibidem*. P.140.

²⁶ SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.144.

²⁷ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. GROSSI, Yonne de Souza. *Revista do Departamento de História, FAFICH/UFMG*, 1986. P.135.

dominação e a resistência a ela. Novos significados são atribuídos pelos intelectuais e atores às práticas sociais, que antes estavam obscurecidas pela lógica institucional. “Esses novos significados resultam de um movimento social, que é também um movimento cultural - onde se cruzam intelectuais e militantes políticos, jornalistas e pesquisadores, sindicalistas e simples trabalhadores em seus espaços quotidianos.(...)”²⁸

Assim, a década de 70 é marcada por inúmeros estudos que repensaram o movimento operário. Mas é sobretudo com Francisco Weffort: *“Participação Social e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968”*²⁹ e *“Sindicato e Política”*,³⁰ que ocorre, pela primeira vez, uma crítica a corrente sociológica que havia construído a imagem de atraso da classe operária. Weffort observa que o movimento operário deve ser visto como sujeito de sua própria história e não dependente da história e da sociedade.

No campo da antropologia encontram-se os trabalhos de José Sérgio L. Lopes e Eunice Durham, autores já citados anteriormente no trabalho. Lopes, em *“O Vapor do Diabo”*,³¹ estudou o processo de trabalho dos operários do açúcar, examinando o modo pelo qual as categorias e práticas que lhes são impostas são por eles reinterpretadas. Encarando a diferenciação que o processo de trabalho produz no grupo operário, ele identifica a resistência operária através dos modos

²⁸ SADER, Eder. PAOLI, Maria Célia. Sobre “Classes Populares” no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica*. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 53.

²⁹ WEFFORT, F. *Participação Social e Conflito Industrial: Contagem e Osasco – 1968*. Cadernos Cebrap, 1971.

³⁰ WEFFORT, F. *Sindicato e Política*. Tese de livre-docência, USP, 1975.

³¹ LOPES, José Sérgio Leite. *O Vapor do Diabo: O Trabalho dos Operários do Açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

particulares como cada setor vive e percebe suas condições. Ainda no campo da antropologia, Durham, "*A Caminho da Cidade*",³² procurou analisar as estratégias de vida elaboradas por famílias operárias. A autora mostra como a migração, enquanto um processo de integração dos trabalhadores rurais ao sistema urbano industrial, se deu pela mobilização de recursos provenientes dos grupos de relações primárias do migrante, particularmente, o grupo doméstico e a família, esta última, sendo a instituição que se propõe a interpretar e traduzir o mundo urbano para o migrante recém chegado. Esses estudos abriram duas perspectivas muito ricas para análise dos operários, impulsionando toda uma corrente de pesquisadores que "se voltou para o 'modo de vida' operário enquanto expressão de escolhas culturais, cuja interpretação se chocava com as leituras economicistas sobre a reprodução social".

Uma outra fonte veio dos historiadores que refletiram sobre a memória do vencedor. Neste campo, situamos o trabalho de C. Vesentini e E. De Decca, "*A Revolução do Vencedor*",³⁴ preocupados em "recontar o passado como movimento vivo de enfrentamento de classes e grupos sociais". Conscientes de que a história tem sido um registro do vencedor e que se há um vencedor deve haver vencidos, buscam dar visibilidade e recontar essa história.

A eclosão grevista de 1978 vem consagrar as novas interpretações, contrapondo a teoria de fraqueza e atraso, constituída sobre a classe operária, na imagem sociológica e política da década de 60.

³² DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

³³ SADER, Eder. PAOLI. Op. Cit. P. 54.

³⁴ VESENTINI, C. DECCA, E. De. *A Revolução do Vencedor*. Revista Contraponto, nº 1, 1976.

Assim, este acontecimento foi visto, nomeado e interpretado por uma grande quantidade de pesquisadores, jornalistas e militantes. Foi apontado como um sinal dos tempos, como uma indicação de uma profunda subversão na própria definição do campo da política operária, ou ainda como evidência de que tinha havido um processo de desmascaramento da ideologia dominante nos últimos anos.³⁵

Neste sentido, uma multiplicidade de movimentos de luta e resistência emergiram depois de 78. Para os pesquisadores das ciências sociais, os anos 80 foram marcados por uma diversidade de movimentos de base popular lutando contra a opressão. Esses pesquisadores “estão construindo uma imagem de uma classe múltipla e diferenciada, que, no entanto, se articula através da noção de enfrentamento coletivo com um poder que também não é o único”.³⁶

Desta forma, os trabalhadores não são mais vistos, como meros objetos da exploração do capital, nem tão pouco produtos de instituições políticas. Na medida que experimentavam situações, o operariado foi elaborando suas experiências. No interior da empresa, pequenas lutas eram travadas: greves brancas, sabotagens, confronto com as disciplinas fabris, conformavam resistências pessoais ou em grupos, prenunciando as mobilizações futuras. Fora do espaço fabril emergiram os movimentos reivindicativos com um alto teor expressivo e mobilizador: movimento de mulheres, de negros, de luta contra o desemprego, de moradia, de saúde, as comunidades de base, diversas organizações de bairro. Assim, uma diversidade de movimentos estão acontecendo e apontando para a constituição dos sujeitos, mesmo que expressos de forma fragmentada. “São sujeitos que elaboram e

³⁵ SADER, Eder. PAOLI, Maria Célia. Sobre “Classes Populares” no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A Aventura Antropológica**. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.56.

³⁶ Idem, ibidem. P.61.

produzem representações próprias, de si mesmos(...) dependendo do movimento de vida coletiva no qual constróem sua experiência".³⁷ Cada realidade social precisa ser pesquisada empiricamente, pela singularidade que está presente na trama de suas relações e realizações.

Ao que parece, os ecos das mudanças ocorridas no movimento operário brasileiro, a partir da década 70, chegam também em Morro da Fumaça e são refletidos nas lutas e resistência dos trabalhadores em olarias contra a dominação. Desta forma, para perceber as formas de luta e resistência desenvolvidas por esses trabalhadores, temos que estudar a singularidade de suas práticas sociais.

Assim, o grupo de jovens do Bairro Napoline constituiu-se em um espaço onde se conformaram lutas, resistência e estratégias de sobrevivência contra a dominação. O senhor Gilberto narra como se constituiu o grupo de jovens: "*O pai ajudou a iniciar o grupo de jovens lá no bairro. A gente foi uma vez só quando começamos o grupo. Só nós lá dentro, convidávamos o pessoal, ninguém aparecia. Então, só os irmãos lá dentro da saia. Era na escolinha do bairro Napoline. Aí foi passando o tempo... nós chegamos num tempo que tinha setenta jovens no grupo de jovens*".³⁸ A narrativa nos leva a crer, que a família do senhor Gilberto iniciou a organização do grupo de jovens. Mais uma vez, contaram com a experiência do pai para constituírem o grupo.

O grupo de jovens vem criar um espaço de sociabilidade entre esses homens e mulheres. Os jovens trabalhadores das olarias passam a ter contato com outras categorias de trabalhadores. Através da igreja católica recebem o apoio de

³⁶ Idem, ibidem. P.62

³⁷ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

padres e, principalmente, dos seminaristas que faziam um trabalho com esses jovens, contribuindo para um amadurecimento político. Para se entender esta ligação dos seminaristas aos grupos de jovens, reproduzirei a apresentação escrita por Mauri Luiz Heerdt, ao livro de poesia do senhor Gilberto:

Não sei se nestas breves palavras conseguirei descrever aqui o imenso amor que o amigo e companheiro de lutas, Beto Madeira, sente pelos pobres, oprimidos, injustiçados e principalmente pelas crianças. Este amor não é um amor contemplativo, mas um amor de compromisso e libertação. O Beto é uma pessoa comprometida com a vida da comunidade onde vive: grupo de jovens, teatro, sindicato, cooperativa... E por tudo isso ele é querido por todos na comunidade. Mora num lugar onde a lei é o tijolo. Os empregados das olarias trabalham em péssimas condições, salários injustos, muitos sem carteira de trabalho assinada, sem contar o grande número de mulheres e crianças que passam o dia carregando tijolos. Este livro além de ser uma obra literária, é um instrumento de denúncia das situações de injustiça em que vivem as crianças, os drogados, os mineiros, os trabalhadores, os crimes contra a natureza, etc... É também uma forma de injetar esperança nessa nossa gente de luta que anda tão desanimada. O livro contém ainda outros temas interessantes e de ótimo conteúdo. Recomendo-o a todos aqueles que se sentem impulsionados a fazer alguma coisa por um mundo melhor, mais justo e igual.³⁹

Percebemos nas palavras do seminarista, representando a igreja, uma forte ligação com o grupo de jovens. É preciso ressaltar mais dois aspectos desta apresentação: primeiramente quando diz “a lei é o tijolo” está denunciando o poder representado pelos proprietários de olarias na cidade. Em segundo, denuncia também as duras condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores nas olarias.

³⁹ Apresentação feita pelo seminarista Mauri Luiz Heerdt ao livro de poesia de Gilberto Madeira.

Expressão semelhante a do seminarista “*a lei é o tijolo*” encontramos no livro de Claudino Biff “Morro da Fumaça e Sua Divina e Humana Comédia” que diz: “Hoje mandam a argila e o tijolo”.⁴⁰ Desta forma, ao fazer uma leitura mais atenta das primeiras páginas da obra de Biff, podemos perceber o poder representado pelos proprietários de olarias.

É necessário lembrar que, muitas das situações descritas pelo seminarista e expressas na poesia do senhor Gilberto eram discutidas no grupo de jovens. A partir das discussões, definiam estratégias de ação. Tomaremos aqui três expressões concretas das práticas desenvolvidas pelo grupo de jovens do bairro Naspoline. Em primeiro lugar, situamos o teatro que configurou-se em uma das principais formas de expressão do grupo de jovens. Através do teatro acontece a manifestação da sociabilidade e o lazer. Os temas retratados nas peças de teatro eram o humor, a família e as drogas. O senhor Gilberto lembra assim, a sua participação e de seus colegas na organização do teatro:

*Nós tínhamos bons artistas João. Pra ser cara igual ao Adélcio... o cara representava bem. Até hoje ele é um artista muito bom. O Márcio a gente chamava pra ele de zolhudo do bairro, bom artista também. Tem o Zé meu irmão, a Ivonete, a Zete também. Então era tudo um pessoalzinho de olaria que faziam as peças de teatro, que apresentavam as peças né. Eu bolava... eu era essa cara, mais que bolava as peças. Eu escrevia a peça. Então eu escrevia, fazia um cabeçalho e trazia pra nós discutir. Eu achei que foi um passo importante nosso João.*⁴¹

A narrativa do senhor Gilberto, nos leva a crer, que o teatro do grupo de jovens realizava um trabalho muito bom. Isso, por conta de que o grupo era sempre

⁴⁰ BIFF, Claudino. Op cit. P.7.

⁴¹ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

convidado a se apresentar em encontros de comunidades realizados em outros municípios. Além disso, realizaram várias apresentações para ajudar as famílias do bairro. “*Nós fazíamos muito teatrinho pra arrecadar dinheiro pra criança que ia fazer operação, essas coisas*”.⁴² Os ingressos eram vendidos antecipadamente no bairro.

O senhor Gilberto lembra que em uma dessas apresentações arrecadaram tanto dinheiro que não sabiam o que fazer, então anunciaram no bairro que se alguém estivesse passando por alguma dificuldade, poderia procurar o grupo de jovens que eles tinham recursos para ajudar. “*Rapaz, foi um chuí. Não deu nem tempo... até mesmo, porque o pessoal de olaria, eles precisavam mesmo. Não deu quinze dias e os duzentos cruzeiros já tinham ido*”.⁴³ Assim, a experiência do grupo de jovens, através do teatro é uma história de relações humanas densas e envolventes, que contribuíram para humanizar as famílias que viviam naquele bairro rodeadas pelas olarias e pela ganância. Em certo sentido, o teatro constituiu-se em uma estratégia de ajuda mútua, quando as dificuldades econômicas ultrapassavam as barreiras e possibilidades de muitas famílias.

As atividades desenvolvidas pelo grupo de jovens do bairro Napoline, se configurou também no campo de enfrentamento direto com proprietários de olarias, poder público e sindicato. Através do teatro criticaram as duras condições de trabalho e existência, dos trabalhadores em olarias. Teceram duras críticas ao sindicato que consideravam pelego. Essas críticas, também eram feitas nos comentários das missas.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

votarem, enquanto “o Zé Pacheco conseguiu carro, caminhão. Ele, o Vaioir conseguiram carro, caminhão e buscavam nas olarias direto, buscando gente nas olarias”.⁵⁴ Ainda sobre a dificuldade no transporte dos trabalhadores, o senhor José Madeira observa: “Praticamente, se nós tivéssemos com o micro-ônibus o dia todo, nós tínhamos ganhado a eleição do Sindicato. Só que a gente faltou a... a nossa condução de puxar o pessoal. Tinha patrão que dava até caminhão pra trazer o pessoal prá votar. Pra votar na outra chapa”.⁵⁵

Terminada a eleição e feita a apuração a “chapa 3” foi vencedora ganhando por vinte votos de diferença da “chapa 2”. Ao final da apuração e dado os resultados, uma manobra do C.G.T. cria um 2º turno para as eleições. Isso por conta de que naquele momento tramitava um projeto no Congresso Nacional sobre eleições de segundo turno. Desta forma, um acordo realizado entre as três chapas C.G.T. e CUT, realizaram um segundo turno nas eleições do sindicato. Mesmo contrariada, a “chapa 2” acabou aceitando a participação da “chapa 1” nas eleições.

Novamente as três chapas participaram das eleições, e como observa o senhor Gilberto: “Aí a dificuldade foi maior. Deu tempo de eles se organizarem. E nós perdemos até o bondinho, no segundo turno. Não tivemos mais condições e a diferença aumentou. Nós fizemos oitenta votos na frente do Vaioir né. E o Zé Pacheco, ele fez 98 votos acima da nossa chapa. Então o Zé Pacheco ele ficou presidente do Sindicato”.⁵⁶

⁵⁴ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

⁵⁵ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 12/02/97.

⁵⁶ MADEIRA, Gilberto. Entrevistado. Morro da Fumaça. 10/01/97.

Essas duas tentativas para conseguir um sindicato combativo vêm demonstrar que a experiência desses trabalhadores é de luta e resistência contra a dominação, mesmo nas derrotas, como observa Déa Ribeiro Fenelon: “nada garante que o que triunfou foi sempre o melhor e que os projetos alternativos ou as lutas cotidianas, ainda que perdedoras, não devem merecer a nossa atenção de historiadores”.⁵⁷

Outra forma de luta contra a dominação, que encontramos entre os trabalhadores em olarias, foi a resistência ao vale. Como foi abordado no capítulo anterior, o vale era utilizado como forma de pagamento aos trabalhadores em olarias, que eram obrigados a comprar em mercados e supermercados, açougues e farmácias da cidade, pertencentes a parentes e proprietários de olarias.

Uma das estratégias utilizadas pelos trabalhadores que não conseguiam receber seus salários em dinheiro, era comprar em pequenos estabelecimentos da cidade ou em estabelecimentos de municípios vizinhos (Sangão, Cocal do Sul, Içara) que aceitavam o vale como forma de pagamento.

No entanto, muitos trabalhadores resistiam ao pagamento do salário em vale. O senhor Antônio conta, que em uma das olarias que trabalhou, teve uma discussão com seu patrão por causa do pagamento em vale. Ele lembra, que na primeira semana de trabalho pediu a sua esposa que fosse ao escritório pegar dinheiro para fazer compras, mas sua esposa acabou voltando com uma ordem escrita para comprar no mercado.

⁵⁷ FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social: Perspectiva de investigação.** Projeto história. São Paulo: PUC, nº 4, dezembro de 1985. P.25.

Seu Antônio revoltado disse que pegou a ordem e foi ao escritório. Chegando lá o patrão pergunta-lhe: “*O que o senhor quer, seu Antônio?*”⁵⁸ Ele prontamente respondeu: “*Eu trabalho aqui pra ganhar dinheiro... Não foi o que nós tratamos? ‘É, foi! E a ordem não é dinheiro?’ Falei não senhor, pra mim é um papel branco. Faiei, eu tenho casa que eu posso comprar*”.⁵⁹ Mas seu Antônio vai mais longe ao falar do vale: “*O senhor come e bebe com a família, só do suor das ordens dos empregados. Além do lucro que os empregados dão*”.⁶⁰

Utilizo a seguir, a narrativa do senhor Manoel, que reforça a fala do senhor Antônio e ao mesmo tempo denuncia as vantagens dos proprietários de olaria, que usam o vale como forma de pagamento e diz: “*O dono do mercado dá trinta, quarenta dias pra eles, né. No fim de quarenta dia vai, paga o vale lá. E o dinheiro sai do bolso deles na hora para o empregado*”.⁶¹

A resistência contra o vale é, também, expressada de forma coletiva. Essa experiência foi relatada pelo senhor Henrique. “*Aí a turma começou a reinar e não quiseram mais, queriam cheque. E se eie desse ordem era pro mercado que eie queria, e naquele mercado não dava certo porque era um pouquinho mais caro do que os outros mercados. Então daí o pessoal exigiu, peio menos um cheque pré-datado que compravam no mercado que queriam*”.⁶² Seu Henrique conta que a

⁵⁸ DIAS, Antônio. Entrevistado. Morro da Fumaça. 02/03/97.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ SANTOS, Manoel José dos Santos. Entrevistado. Morro da Fumaça.

⁶² LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

resistência continuou, até que: *“a gente se reuniu entre a turma né, e reclamou, aí ele cortou”*.⁶³

Seguindo o raciocínio do senhor Manoel, seu Henrique procura explicar porque os proprietários de olarias pagavam seus empregados em vale: *“Se ele desse uma ordem pra pagar o mercado com trinta dias, eu acho que quem ganhava com aquiio aii era o empresário né, enquanto isso o dinheiro dele estava correndo juro”*.⁶⁴

OS TRABALHADORES EM SUAS FAMÍLIAS

As reflexões que pretendemos tecer sobre as famílias dos trabalhadores em olarias, contrapõem as abordagens marxistas que só viram as famílias como mera reprodutora de relações sociais de dominação e pouco ligaram para os significados e movimentos produzidos no interior dela. Durham, ao estudar a família operária, percebe a diferença de sentido que a família possui do ponto de vista da reprodução capitalista e, do ponto de vista dos próprios operários:

O que do ponto de vista da sociedade como um todo ou do ponto de vista mais restrito do capital, é a reprodução da força de trabalho, da perspectiva do trabalhador, é a realização de um modo de vida. Abandona-se assim uma perspectiva economicista e reintroduz-se na análise questões como o cuidado com os idosos e os inválidos, a utilização do lazer, a expressão da criatividade, a obtenção do prazer, a definição da feminilidade e da masculinidade, todas elas

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

irredutíveis a uma concepção simplista da necessidade de reprodução da força de trabalho. Desse modo, para explicar a família, não basta considerar sua funcionalidade para o capital.(...) Tratando-se de uma unidade de vida social articulada internamente pela referência a fins e a valores, a problemática se desloca para o terreno do vivido humano e aproxima-se do campo da ideologia.⁶⁵

Como vimos anteriormente, os trabalhadores em olarias, sejam, agricultores, pescadores ou desempregados, em sua chegada, diante das enormes dificuldades “isolam-se” em torno de uma vida privada voltando-se para questões domésticas. Neste sentido, a família passa a ter uma maior importância na vida desses trabalhadores. Ela constitui-se na única instituição que pode dar ao indivíduo, o tipo de apoio incondicional, que a insegurança da situação da mudança requer. A família e o grupo de parentes constituem no principal grupo assistencial e se apresentam como indispensáveis a segurança econômica dos indivíduos. Ela constitui-se em um “coletivo familiar”⁶⁶ onde são tomadas as decisões sobre a escola dos filhos, a organização de uma festa, a construção de uma casa, as divisões entre encargos domésticos e trabalho remunerado. Os rendimentos obtidos por cada um somam-se para extrair o necessário para os gastos familiares.

É na família que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de informações e conhecimentos passados oralmente,

⁶⁵ DURHAM, Eunice. **A Família Operária: Consciência e Ideologia**, in **Dados**. Revista de Ciências Sociais, Vol. 23, nº 2, 1980. P.205.

⁶⁶ SADER, Eder. Op. cit. P.105.

compensando a pouca ou a falta de escolaridade com outros aprendizados. É na família que esses trabalhadores elaboram a sua visão de mundo, criam estratégias de sobrevivência, constróem seus projetos para o futuro, além de avaliarem e compararem seu passado com o presente. Durham observa que “a valorização da família, como a do consumo e da ascensão social tão características da vida operária, é resultado direto do modo pelo qual os trabalhadores vivem sua condição de classe e não produto de aceitação de valores próprios de outras categorias e classes sociais”.⁶⁷

As narrativas mostram uma diversidade de estratégias utilizadas pelas famílias dos trabalhadores em olarias para defender-se do pauperismo e possibilitar projetos de melhorias. Como vimos anteriormente, a mobilidade e as experiências de trabalho constituíram parte das estratégias desses homens e mulheres na luta para melhorar suas condições de existência. Frente as olarias, a rotatividade passou a fazer parte do cotidiano de muitos trabalhadores. O senhor Henrique, que quando veio para Morro da Fumaça morava com o sogro, relata os motivos que o fizeram mudar de olaria.

*Olaria é o seguinte, que sempre tem olaria que paga um pouquinho mais que a outra. Lá no Miro Maccari a queimação já não deu mais certo, mais. E a família do sogro já não se entenderam mais no serviço. Aí viemos pro falecido Jacomim. Aí eu vim direto pra queimar pra ele. Ali queimei oito meses, e aí saiu uma proposta pro Germano Sartor né, de queimação; dava o dobro que eu ganhava no Jacomim. Aí eu fui pro Germano Sartor, lá queimei três anos. Aí por causa da choradeira de aumento, pulei pro Ademar Simoni onde estou até hoje. Era tudo questão de aumento, onde dava mais um pouquinho a gente ia pulando.*⁶⁸

⁶⁷ DURHAM, Eunice. *A Família...* Op. cit. P.211.

⁶⁸ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

Ao que parece, na fala do senhor Henrique, o salário se apresenta como um dos principais motivos de suas mudanças de olarias. Entretanto, ele conta que seu sogro e suas cunhadas saíram da primeira olaria porque achavam o serviço muito pesado, *“não queriam trabalhar mais né, enjoaram do serviço e sempre em olaria dizem que numa é mais livre do que a outra, e assim a gente trocava pela outra. E chega naquela outra é pesado também. E assim vai indo de olaria em olaria”*.⁶⁹

É preciso entender que em muitas olarias a exploração da mão-de-obra era muito maior, onde determinadas tarefas eram executadas por um número reduzido de trabalhadores, como já foi observado pelo senhor Henrique anteriormente.

Como vimos, o senhor Henrique veio se fixar somente na quarta olaria. Entretanto, a rotatividade tende a ser muito maior, pois os trabalhadores experimentam um número muito grande de olarias. O senhor Edir, já nos relatou anteriormente, que trabalhou em muitas olarias. Após ter apontado algumas olarias em que trabalhou, ele observa: *“Olha o que é olaria aqui em Morro da Fumaça eu passei quase tudo”*.⁷⁰ Ao falar das olarias em que trabalhou, o senhor Antônio descreve assim o episódio: *“Eu sei, que eu andei nessas olarias aqui, mais velhas, as primeiras que eu cheguei, mais velhas. Eu morei em todas elas, quase”*.⁷¹ Como estudamos anteriormente, a mobilidade geográfica e a rotatividade se constituíram em uma outra forma de resistência.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ BORGES, Edir Rodrigues. Entrevistado. Morro da Fumaça. 07/03/97.

⁷¹ COSTA, Antônio Dias da. Entrevistado. Morro da Fumaça. 02/03/97.

Observamos, também, nas narrativas que a mudança de olaria gerada por motivos salariais é uma decisão tomada pela família e não apenas pelo indivíduo. Uma proposta de aumento salarial, em uma outra olaria, pode representar para uma família onde trabalham cinco ou seis membros, melhorar o orçamento doméstico. Portanto, para as grandes famílias ou pequenas unidades familiares que trabalhavam nas olarias, o trabalho de todos era um valor que devia ser preservado.

Dissemos valor a ser preservado porque a unidade da família já fazia parte da vida desses trabalhadores anteriormente, principalmente, trabalhadores rurais e pescadores. Ao que parece o trabalho de todos era a única possibilidade de sobrevivência do grupo. O senhor Nilton⁷² lembra do trabalho de sua mulher que “catava” marisco e vendia para comprar as “coisinhas” da casa. Já o senhor Manoel, relata assim o trabalho de sua mulher, dizendo que ela “*tirava folha de tucum, até dar um quilo. Aí ela fiava aquele tucum na roca, pra fazer o cordãozinho, pra fazer a tarrafa. Nós fazíamos tarrafa rapaz... tinha dia que nós começávamos na boca da noite, de manhã estava com a tarrafa pronta pra vender*”.⁷³ As dificuldades da família do senhor Manoel para sobreviver eram muitas, então, mudaram de trabalho. “*A mulher começou a despenar palha de butiá. Tinha que fazer três arrobas de palha, pra fazer um merréis. Eu ia ceifar a paiha pra fazer o fardo, pra fazer o colchão de mola, sofá pra caminhão*”.⁷⁴

⁷² GOULARTI, Nilton. Entrevistado. Morro da Fumaça. 18/03/97.

⁷³ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça.

⁷⁴ Idem.

Neste sentido, percebemos que velhos valores coexistem e são usados por esses trabalhadores para adequar-se as mudanças. “Isso pressupõe que o povo percebe e age sobre as mudanças que experimenta apoiado nas próprias idéias e atitudes”.⁷⁵ Divergindo da corrente funcionalista, queremos demonstrar que não existe uma correlação direta e mecânica entre as mudanças de vida materiais, sociais de um grupo e a conseqüente transformação de seus valores e comportamentos. As narrativas sobre a unidade familiar continuam, sejam elas antes ou agora nas olarias. O senhor Edir relata a importância da sua mulher no trabalho: *“eu e essa velha aí... falando sério... agora que ela deu uma parada. Isso não tinha nada, era no machado, era um homem pra trabalhar”*.⁷⁶

A expressão *“era um homem pra trabalhar”*, está impregnada de um preconceito machista. No entanto, ela não invalida a importância que o senhor Edir dá ao trabalho de sua mulher, seja ele na roça ou nas olarias.

Já o senhor Manoel, ao falar do “vale” explicita uma estratégia utilizada por sua família para conseguir dinheiro: *“Quando o meu filho, quer uns troquinhos pra pagar a energia assim... e água... então eu tenho sempre um dinheiro guardado né. Eu sou aposentado. Então ele vem aqui. ‘O pai, me empresta dinheiro?’ Eu dou o dinheiro pra ele, pra pagar a energia dele e a água e ele me dá o ‘vaie’ do Jair (Patrão) pra eu fazer as compras”*.⁷⁷

⁷⁵ ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente!** Os Italianos em São Paulo – 1870-1920. Brasiliense, São Paulo, 1986. P.74.

⁷⁶ BORGES, Edir Rodrigues. Entrevistado. Morro da Fumaça. 02/03/97.

⁷⁷ SANTOS, Manoel José dos. Entrevistado. Morro da Fumaça.

Um outro aspecto na narrativa do senhor Manoel, que ao nosso ver se constituiu em uma estratégia de sobrevivência experimentada por muitos trabalhadores, é recorrer ao expediente de morar com outros membros da família como forma de resolver o problema de moradia. Muitos moram juntos, outros constroem uma meia água atrás da casa, geralmente do pai ou dos irmãos, até conseguirem comprar um terreno e construir uma casa. Esses projetos de casa própria são muito demorados. Muitos permanecem por longos anos morando nas casas da empresa.

Assim, a reprodução das condições materiais de vida desses homens e mulheres dependia de sua capacidade em articular redes de solidariedade e ajuda mútua, que se constituíam em uma das principais estratégias de sobrevivência nas situações de extrema pobreza que experimentavam. Tudo leva a crer, que essas redes de solidariedade e ajuda mútua eram mais facilmente construídas entre casais e parentes mais próximos.

É interessante notar, que além das estratégias de sobrevivência, as famílias constituíram formas de resistência contra a dominação. Os casos analisados a seguir mostram a resistência da família. O senhor Antônio conta que seu patrão começou a gritar com seus filhos na olaria, não gostando dessa atitude, seu Antônio se dirigiu ao patrão e disse: *“Um dia que um filho meu errar, você chega e fala comigo, não vem gritar com eles que eu não aceito também. Agora a hora que eles errarem, quem educa eles sou eu, não você. Aí ele aceitou, né”*⁷⁸.

⁷⁸ COSTA, Antônio Dias da. Entrevistado. Morro da Fumaça. 02/03/97.

A fala do senhor Antônio, nos leva a crer, que a unidade da família está centrada na figura paterna. “Esta subordinação à autoridade paterna está presente na família rural brasileira”,⁷⁹ afirma Durham. Cabe salientar, que grande parte dos trabalhadores em olarias é constituído por trabalhadores rurais e pescadores, e como o trabalho nas olarias é realizado por todos os membros da família, há uma permanência da unidade doméstica e conseqüentemente da autoridade paterna.

Esta fala também nos permite dizer que, ao sair em defesa dos filhos, seu Antônio parece estar preocupado com a busca pelo respeito a pessoa do trabalhador. Semelhante preocupação, encontramos em um outro caso que aconteceu com a família do senhor Neném. Ele conta que o patrão recentemente despediu um dos seus filhos da olaria; ficando dois meses parado, conseguiu trabalho em uma outra olaria, passando a receber cento e oitenta reais mensais. Logo que conseguiu emprego, o patrão procurou o senhor Neném, que narrou assim o episódio: “*Aí o Jair (Patrão) disse pra mim: ‘tu tem que trazer o guri, tem que trabalhar comigo’*”.⁸⁰ E ele responde: “*O senhor botou o guri pra rua, como é que o senhor vai querer ele de novo. Se o senhor já mandou porque ele não serve pra você*”.⁸¹ O senhor Neném, ainda conta, que seu patrão dizia para os outros empregados na olaria, que cortaria a energia de sua casa, caso o seu filho não voltasse a trabalhar com eles. Sobre isso, ele falava com revolta: “*Eu não faço confusão. Se ele cortar eu mando ligar no mesmo dia. Eu vou na cooperativa: bota um relógio lá que água e energia eu pago a taxa*”.⁸²

⁷⁹ DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo. Perspectiva, 3ª ed. 1984.

⁸⁰ BORBA, Zeferino João de. Entrevista. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

Além de estar preocupado com o respeito a pessoa do trabalhador, a fala do senhor Neném aponta para dois outros aspectos: primeiro, quando o patrão ameaça cortar a energia de sua casa, parece estar com um certo medo de perder o empregado, por conta de que as ameaças eram feitas por intermédio de outros empregados, que contavam ao senhor Neném. No segundo, quando o senhor Nenem diz: *“se ele cortar (a energia) eu mando ligar no mesmo dia”*. Entramos aqui, no campo do simbólico, onde dignidade e honra parecem estar presentes. No dizer de Cynthia Andersen Sarti: “A honra, entre os pobres, não estando associada à posição social, vincula-se à virtude moral, como afirmação de si em face do olhar dos outros(...)”.⁸³

O senhor Ivo lembra, que em uma ocasião levou sua mulher ao Hospital para pegar o resultado de exames que havia feito. Chegando lá, disse a ela que retornaria ao trabalho e que ela ligasse para o escritório da olaria para lhe dizer se ficaria internada no hospital ou se deveria buscá-la. Ao chegar na olaria seu Ivo conta que o patrão lhe perguntou: *“Escuta, tu não tá trabalhando hoje?”*⁸⁴ E ele respondeu: *“tu sabe qual é o meu caso. Dá pra tu ter calma pra falar comigo, Isso não é jeito de falar com as pessoas, eu sou teu empregado, mas não sou um..., tu sabe que eu não perco uma hora de serviço, estou perdendo agora por causa de doença. Tu tá sabendo o que é. Aí ele: ‘o que é? O que é?’*⁸⁵ E o senhor Ivo responde mais uma vez: *“tu sabe, desde segunda que estou correndo da doença da mulher, aí ele: ‘tá, tá, tá, há se o caso for sério direto no I.N.P.S.!, ‘falou bem pra mim assim’”*.⁸⁶

⁸³ SARTI, Cynthia Anderson. **A Família como Espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, SP. Autores Associados, 1996. P.68.

⁸⁴ CAMPOS, Ivo. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

Assim, o senhor Ivo resolveu procurar o outro patrão, já que a olaria pertencia a uma sociedade de irmãos. Eram 9:15 e o senhor Ivo disse ao seu 2º patrão que sairia para buscar sua mulher no hospital, pois ela havia telefonado pedindo para que fosse buscá-la, mas seu patrão não permitiu, dizendo que a buscaria. E o senhor Ivo continuou narrando o episódio da seguinte forma: *“Quando foi 11:35 ele não tinha ido, eu passei a mão na bicicleta e fui. Quando eu ia lá no posto Pelegrin, ele passou por mim. ‘Ué! Onde é que tu vai?’ eu vou lá buscar a mulher. ‘não...não, deixa que eu vou’”*,⁸⁷ responde o patrão. Seu Ivo já muito revoltado disse-lhe: *“Agora que eu estou aqui, deixa que eu vou. Pode seguir teu rumo”*.⁸⁸

O caso seguinte mostra a forma violenta como muitos proprietários de olarias tratavam seus empregados. O senhor José conta que na última olaria que sua família trabalhou, a Cerâmica Cechinel, aconteceu que seu irmão mais novo e um colega, estavam colocando a lona sobre o caminhão que haviam acabado de carregar, e ao esticarem a lona, ele encostou em uma antena que estava em cima da cabina do caminhão. *“Pra que! O cara era acostumado já a bater nos coitadinhos lá, e subiu pra cima pra ir lá bater nos dols também. Aí nós avisamos o irmão dele que estava embaixo, se eie subisse lá pra cima, eie não ia sair com a cara muito bonita. Aí ele não subiu. Nós já estávamos tão infezado com ele, que nós íamos derrubar ele lá de cima, ah lá”*.⁸⁹

Há dois aspectos importantes que essa narrativa vem demonstrar: primeiro, além violência econômica, muitos trabalhadores estavam submetidos a violência

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ MADEIRA, José Fernandes. Entrevistado. Morro da Fumaça. 22/08/96.

física e moral; segundo, a resistência das famílias a essa dominação, onde pais saíam em defesa dos filhos, irmãos defendiam os mais novos.

Já o senhor Henrique lembra que para conseguir o banheiro de sua casa, teve que insistir muito com seu patrão: *“Aí de tanto chorar, ele deu o material e eu fiz o chuveirinho né. Aí com o tempo eu botei um vazinho”*.⁹⁰ Ele conta que a briga foi grande quando falou em aumentar a casa que estava pequena, pois quando chegou tinha dois filhos e em seguida, nasceram mais dois. Além disso, havia conseguido também comprar alguns móveis para a casa. *“Aí foi ficando pequena. Aí esse puchadinho foi um sacrifício. Fui obrigado a ameaçar sair. Naquele tempo eles gostavam do meu trabalho”*.⁹¹ A resistência da família do senhor Henrique contra a dominação continuou ao longo dos anos. Ele conta que quando sua filha casou, seu genro veio morar junto, o patrão logo reclamou que estava aumentando o consumo de energia. Foi *“aonde já começamos a brigar, eu e ele de novo”*.⁹² E se dirigindo ao patrão, o senhor Henrique narrou aquele episódio: *“a energia quem paga é eu... por que isso aí sai do meu próprio ordenado, isso não sai do seu boiso. Ele vai ficar aqui o tempo que quiser”*.⁹³

A narrativa do senhor Henrique aponta para duas situações distintas: na primeira, para conseguir o material para construir o banheiro, utiliza a estratégia do diálogo persistindo e insistindo até que conseguiu convencer seu patrão. E na segunda, para conseguir aumentar o tamanho de sua casa e garantir a permanência do genro morando em sua casa, teve que confrontar direto com o patrão.

⁹⁰ LUZ, Carlos Henrique. Entrevistado. Morro da Fumaça. 20/02/97.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

⁹³ Idem.

Enfim, mesmo que essas ações isoladas de resistência desenvolvidas por muitas famílias de trabalhadores em olarias não tenham representado uma contestação ao Estado ou às relações de produção vigentes, isso não invalida a luta desses homens e mulheres. Só que essa luta, a única possível para muitas famílias que enfrentavam as atrozidades condições de vida dentro das olarias, nunca recebeu a devida atenção. Na verdade, para muitas dessas famílias, essas ações se constituíram na única reação possível, pois sua luta ainda estava centrada nas necessidades mais urgentes, ao nível da mais restrita sobrevivência. Cabe salientar, que para muitas dessas famílias ainda não estavam definidas a importância e a força de uma ação coletiva, e menos ainda, com caráter de classe. E para concluir estas observações, utilizo-me das palavras de Durham, que diz: "na cidade, a família se reorganiza, mas permanece como o grupo basicamente responsável pelo bem-estar e segurança econômica de seus membros e é, por assim dizer, o ponto de referência e núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas".⁹⁴

O que nos interessou neste capítulo, tomando de empréstimo mais uma vez as palavras de Thompson, "foi a polarização de interesses antagônicos e sua correspondente dialética da cultura".⁹⁵ Ou seja, nos interessou perceber as formas de resistência e as estratégias de sobrevivência vivenciadas pelos trabalhadores em olarias, face aos antagonismos colocados pela experiência cotidiana.

⁹⁴ DURHAM, Eunice R. **A Caminho da Cidade**. 3ª ed. São Paulo. Perspectiva, 1984. P.211.

⁹⁵ THOMPSON, E. P. **La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII: lucha de clases sin clases**. In: **Tradicion, Revuelta Y Consciência de Classe**. Barcelona. Crítica, 1979. P.39.

ÚLTIMAS PALAVRAS

...a história serve, em última instância, para complicar a vida. Ou seja, ao explorar sistematicamente o 'estranhamento' inicial, o historiador cria condições para a percepção do real como construção, como 'invenção' de seres humanos concretos em processo de interação e luta entre si. Em outras palavras, a história nos instiga a pensar o social – passado, presente e futuro – como processo tecido na contradição e na luta, e não como 'anestesia', como mesmice, isto é, como ponto de chegada necessário de um caminhar linear, harmônico e teleológico.¹

Sidney Chalhoub

As palavras de Chalhoub apontam para possibilidades e perspectivas de abordagens na produção da história. Isso também percebemos nas narrativas dos trabalhadores em olarias. A história contada por esses protagonistas “nos complicaram a vida”; ou seja, esses trabalhadores nos fizeram compreender que existem diversas versões para os movimentos de suas vidas, e que suas vidas, podem ser construídas ou inventadas a partir de determinadas versões.

Desta maneira, quero salientar que o ponto de partida desta pesquisa esteve diretamente relacionado com o meu viver na cidade de Morro da Fumaça, e estranhar a condição de pobreza e injustiça vivenciada pelos trabalhadores das olarias. Além disso, percebi que em função de uma historiografia que privilegiava as abordagens de linha positivista, as forças sócio-econômicas como determinantes e os estudos onde os trabalhadores eram vistos exclusivamente pela via do sindicato;

¹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botiquim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986. P.232.

a história de muitos trabalhadores tem ficado soterrada nos subterrâneos do passado.

Eric Hobsbawn, num artigo sobre o papel da história social e do historiador, afirma que:

...os aspectos sociais ou societários do ser humano não podem vir separados por outros, senão a custa de cair no tautológico ou no banal. Não é possível em nenhum momento separá-los do modo pelo qual os homens se articulam para viver, assim como do seu ambiente material. Nem é possível separá-los das idéias, sendo as relações recíprocas entre os homens expressas e formuladas numa linguagem que pressupõem determinados conceitos no momento mesmo em que se abre a boca para falar.²

Diante disto, esta pesquisa surgiu com essa inquietação, pois narrou a história das condições de vida e trabalho desses homens e mulheres nas olarias de Morro da Fumaça, no período compreendido entre 1970 e 1990. Evidenciou as relações de poder e resistência que se davam no cotidiano nas olarias. Não tratamos aqui de classificar ou registrar os trabalhadores, mas mostrá-los como sujeitos de sua própria história. Na busca do cotidiano dos trabalhadores em olarias fui percebendo a heterogeneidade de experiências de trabalho e de sua procedência, seus hábitos de vida, as práticas de solidariedade, as estratégias e lutas individuais e coletivas empreendidas no espaço da fábrica ou fora dela, em suma, os trabalhadores em olarias se transformando em sujeito histórico, construindo-se dia a dia.

² HOBBSAWM, Eric. "Dalla storia sociale alla storia della societa". In: **Quaderni Storici**: Acona (22): 56, Jan./abr. de 1973.

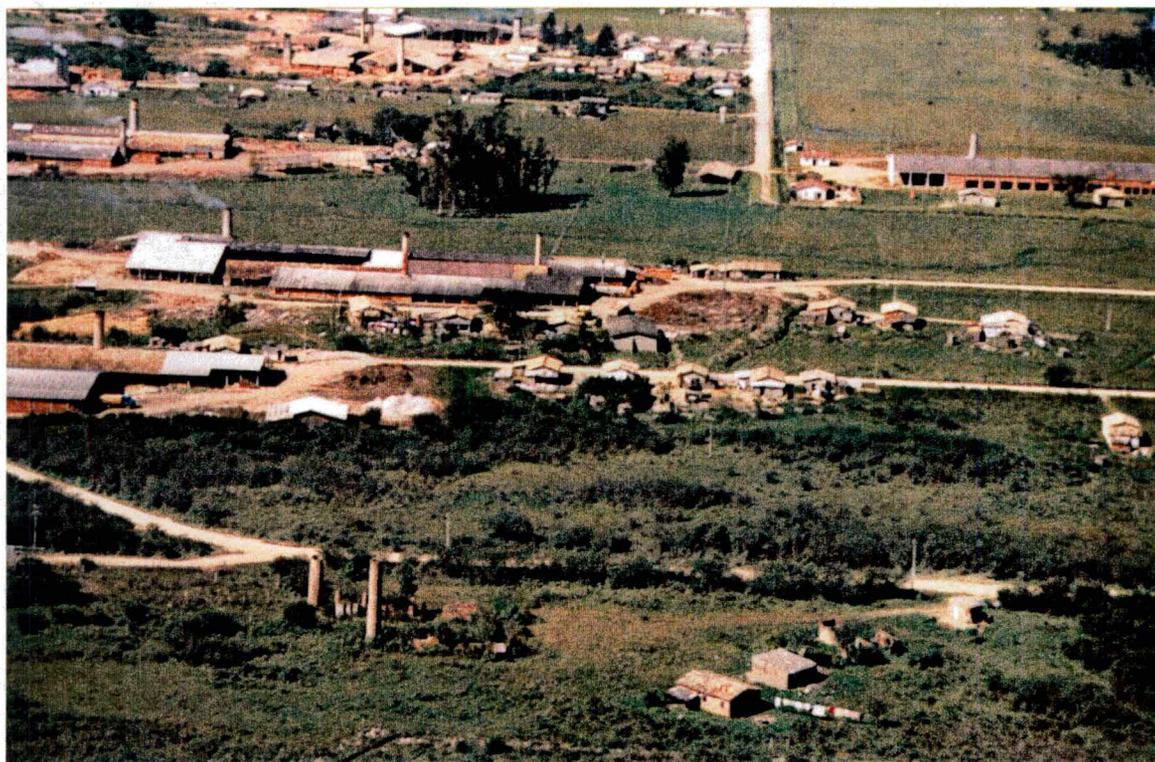
Finalizando esse meu olhar sobre os trabalhadores em olarias utilizo as palavras simples e diretas de Philippe Ariés:

A vida de todos os dias é apaixonante, e quanto mais ela for cotidiana mais ela será apaixonante. Talvez seja essa, para mim a maneira de entrar na história. Não digo que seja o fundamental. O fundamental é mais, como já disse, o desejo de encontrar um mistério central, mas nunca estamos diante do mistério central, estamos no meio da rua. Então, eu caminho por um mundo que é um mundo de curiosidade, excitando constantemente minha curiosidade, algumas vezes maravilhando-me: por que tal ou qual coisa? E é isso que me faz pular para o passado: eu penso que nunca segui um comportamento histórico que não tivesse como ponto de partida uma questão colocada pelo presente.³

Por isso, ao fazer emergir esta história que estava submersa nos porões de memórias marginalizadas, procurei referenciais mais adequados para poder compreender os trabalhadores em olarias “em sua amplitude, complexidade, diversidade, singularidade e pluralidade, pensando-os como sujeitos coletivos vivendo sua experiência de luta, interpretada como luta política, nas mais variadas dimensões da vida social diária.”⁴ Enfim, esta pesquisa procurou evidenciar a importância da história do cotidiano ao dar visibilidade as dificuldades dos trabalhadores, a sua resistência, aos hábitos de vida, ao sofrimento e as várias maneiras de enfrentarem a vida diária.

³ ARIES, Philippe. Trecho de uma entrevista concedida ao *Nouvel Observateur*, publicada no Brasil em *Ensaio de Opinião* nº 275. In: **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

⁴ KHOURY, Yara Ann. **Testemunho e Imagem nas Perspectivas de Investigação de Movimentos Sociais**. Programa de Pós-Graduação de História da PUC/SP. 1990. P.2.



Arquivo do autor



Arquivo do autor



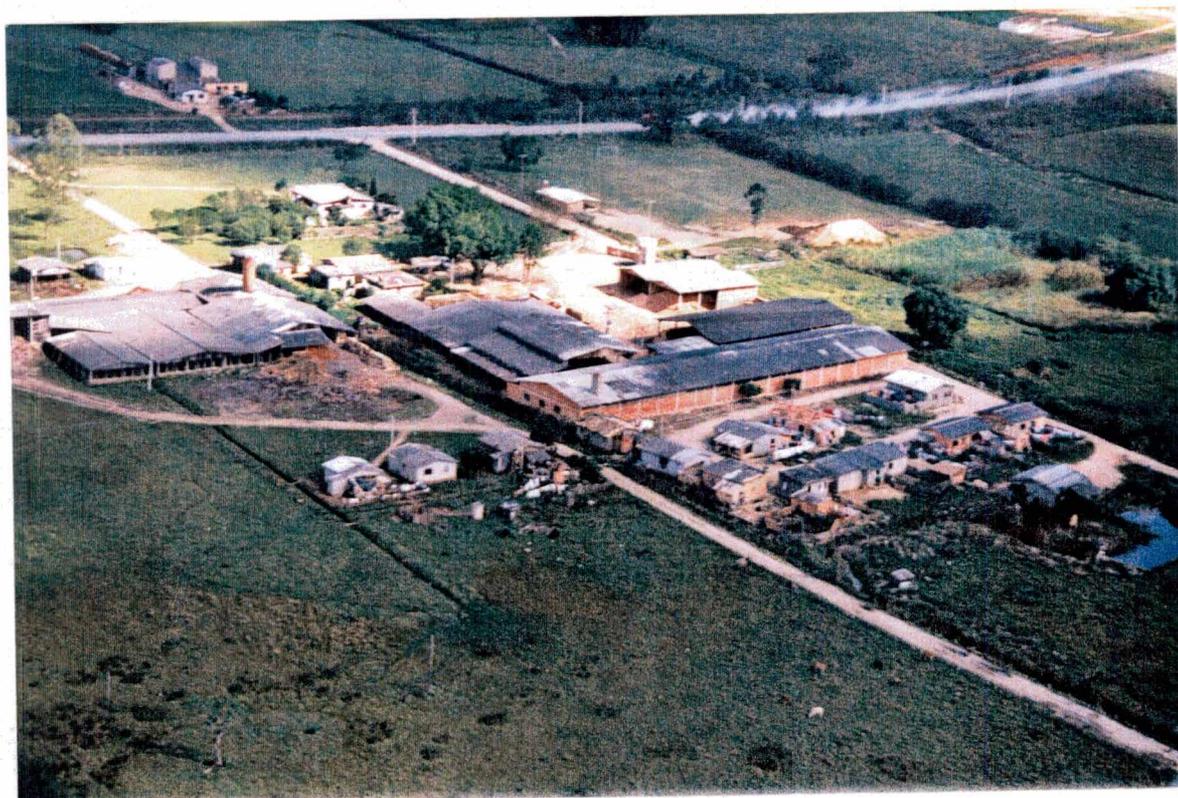
Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor

ILUSTRAÇÃO DAS OLARIAS E MORADIA OPERÁRIA.



Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor



Arquivo do autor

ILUSTRAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DO
TRABALHO INFANTIL NAS OLARIAS.

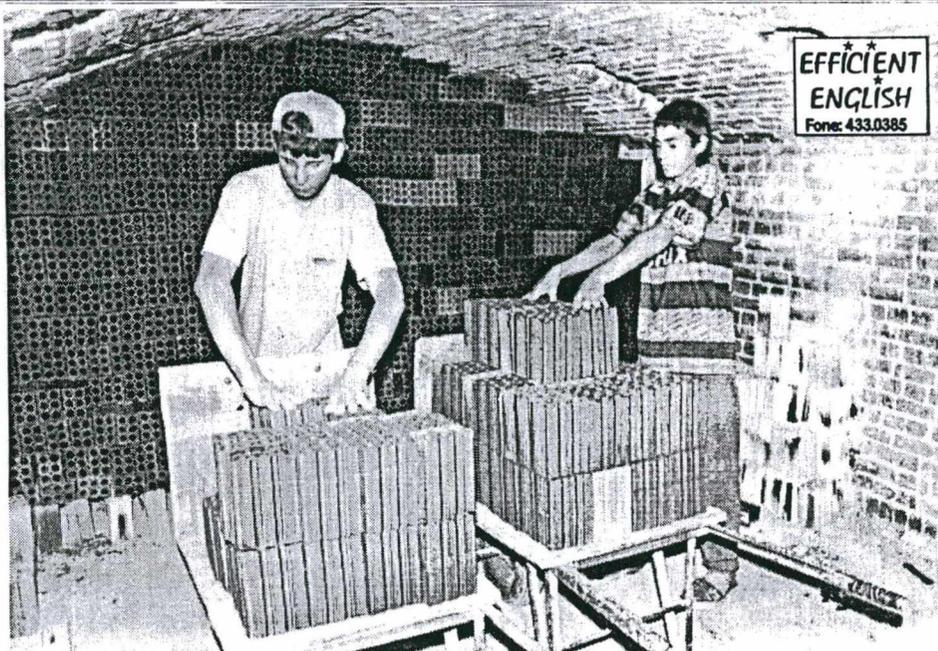
DS
1997
st
ide A
one

JORNAL DA MANHÃ

Criciúma (SC), Segunda-Feira, 07 de Julho de 1997

UM JORNAL A SERVIÇO DO SUL - FUNDADO EM 25.08.83 - R. HENRIQUE CHENAUD, 165 • ANO XIV • Nº 3450 • R\$ 1,00

F
FAMCRED
O PARCEIRO DA SUA EMPRESA
FUNDADO EM 1973
COLOQUE A FAMCRED
NOS NEGÓCIOS DA SUA EMPRESA
Ed. Carlinhos Guimarães Trade Center - 4408 712 714
Criciúma - SC
FONE/FAX: (048) 437-3304



EFFICIENT
ENGLISH
Fone: 433.0385

A EXPLORAÇÃO de crianças foi denunciada pelo Ministério do Trabalho. Muitas delas trabalham nos fornos das olarias

Crianças têm o dia nas olarias

ELAS abandonam a escola para cumprir uma jornada de mais de oito horas

◆ pág 3

Fonte: Unesc

Fornos de olaria substituem as escolas

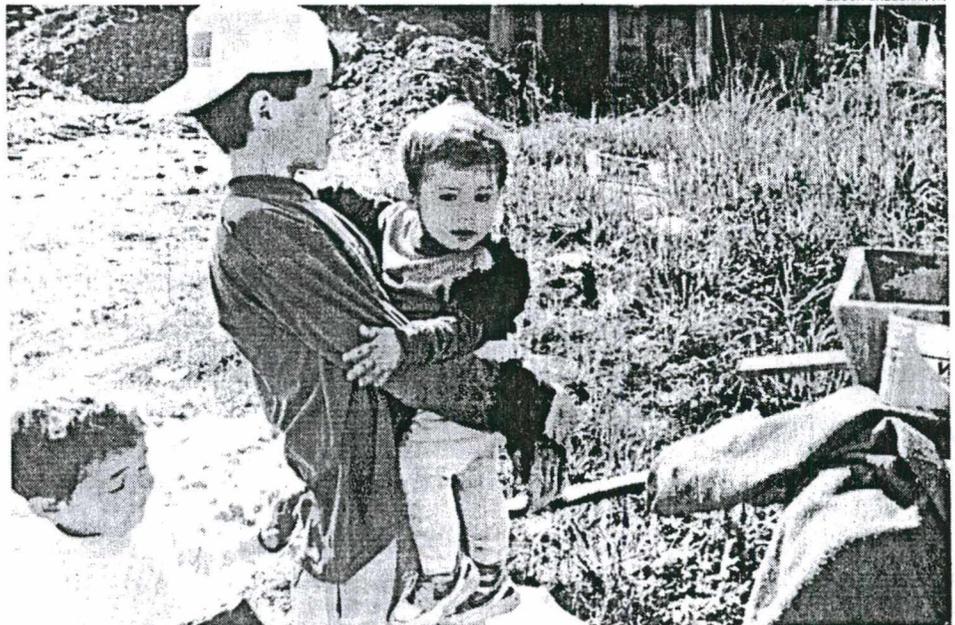
WORRO da Fumaça, várias crianças que deveriam estar na escola, acabam virando mão-de-obra em olarias do município

ofia Schuster

PRO DA FUMAÇA - Medeiros, 12 anos, mora a pequena casa da olaria ao ver o fofinho tentando registrar o trabalho de carregar e ar tijolos. Sem muita razão, ele diz que só ajudou no trabalho da olaria aos poucos, a situação do menino vai ficando ruim e constata-se que há apenas mais uma casa de 70 crianças que vivem nas olarias da região, assim como os outros pequenos operários, moram a escola e já sabem que o futuro não vai ser diferente de seus pais. Trabalhar e deixar a saudades de um forno de troca de pouco por um salário mínimo. De Márcio, Dilma de Medeiros, 24 anos, inclusive também nega que trabalhe na empresa.

"Ele só ajuda o pai", diz. Mas, aos poucos, ela vai contando que, quando ele "ajuda" durante o mês completo, fatura R\$120,00, fazendo de tudo. Mesmo tendo sido aprovado em todos os anos, na quarta série ele deixou a escola. "Ele não gosta de estudar". A afirmação da mãe é confirmada pelo menino, que considera a escola muito chata. Mesmo fora da sala de aula, ele não deixa de acordar cedo, mas para desempenhar tarefa de gente grande e também ajudar a mãe a cuidar dos dois irmãos pequenos.

Com as casas que as empresas cedem para os trabalhadores morarem, é comum ver pelas olarias crianças de pouca idade em meio às pilhas de tijolos, mesmo que não estejam trabalhando. Como não têm creches para frequentar, estes meninos acabam ficando durante o dia soltos no pátio, alguns já em idade escolar.

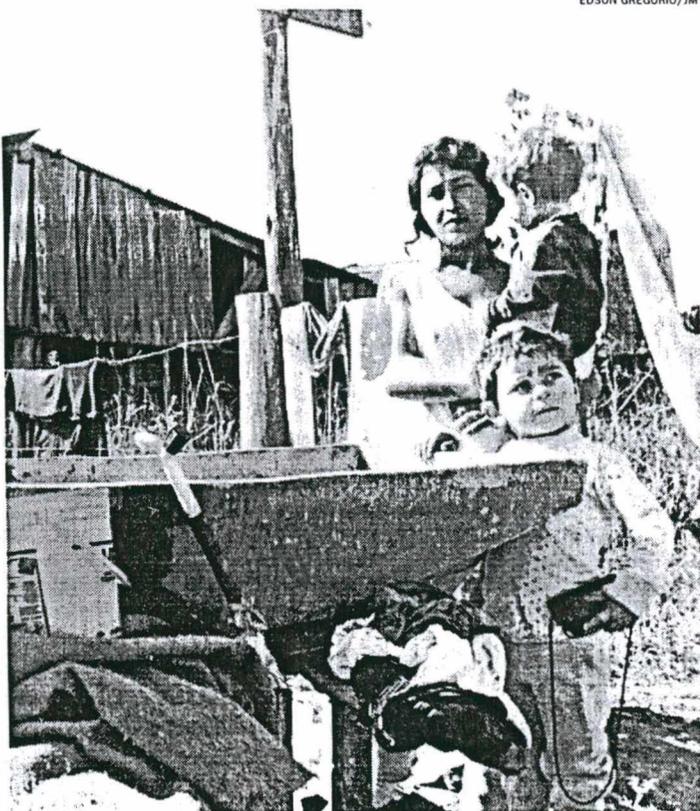


MÁRCIO Medeiros com os irmãos menores, largou o trabalho na olaria ao ver a reportagem do *Jornal da Manhã*

Pequenos operários seguem trajetória dos próprios pais

EDSON GREGÓRIO/JM

Desde a infância de Márcio Medeiros vai se contendo com a mãe. "Ele me entende por trabalhar em olaria", Dilma Souza Medeiros não recorda a idade em que começou, ao mesmo tempo que os outros 11 irmãos. Quando chegou a água fria do tanque, lavava a roupa dos filhos. Aos 12 anos ganhou o primeiro filho e, na idade em que a maioria das crianças aproveitam a escola, ela ficou responsável. Ela deu adeus de sua infância. Hoje, sente a pobreza que a mãe e sabe que não pode garantir um futuro melhor para os filhos. Aos 24 anos, Dilma que já sente os efeitos do trabalho nas olarias, quando o tijolo fica na boca e levando para o corpo muito reumatismos e nas pernas, "sa do forno", conta. Sua vida, perambulando pelas olarias da região, ela conseguiu ainda uma casa para morar e vive na cidade pela empresa.



COM apenas 24 anos, Dilma Souza Medeiros já sente sua saúde abalada pelo trabalho

Trabalho infantil reacende polêmica

ENTIDADES voltam a discutir exploração da mão-de-obra infantil na região. Já as mulheres reclamam da discriminação

FOTOS: EDSON GREGÓRIO/JM

Ana Sofia Schuster

MORRO DA FUMAÇA - O Ministério do Trabalho está fazendo uma campanha estadual para acabar com a exploração do trabalho infantil. Na região Sul, pela pesquisa realizada, a pior situação com relação ao problema está localizado no setor de olarias. De acordo com a pesquisa, a região emprega cerca de 70 crianças, sendo que 65% trabalham mais de 8 horas e 74% estão fora da escola.

Objetivado Ministério, com a realização desses seminários, é criar fóruns que trabalhem para reduzir o trabalho infantil em Santa Catarina.

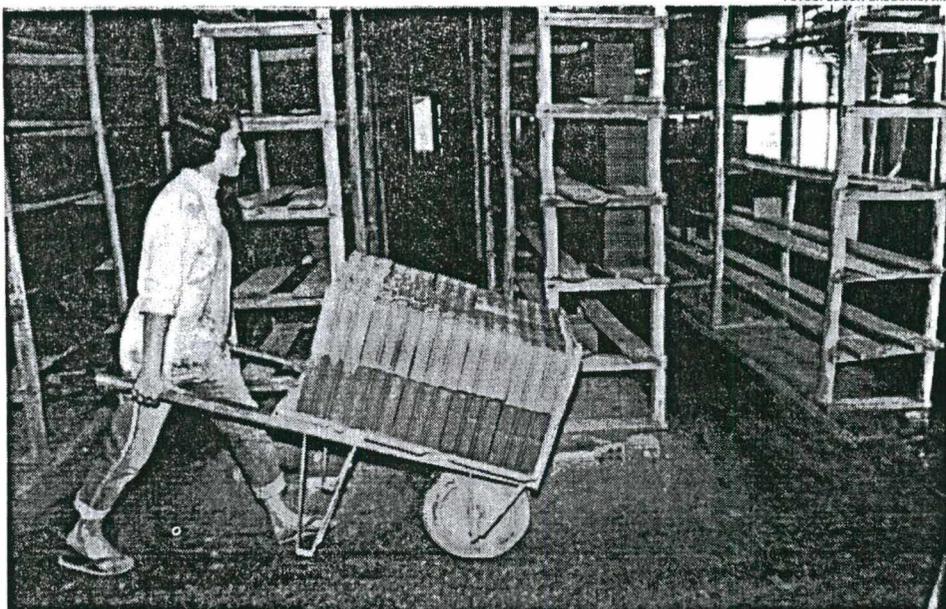
O trabalho nas olarias de Morro da Fumaça funciona no sistema "ganha de acordo com o que pode carregar". Mesmo trabalhando as mesmas oito horas diárias e seis dias por semana, as mulheres recebem em média R\$ 20,00

a menos que os homens, enquanto o salário dos jovens e crianças tem um decréscimo em torno de R\$ 50,00.

A justificativa alegada para esta discriminação é que as mulheres e os menores conseguem carregar menos tijolos que os homens. Ainda assim, elas se esforçam e levam cerca de 50 carinhos de 50 quilos de tijolos por dia. Outra função pesada, onde não se excluem menores e mulheres, é o de retirar os tijolos do forno quente e transferi-los para a rua.

Em Morro da Fumaça são produzidos mensalmente aproximadamente 30 milhões de tijolos, nas 75 olarias do município. Em toda a região existem cerca de 200 empresas do ramo.

O processo de fabricação de tijolo ainda é feito praticamente de forma artesanal. A única mecanização está na máquina que moe e molda o tijolo.



A GAROTA Rosane de Sá, 16 anos, é um exemplo do trabalho infantil nas olarias. Ela já tem problema de coluna

Falta de condições é o maior problema nas olarias da região

MORRO DA FUMAÇA - Eva de Sá, 50 anos, já sente os reflexos do trabalho insalubre. Após a morte do marido, ela teve que trabalhar como queimadora de tijolos no forno de uma olaria. Aos 43 anos teve que largar por causa dos problemas na coluna, nos rins e reumatismo. "Queimador não tem fim de semana, feriado nem dia santo. Se tem produção tem que trabalhar", desabafa. Hoje o que mais lhe causa arrependimento é ter vendido a terra que tinha em Orleans para trabalhar na cidade. "Hoje não tenho nem um teto para morar, moro de favor na casa que a firma dá", diz.

A filha de dona Eva, Rosane de Sá, 16 anos, também já enfrenta problemas de

saúde por causa do trabalho pesado. Ela conta que teve problema na coluna por causa do peso que carrega. Para não perder os dias de trabalho, preferiu "consultar" com o farmacêutico, a procurar um médico. Gastou R\$ 60,00 em remédios e já voltou ao trabalho.

O resultado desse tipo de atividade, segundo o funcionário do Ministério do Trabalho, Roberto Lodetti, é que muitos destes jovens acabam se aposentado mais cedo, muitas vezes por invalidez. Lodetti foi o coordenador do Seminário da Campanha Estadual Contra a Exploração do Trabalho da Criança e pela Preservação dos Direitos do Adolescente, realizado na quinta-feira em Criciúma.



EVA largou emprego na olaria por problema de saúde

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

A – FONTES ORAIS

Entrevistas Individuais:

Antônio Dias da Costa, setenta e cinco anos, aposentado, entrevistado no dia 02 de março de 97 em Morro da Fumaça.

Carlos Henrique Luz, quarenta e quatro anos, entrevistado no dia 20 de fevereiro de 97 em Morro da Fumaça.

Edir Rodrigues Borges, sessenta e seis anos, entrevistado no dia 07 de março de 97 em Morro da Fumaça.

Gilberto Madeira, trinta e três anos, entrevistado no dia 10 de janeiro de 97 em Morro da Fumaça.

José Fernandes Madeira, trinta e dois anos, entrevistado no dia 12 de fevereiro de 97 em Morro da Fumaça.

Manoel José dos Santos, sessenta e dois anos, aposentado, entrevistado em 27 de março de 97 em Morro da Fumaça. (Obs. Continua trabalhando).

Nilton Goulart, sessenta e cinco anos, entrevistado em 18 de março de 97 em Morro da Fumaça.

Luiz Pereira Martins, vinte e sete anos, entrevistado em 03 de abril de 97 em Morro da Fumaça.

Entrevista Coletiva

Realizada com o senhor zeferino João de Borba, sessenta anos e Ivo Campos, trinta e oito anos, no dia 22 de agosto de 96 em Morro da Fumaça.

B – PERIÓDICOS

A pesquisa no Jornal O Correio do Sudeste foi realizada sistematicamente entre os anos de 1977 a 1983, quando o jornal parou de circular. Já a pesquisa no Jornal da Manhã iniciou em agosto de 1983 a 1997.

Jornal O Correio do Sudeste, Criciúma, 21/05/77.

Jornal O Correio do Sudeste, Criciúma, 22/06/79.

Jornal da Manhã, Criciúma, 19/05/88.

Jornal da Manhã, Criciúma, 04/07/97.

Jornal da Manhã, Criciúma, 07/07/97.

Jornal da Manhã, Criciúma, 08/07/97.

Jornal da Manhã, Criciúma, 03/11/97.

Jornal Folha de São Paulo, 10/08/97.

C – DOCUMENTOS

Amrec – Associação dos Municípios da Região Carbonífera.

D.R.T. – Delegacia Regional do Trabalho.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SIOMF – Sindicato da Indústria de Olarias de Morro da Fumaça.

D – ARTIGOS

ALMEIDA, Rufino Porfírio. O Movimento Operário em Santa Catarina: A greve de 1917 em Joinville. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. 3ª Fase, nº 4, 1982/83. P.130/173.

BLAY, Eva Alterman. In: VALLADARES, Lúcia de Prado. **Habitação em Questão**. Ed. Zahar. 2ª ed. 1981. P.P.143-144.

BRECIANE, Maria Stella M. Lógica e Dissonância – Sociedade de Trabalho: lei, ciência e resistência operária. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero, 1986, V. 6, nº 11. P.P.7-44.

CHARTIER, Roger. A Visão do Historiador Modernista. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.P.215-218.

DURHAM, Eunice R. “A Família Operária: Consciência e Ideologia”. In: **Dados Revista de Ciências Sociais**. Vol. 23, nº 2, 1980.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. GROSSI, Yonne de Souza. **Revista do Departamento de História**, FAFICH/UFMG, 1986. P.P.122-139.

- FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social**: perspectivas de investigação. São Paulo, PUC, nº 4 – junho/85.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Citando Eric Hobsbawn. História Oral e Tempo Presente. In: **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. P.P.11-21.
- JANOTTI, Maria L. M. Refletindo sobre a História Oral: Procedimentos e Possibilidades. In: **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. P.P.56-62.
- KHOURY, Yara Ann. **Testemunho e Imagem na Perspectiva de Investigação de Movimentos Sociais**. Programa de Pós-Graduação de História da PUC/SP. 1990.
- LOZANO, Jorge E. Aceves. Prática e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.17.
- MONIOT, Henry. A História dos Povos sem História. In: Le Goff J. e Nora P. (Org.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. P.P.69-112.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral Caminhos e Descaminhos**. In: Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: ANPUH. Marco Zero, 1992. P.60.
- PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros. In: LOPES, José Sérgio Leite. (Org.) **Cultura e Identidade Operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero/PROED, 1987.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1996. P.P.93-101.

SADER, Eder. PAOLI, Maria Célia. Sobre "Classes Populares" no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.P.39-67.

E - LIVROS

ALVIM, Zuleica M. F. **Brava Gente! Os Italianos em São Paulo – 1870-1920.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV. 1996.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** 4ª ed. Rio de Janeiro, 1989.

ARIES, Philippe. Trecho de uma entrevista concedida ao Nouvel observateur, publicada no Brasil em Ensaios de Opinião nº 275. In: **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e Sus Divina e Humana Comédia.** Tubarão: Coan, 1993.

BLAY, Eva Alterman. **Eu Não Tenho Onde Morar: vilas operárias na cidade de São Paulo.** São Paulo – Nobel, 1985.

BOITO, Júnior. **O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BOSI, Eléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOUDUKI, Nabil. **Construindo Territórios de Utopia.** Tese de Doutorado, USP, 1987.

- BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottmam. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2ª ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1964.
- CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DECCA, Edgar de. **1930: O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense. 6ª ed. 1994.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas**: O cotidiano operário em São Paulo – 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **Cotidiano dos Trabalhadores na República**. São Paulo – 1889-1940. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DIAS, Maria Odila L. S. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. 2ª ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DURHAM, Eunice R. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

- ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Operária na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Frota. São Paulo: Global, 1985.
- ENGELS, Friedrich. **A Questão da Habitação**. Belo Horizonte. Aldeia Global. Coleção Fundamentos. nº 10, 1979.
- FAUSTO NETO, A. M. Quiroga. **Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho**. Petrópolis. Vozes, 1982.
- FILHO, Alcides Goularti. **A Inserção da Indústria do Vestuário na Economia do Sul de Santa Catarina**. Florianópolis, UFSC, 1995. Dissertação de Mestrado.
- FILHO, Alcides Goularti, NETO, Roseli Jenoveva. **A Indústria do Vestuário: Economia, estatística e tecnologia**. Letras Contemporâneas. 1997.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Teatros da Vida – Cenários da História: A farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina**. PUC/SP, 1991. Tese de Doutorado.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório**, 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- GUIMARÃES, Berenice Martins. **A Questão da Habitação: Algumas perspectivas de análise do problema na Inglaterra, Estados Unidos e França**. Textos: Sociologia e Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais.
- GUINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e história**. Tradução Federico Carrotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- HOBBSAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBBSAWN, Eric J. **Os Trabalhadores**: Estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOBBSAWM, Eric J. Dalla storia sociale alla storia della società. In: **Quaderni Storici**. Acona (22): 56, Jan./abr. de 1973.
- HOLBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice, Editora dos Tribunais, 1990.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IANNI, Octávio. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5ª ed. 1991.
- JESUS, Samir Ribeiro. **Formação do Trabalhador Catarinense**: O caso do caboclo do planalto serrano. Florianópolis: UFSC. 1991. Dissertação de Mestrado.
- KOWARIK, Lúcio. As Metamorfoses do Trabalho. In: **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- LOPES, José Sérgio Leite. **O Vapor do Diabo**: O trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LOPES, José Sérgio Leite. **A Tecelagem dos Conflitos de Classe**: Na cidade das chaminés. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura e Identidade Operária**: Aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero/PROED, 1987.

- MACHADO, Leda Viera. **Atores Sociais: Movimentos urbanos continuidade e gênero.** São Paulo: Annablume, 1995.
- MARX, Karl. **O Capital.** 4ª ed. São Paulo. Difel, 1985.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Org. **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.
- MELLO, Silvia Leser de. **Trabalho e Sobrevivência: Mulheres do campo e da periferia de São Paulo.** São Paulo. Ática, 1988.
- NAGEL, Édio. **Participação 4-S e Migração Rural-Urbana no Sul de Santa Catarina – 1974/1984.** Universidade Federal de Santa Catarina. 1986. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural.
- NIEBUHR, Marlus. **Memória e Cotidiano do Operário Têxtil na Cidade de Brusque – SC: A greve de 1952.** Florianópolis. UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.
- PAULILO, Maria Ignez S. **Produtor e Agroindústria: Consensos e Dissensos.** Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1990.
- PEDRO, Joana Maria. FLORES, Maria Bernardete Ramos. **(Re)inventando a Cidadania: A história do Sindicato dos eletricitários de Florianópolis.** Florianópolis: Sinergia, 1994.
- PEREIRA, Vera Maria Candido. **O Coração da Fábrica: Estudo de caso entre os operários textéis.** Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1979.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História.** Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- PINTO, Maria Inez Machado Borges. **Cotidiano e Sobrevivência: A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo. (1890 – 1924).** São Paulo: Edusp, 1994.
- PROJETO HISTÓRIA. **Dossiê: diálogos com E. P. Thompson.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC – SP. São Paulo: PUC, nº 12, 1995.
- PROST, Antoine. O Trabalho. In: **História da Vida Privada. Vol. V.** São Paulo, Schwarcz, 1992. P.P.21-61.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, História, Historiografia: Dossiê Ensino de História.** São Paulo: Marco Zero/FAPESP/ANPUH/CNPq, v. 13, nº 25/26, Set./92/ago./93.
- SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena: Experiências, falas dos trabalhadores da grande São Paulo. 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1988.
- SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC. 1995.
- SARTI, Cynthia Anderson. **A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas, SP. Autores Associados, 1996.
- SEHWAB, Aparecida Beduchi. **O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos Trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Blumenau – 1950-1988.** Florianópolis: UFSC, 1988. Dissertação de Mestrado.
- SINGER, Paul. **A Formação da Classe Operária.** 6ª ed. São Paulo: Atual. 1988.
- SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização.** 8ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1981.

- SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**: Uma perspectiva social. São Paulo, 13ª ed. Ática, 1995.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. A árvore da liberdade. Tradução Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. 1.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária inglesa**. A maldição de Adão. Tradução Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. 2.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária inglesa**. A força dos trabalhadores. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Vol. 3.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, E. P. **Tradición, Revuelta y Consciência de Clase**. Barcelona: Crítica, 1984.
- THOMPSON, E. P. **História Social & Antropologia**. Instituto Mora, Cuardenos Secuencia. México, 1994.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- VOLPATO, Terezinha G. **A Pirita Humana**: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC. Assembléia Legislativa, 1984.
- VOLPATO, Terezinha G. **Os Trabalhadores do Carvão**: A Vida e as Lutas dos Mineiros de Criciúma. USP, 1989. Tese de Doutorado.

WEFFORT, F. **Participação Social e Conflito Industrial: Contagem e Osasco – 1968.** Cadernos Cebrap, 1971.

WEFFORT, F. **Sindicato e Política.** Tese de livre-docência, USP, 1975.

WEIL, Simone. **A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão.** Org. de Ecléa Bosi. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ZAHAR, Alba. **A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado de pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZANELATTO, João Henrique. **As Condições de Vida dos Trabalhadores de Olarias de Morro da Fumaça.** Criciúma: UNESCO, 1993. Monografia.